

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo



Dissertação

**AS CHARQUEADAS SUL-BRASILEIRAS EM BAGÉ/RS: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE A ESPACIALIZAÇÃO DOS COMPLEXOS FABRIS DAS
VILAS INDUSTRIAL E SANTA THEREZA**

Isadora Baptista Alves

Pelotas, 2023

Isadora Baptista Alves

**AS CHARQUEADAS SUL-BRASILEIRAS EM BAGÉ/RS: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE A ESPACIALIZAÇÃO DOS COMPLEXOS FABRIS DAS
VILAS INDUSTRIAL E SANTA THEREZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Linha de Pesquisa: Teoria, História, Patrimônio e Crítica

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Montagna da Silveira

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Ester Judite Bendjouya Gutierrez

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação da Publicação

A472c Alves, Isadora Baptista

As charqueadas sul-rio-brasileiras em Bagé/RS: [recurso eletrônico] :
um estudo de caso sobre a espacialização dos complexos fabris das Vilas
Industrial e Santa Thereza

/ Isadora Baptista Alves ; Aline Montagna da Silveira, orientadora ; Ester
Judite Bendjouya Gutierrez, coorientadora. — Pelotas, 2022.

146 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Charqueada Santa Thereza. 2. Charqueada industrial. 3. Bagé. 4.
Fronteira. 5. Cultura material. I. Silveira, Aline Montagna da, orient. II.
Gutierrez, Ester Judite Bendjouya, coorient. III. Título.

CDD 711

Isadora Baptista Alves

**AS CHARQUEADAS SUL-BRASILEIRAS EM BAGÉ/RS: UM ESTUDO DE
CASO SOBRE A ESPACIALIZAÇÃO DOS COMPLEXOS FABRIS DAS
VILAS INDUSTRIAL E SANTA THEREZA**

Data da defesa: 14/08/2023.

Banca examinadora:

.....
Prof. Dra. Aline Montagna da Silveira (Orientadora)

.....
Prof. Dra. Ester Judite Bendjouya Gutierrez (Coorientadora)

.....
Prof. Dra. Ana Lúcia Costa de Oliveira (PROGRAU/UFPel)

.....
Prof. Dr. Antonio Soukef Junior (PROGRAU/UFPel)

.....
Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes (ICH/UFPel)

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo construir uma narrativa histórica que amplie as discussões que vêm sendo desenvolvidas sobre o complexo formado pelas Vilas Industrial e Santa Thereza, localizadas na cidade de Bagé/Rio Grande do Sul. Esta investigação dialoga com diferentes fontes históricas, que ajudam a compreender e analisar a espacialidade do complexo fabril-charqueador, ressaltando a pluralidade de significados que novas formas de enxergar a história podem assumir. Assim, o trabalho pretende estimular a produção de uma abordagem sobre o complexo, que estuda os espaços e edificações relacionados à vida cotidiana dos seus moradores, que muitas vezes podem passar despercebidos em processos de patrimonialização de bens de valor cultural. A aproximação de diferentes fontes de investigação pesquisadas, como depoimentos e fotografias, permitiu conhecer a produção do espaço, as relações sociais e o funcionamento do complexo fabril, tornando-se um instrumento para realizar aproximações à realidade social na época. Os caminhos metodológicos deste estudo incluem a revisão bibliográfica em fontes primárias e secundárias, a coleta de dados textuais e iconográficos em instituições de ensino e pesquisa e a realização de entrevistas para a obtenção de depoimentos de interlocutores que vivenciaram (ou vivenciam) o local. A aproximação histórica da cultura material perpassa a análise dos registros, entrelaçando notícias da imprensa com documentos cartográficos, fotografias, relatos e impressões dos moradores atuais. A abordagem adotada permitiu a compreensão sobre a espacialidade e algumas particularidades dos estabelecimentos saladeiris. Espera-se que este trabalho contribua para ampliar a compreensão de implantação da charqueada sul-brasileira na fronteira a partir do cotidiano de seus moradores.

Palavras-chave: Charqueada Santa Thereza. Charqueada Industrial. Bagé. Fronteira. Cultura Material.

Abstract

This dissertation aims to build a historical narrative that expands the current discussions about the complex formed by Vilas Industrial e Santa Thereza, located in the city of Bagé/Rio Grande do Sul. This investigation dialogues with different historical sources, which help to understand and analyze the spatiality of the complex, highlighting the plurality of meanings that new ways of seeing history can assume. Thus, the work intends to stimulate the production of an approach about the complex, which studies the spaces and buildings related to the daily life of its residents, which can often go unnoticed in processes of patrimonialization of assets of cultural value. The approximation of different sources of investigation researched, such as testimonies and photographs, allowed to know the production of the space, the social relations and the functioning of the factory complex, becoming an instrument to carry out approximations to the social reality at the time. The methodological paths of this study include a bibliographic review in primary and secondary sources, the collection of textual and iconographic data in teaching and research institutions and conducting interviews to obtain testimonials from interlocutors who lived (or live) in the place. The historical approximation of material culture permeates the analysis of records, interweaving press reports with cartographic documents, photographs, reports and impressions of current residents. The adopted approach allowed understanding about the spatiality and some particularities of the establishments. It is hoped that this work will contribute to broaden the understanding of the implementation of *charqueadas* sul-rio-grandenses on the border of Brazil from the daily life of its residents.

Key-words: Charqueada Santa Thereza. Charqueada Industrial. Bagé. Border. Material Culture.

Lista de Figuras

Figura 01	Mapa com a localização do município de Bagé, ao sul do Rio Grande do Sul	pág. 13
Figura 02	Espacialização das Vilas Industrial e Santa Thereza	pág. 14
Figura 03	Mapa com a localização das charqueadas sul-brasileiras	pág. 30
Figura 04	Mapa da rede ferroviária sul-americana em 1893	pág. 31
Figura 05	Mapa esquemático da malha ferroviária do RS em 1898	pág. 33
Figura 06	Planta de Bagé com a marcação das charqueadas	pág. 36
Figura 07	Capela Santa Thereza e Teatro Santo Antônio	pág. 39
Figura 08	Prédio da Charqueada São Domingos	pág. 40
Figura 09	Anúncio da Charqueada São Domingos	pág. 41
Figura 10	Planta do Município e da Cidade de Bagé	pág. 42
Figura 11	Recorte da Planta do Município de Bagé, ênfase à Planta da cidade	pág. 43
Figura 12	Recortes da Planta do Município de Bagé, ênfase para as representações das charqueadas São Martim e São Domingos (A) e Industrial e Santa Thereza (B)	pág. 43
Figura 13	Linha Ferroviária passando pelas charqueadas Santa Thereza e Industrial	pág. 47
Figura 14	Mapa com a suposta localização das estâncias do Visconde	pág. 54
Figura 15	Planta dos campos da Charqueada Santa Thereza, 1924	pág. 55
Figura 16	Planta com marcação da Tablada e Matadouro Municipal	pág. 59
Figura 17A	Palacete do Visconde, s. d.	pág. 75
Figura 17B	Recorte da Figura 17A, ênfase para mulheres usando avental	pág. 77
Figura 18	Esquema das transformações da volumetria do Palacete	pág. 78
Figura 19	Palacete do Visconde, após modificações, s. d.	pág. 79
Figura 20	Vista do jardim do Palacete do Visconde, s. d.	pág. 84
Figura 21	Charqueada Industrial, s. d.	pág. 86

Figura 22	Varais de charque, Charqueada Industrial, s. d.	pág. 87
Figura 23	Varais de charque, Charqueada Industrial, s. d.	pág. 89
Figura 24A	Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.	pág. 91
Figura 24B	Recorte da Figura 24 ^a , ênfase para as pessoas na imagem, s. d.	pág. 92
Figura 25	Recorte com ênfase para o prédio da Charqueada Santa Thereza.	pág. 92
Figura 26	Charqueada Santa Thereza, s. d.	pág. 93
Figura 27	Recorte com ênfase para a posição dos trabalhadores.	pág. 94
Figura 28	Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.	pág. 95
Figura 29	Recorte com ênfase para o barco, s, d.	pág. 98
Figura 30	Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.	pág. 99
Figura 31	Construção do poço, s. d.	pág. 102
Figura 32	Vista geral da Charqueada Santa Thereza, s. d.	pág. 104
Figura 33	Recorte com ênfase para as vilas operárias.	pág. 105
Figura 34	Mapa com a marcação das vilas operárias na Vila Industrial e Santa Thereza.	pág. 106
Figura 35	Conjunto Residencial A – Santa Thereza	pág. 107
Figura 36	Conjunto Residencial A – Santa Thereza	pág. 107
Figura 37	Planta Baixa de unidade do Conjunto Residencial A	pág. 108
Figura 38	Conjunto Residencial B – Santa Thereza	pág. 109
Figura 39	Conjunto Residencial C – Santa Thereza	pág. 109
Figura 40	Conjunto Residencial D – Industrial	pág. 110
Figura 41	Conjunto Residencial E – Industrial	pág. 111
Figura 42	Vista da Fábrica de Línguas McCall & Cia Ltda., s. d.	pág. 112
Figura 43	Recorte com ênfase para o cercado do local.	pág. 113
Figura 44	Vista da Fábrica de Línguas McCall & Cia Ltda., s. d.	pág. 115

Figura 45	Coreto da Vila Santa Thereza, s. d.	pág. 118
Figura 46	Coreto da Vila Santa Thereza, s. d.	pág. 120
Figura 47	Pessoas sobre a ponte do coreto, s. d	pág. 122
Figura 48	Capela Cristo Redentor, s.d.	pág. 123
Figura 49	Recorte da Figura 48, s.d	pág. 124
Figura 50	Mapa temático com suposta organização do complexo	pág. 126

Lista de Abreviaturas

TFG – Trabalho Final de Graduação

UFPel – Universidade Federal de Pelotas

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
<hr/>	
1 PONTO DE PARTIDA: O PERÍODO DO CHARQUE NO RIO GRANDE DO SUL	21
1.1 A produção saladeiril e a sua relação com os cursos d'água	22
1.2 Os caminhos de ferro e as charqueadas no interior do estado	26
1.2.1 Considerações sobre os núcleos charqueadores em Bagé	33
<hr/>	
2 A PRODUÇÃO DO CHARQUE EM BAGÉ: DA CRIAÇÃO AO ABATE	48
2.1 As áreas de apoio à produção saladeiril	48
2.1.1 Estâncias de criação	49
2.1.2 A Tablada e o Matadouro Municipal	54
2.2 Entre edifícios e jardins: A Charqueada Industrial e Santa Thereza	59
2.2.1 Práticas paternalistas, mão de obra e entressafra	61
<hr/>	
3 UM CENÁRIO DO ESPAÇO FABRIL: ESTRUTURAS E REPRESENTAÇÕES	70
3.1 Residências	74
3.2 Locais de trabalho	84
<hr/>	
4 OUTROS ESPAÇOS E REFLEXÕES SOB A ÓPTICA DA (IN) VISIBILIDADE	112
4.1 Espaços de lazer e institucionais	113
4.2 A (in) visibilidade: desigualdades nas representações	122
4.3 Ascensão e declínio: do charque aos frigoríficos	125
<hr/>	
CONSIDERAÇÕES	131
FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	134
ANEXO A - roteiro básico de entrevista	140
APÊNDICE A - sinopse dos entrevistados	142

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A história, quando analisada por diferentes perspectivas, desempenha um papel fundamental para a compreensão do mundo e do contexto social de diversos acontecimentos e períodos. A produção historiográfica contemporânea tem cada vez mais exercido o papel de dar voz a atores e aspectos anteriormente invisibilizados (BURKE, 2004). O desafio deste trabalho consiste em colaborar com um olhar alternativo sobre a historiográfica local, que em sua maioria é consolidada e embasada em um panorama convencional de escrita da história, como é o caso da formação do território fronteiro sul-brasileiro e a consolidação do período do charque na região.

Nos processos de ocupação de novos territórios, são inúmeros os fatores que contribuem para o povoamento de determinadas regiões. No estado do Rio Grande do Sul, a expressiva presença de padres jesuítas, a catequização dos indígenas, a criação do gado *vacum* e desenvolvimento da pecuária, e ação dos bandeirantes (BICA, 2017) foram os fatores que contribuíram para tais processos e, futuramente, para a formação de aspectos da identidade local.

Segundo Pesavento (1985), o gado adentrou o Rio Grande do Sul por meio da intervenção dos padres jesuítas, os quais estabilizaram suas missões na margem oriental do Rio Uruguai, no início do século XVII. Os jesuítas foram expulsos da região pelos bandeirantes paulistas, que tinham a função de aprisionar indígenas estabelecidos nas missões e vendê-los como escravos em lavouras de açúcar da região nordeste. Com isso, jesuítas e guaranis abandonaram a vacaria do Mar e fundaram a vacaria dos Campos de Cima da Serra. Os 33 povos estavam localizados no Paraguai, na Argentina e no Rio Grande do Sul (GUTIERREZ, 2001).

Em suma, ao longo de quase duzentos anos de ocupação, os lusitanos e bandeirantes moveram-se ao sul, explorando a região em busca de nativos, rebanhos e comércio no rio da Prata, que recebeu esse nome por causa do metal que por ali escoava. A ocupação do território se deu por meio das manadas, da preia do gado e, em seguida, através das estâncias que surgiram com a doação

das sesmarias. Posteriormente, perto da Vacaria do Mar¹, ocorreu a instauração dos estabelecimentos de salga da carne (GUTIERREZ, 2001).

A partir desse momento, as charqueadas passaram a repercutir diretamente no desenvolvimento econômico do atual estado do Rio Grande do Sul. No que se refere à cidade de Bagé, localizada ao sul do estado (**Figura 01**), elas implicaram também na expansão do território que, de acordo com Boucinha (1993), teve seu crescimento urbano estagnado até a fundação da primeira charqueada. O gado, que no princípio era levado para charqueadas situadas em Pelotas e Montevideu, começou a ser aproveitado localmente, representando um marco da nova fase para o contexto econômico do município (BOUCINHA, 1993).

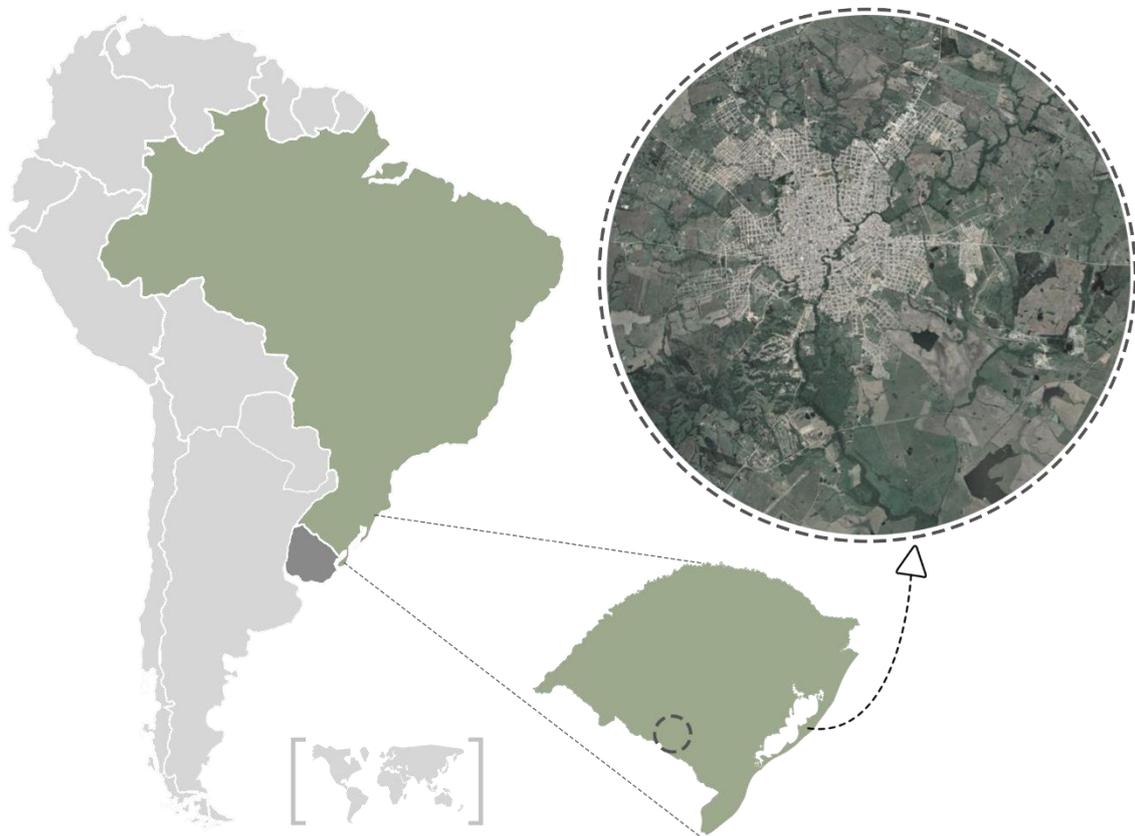


Figura 01: Mapa com a localização do município de Bagé, ao sul do Rio Grande do Sul.
Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2023.

Essas transformações acarretaram significativas mudanças no quadro social e econômico do município durante o chamado “Ciclo do Charque”. A vida de inúmeras pessoas era vinculada a esta prática, repercutindo no seu cotidiano

¹ Maior rebanho conhecido na época (GUTIERREZ, 2001) localizado na atual região da campanha gaúcha.

e imprimindo peculiaridades nos espaços de produção saladeiril. Esse conjunto de heranças que se manifestam em locais de sociabilidade, de lazer, de habitação e de trabalho (no âmbito social, de lazer, nas vilas operárias e na força de trabalho) existentes nos complexos fabris ultrapassam os espaços de produção propriamente ditos.

A Charqueada Industrial e a Charqueada Santa Thereza foram os primeiros estabelecimentos saladeiris em grande escala fundados no município de Bagé. Localizados cerca de sete quilômetros do centro da cidade, um complexo urbano se formou ao redor das charqueadas, provido de estabelecimentos industriais e comerciais, além de residências destinadas aos trabalhadores. Distantes cerca de 1,5 quilômetros entre si, as Vilas Industrial e Santa Thereza (**Figura 02**) e os seus remanescentes foram o foco desta pesquisa.

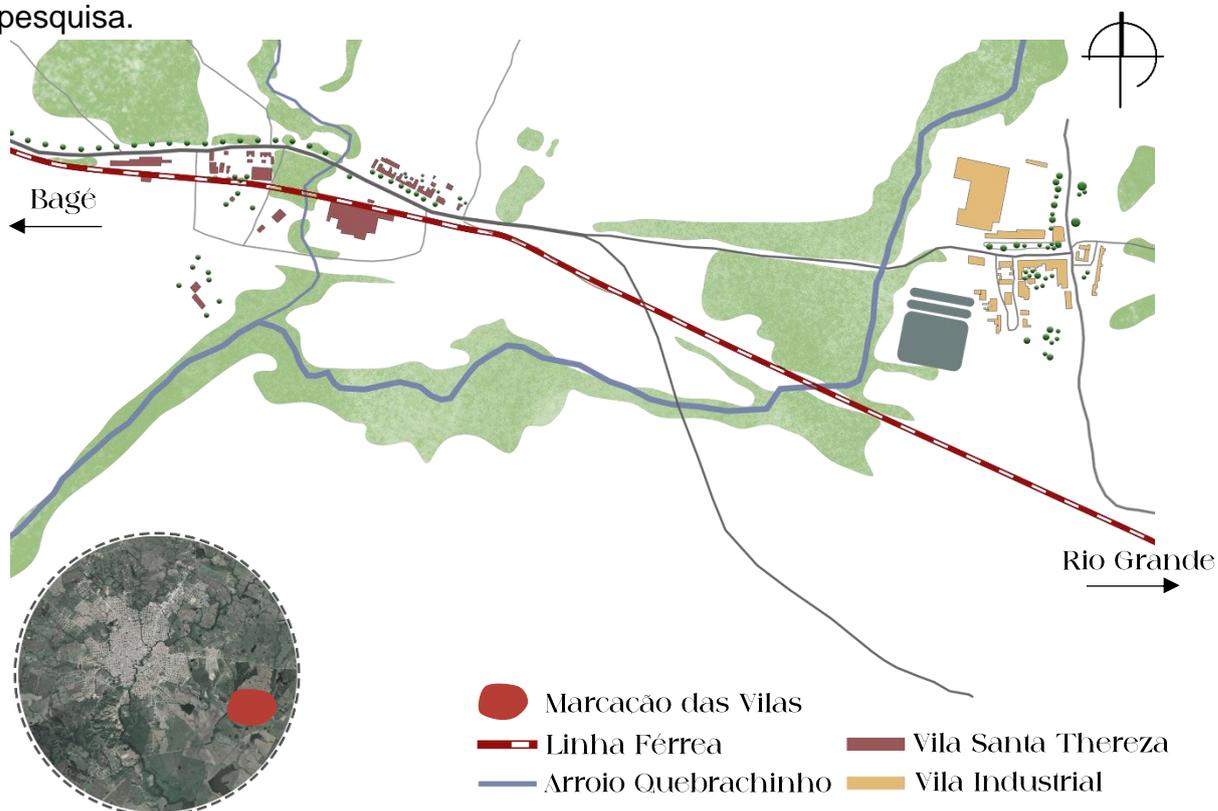


Figura 02: Espacialização das Vilas Industrial e Santa Thereza.

Fonte: Google Maps, adaptado pela autora, 2023.

Com a finalidade de estudar esses estabelecimentos charqueadores, elaborei, no ano de 2019, o Trabalho Final de Graduação (TFG)² do curso de

² Entre Charqueadas: Um Caminho de Memórias - Diretrizes de preservação para as Vilas de Santa Thereza e Industrial - Bagé/RS. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/tfgonline/temas/patrimonio/>

graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. Neste trabalho apresentei um plano de regulamentação, que estabelecia diretrizes de preservação com o objetivo de proteger os aspectos materiais, imateriais e naturais presentes nas Vilas Industrial e Santa Thereza.

De forma geral, o apogeu do charque produziu um significativo legado material e imaterial, passível de investigações que podem revelar diferentes interpretações e significados sobre a vida naquele tempo. Diante dessas questões, permaneceu o interesse em aprofundar as pesquisas acerca do tema. Nessa perspectiva, surgiu a intenção de investigar a produção da cultura material do lugar, na tentativa de compreender as particularidades do funcionamento e da espacialidade dos estabelecimentos saladeiris do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, localizados na região da fronteira Brasil-Uruguai, com foco na cidade de Bagé.

Durante a realização do TFG, e de algumas pesquisas realizadas posteriormente no decorrer do Mestrado, diversas questões chamaram a minha atenção. A primeira delas foi perceber certa invisibilidade sobre a Charqueada Industrial em relação à Charqueada de Santa Thereza. Apesar da charqueada da Companhia Industrial Bageense ter sido a primeira de grande escala fundada no município de Bagé, foi perceptível a desigualdade de materiais encontrados sobre esses complexos fabris, sejam esses de natureza bibliográfica ou iconográfica.

Outro fator considerado foi a carência de material sobre as vilas operárias, sendo o foco principal das publicações os exemplares monumentais mais expressivos, como a igreja, o teatro, o coreto e o palacete do proprietário da charqueada Santa Thereza. Embora alguns estudos mais recentes que integram o livro *História de Bagé: novos olhares (2021)* possam apresentar uma nova abordagem da história, através de uma multiplicidade de perspectivas, considero que este talvez seja o início de um potencial caminho a ser percorrido.

Além das instalações das charqueadas e das vilas operárias³, as duas localidades (Vilas) contavam com outros inúmeros estabelecimentos que

³ O termo “Vilas” foi utilizado ao longo do texto para fazer referência ao lugar, no sentido mais amplo, às Vilas de Santa Thereza e Industrial que são formadas por diversas edificações industriais e residenciais. Já o termo “vilas”, foi utilizado para designar as edificações residenciais dos moradores, também utilizado como “vilas operárias” ou “vilas residenciais”.

integravam o complexo fabril-charqueador. Este estudo parte da premissa de que esses locais devem ser compreendidos como um conjunto, e não como elementos isolados. Entre os espaços de produção, além das charqueadas, existiam fábricas de línguas enlatadas, curtume, fábrica de velas, de sabão, entre outros. Apesar do conhecimento sobre a existência desses outros locais de produção, pouco se sabe sobre eles. As transformações que ocorreram com a passagem do tempo tornaram difícil inclusive a identificação e a localização dos remanescentes destes estabelecimentos no local.

O interesse pelo conjunto dessas permanências e ausências fabris perpassa a ampliação do conceito de bem cultural, que se consolidou no final dos anos 1980. A Constituição de 1988 foi responsável por esse alargamento no conceito de *Patrimônio Cultural* afirmando que

Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (BRASIL, 1988, art. 216).

Adotado até hoje, esse conceito considera inúmeros e diversos os bens passíveis de preservação, apresentando características materiais, imateriais e naturais, frutos da relação do ser humano com a natureza, e também consequências das práticas humanas, culturais e políticas da sociedade.

Entende-se assim que a narrativa dos processos de patrimonialização, que antes era pautada em bens representativos das classes que detêm poder econômico, abriu espaço para produção dos outros atores sociais, os trabalhadores, que representam a maioria da vida cotidiana da sociedade.

Os bens materiais, imateriais e naturais acabam caracterizando um valor simbólico e sentimental para as comunidades que os detêm, fazendo com que a memória coletiva (HALBWACHS, 2004) daquela comunidade seja também reproduzida através da proteção do bem cultural. Segundo Candau (2011), a representação do patrimônio, quando compartilhada num grupo particular e como característica e manifestação de uma comunidade, contribui para a naturalização de determinada cultura.

Barda (2007) acrescenta que a análise sobre o patrimônio não pode ser feita somente a partir dos valores estéticos do bem, mas também por meio do reconhecimento dos símbolos e significados que adquiriram na dimensão do

coletivo, passando a traduzir uma noção de pertencimento e reconhecimento de certo lugar. Neste caminho, Monastirsky (2009) colabora ao afirmar que a memória sacraliza o vivido de um grupo social ao manifestar sensações de pertencimento e dos laços afetivos.

Avaliando as mudanças na concepção do campo da preservação e as legislações presentes no estudo de caso analisado, este trabalho também contribui para as reflexões sobre a preservação do patrimônio cultural, como significativo representante da identidade da memória coletiva (HALBWACHS, 2004).

O objetivo principal desta pesquisa é construir uma narrativa - através de documentos – sobre a espacialidade do complexo fabril-charqueador formado pelas Vilas Santa Thereza e Industrial, entendendo o funcionamento e os processos de produção na época do apogeu das charqueadas. Os objetivos específicos pretendem: a) descrever a produção saladeiril na fronteira sul do Rio Grande do Sul, evidenciando as peculiaridades referentes ao período do charque no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX; b) analisar a implantação da via férrea como elemento de escoamento da produção na época e como a implantação desses complexos se vinculavam com os modais de transporte; c) apontar as diferentes camadas e temporalidades que se sobrepuseram nesses complexos fabris e; d) verificar aspectos sociais presentes em relatos e registros fotográficos.

O recorte espacial deste trabalho compreende o complexo fabril formado pelas Vilas Industrial e Santa Thereza. Nessa perspectiva, buscou-se compreender a inserção geográfica em um determinado contexto espacial e temporal. Para isso, estabeleceram-se relações com a região da fronteira sul do Rio Grande do Sul, com um olhar aproximado sobre a cidade de Bagé e os demais núcleos saladeiris que ali se instalaram no final do século XIX.

Este recorte faz com que seja possível a discussão sobre as charqueadas implantadas no final do século XIX e no início do século XX localizadas, em sua maioria, na fronteira sul-rio-grandense (SOARES, 2006).

No caso deste trabalho, a temporalidade fica sujeita à data de implantação da via férrea na cidade de Bagé, em 1884, pois entende-se que este fato foi determinante para o começo do período do charque no município. O limite deste

estudo é o ano de 1964, quando ocorreu a intensificação da Faixa de Fronteira⁴, resultando em dificuldades de desenvolvimento econômico, agravadas pelo governo militar, que priorizava os interesses nacionais sobre os locais (NEUTZLING, 2009).

Os caminhos metodológicos deste estudo incluíram a revisão bibliográfica em fontes primárias e secundárias, a coleta de dados textuais e iconográficos em instituições de ensino e pesquisa, e depoimentos sobre o objeto de estudo. A abordagem partiu da construção de uma narrativa buscando aproximações com o campo da história da cultura material. Nessa perspectiva, buscou-se compreender a materialidade do complexo fabril-charqueador a partir da análise de registros, como documentos cartográficos e fotográficos, entrelaçando notícias da imprensa, impressões da época e narrativas dos moradores atuais. A produção de representações cartográficas que enfatizam informações específicas, foi uma ferramenta utilizada para auxiliar na compreensão dos espaços de apoio à produção saladeiril.

Essa pesquisa teve parte de sua realização durante a pandemia de Covid-19, desta forma, a coleta de dados foi feita de maneira remota ou presencialmente. Foram realizados levantamentos em acervos de instituições para obtenção de material cartográfico, iconográfico e jornais da época. Quanto às fotografias, estas foram obtidas em pesquisa no acervo do Museu Dom Diogo de Souza, no Arquivo Público Municipal de Bagé e no Centro Histórico Santa Thereza, todos localizados em Bagé.

Em relação à Charqueada Industrial, a documentação foi obtida através de pesquisa realizada no Museu Dom Diogo de Souza e consta de uma fotografia onde podem ser observadas as instalações da charqueada, bem como a paisagem e os trabalhadores do empreendimento. Outras imagens referentes à Vila Industrial, foram compartilhadas por moradores ou ex-moradores através das redes sociais (Facebook).

Em relação à Charqueada Santa Thereza, as buscas alcançaram um resultado mais diversificado. No Museu Dom Diogo de Souza foram obtidas inúmeras imagens da charqueada, revelando vistas do empreendimento, cenas

⁴ Faixa de segurança estabelecida durante o governo de Café Filho, em 1955. A lei nº 2597/1965 estabeleceu a faixa de 150 quilômetros de largura, onde Bagé estava localizada, para fins de defesa nacional (NEUTZLING, 2009).

urbanas e retratos. Outras imagens foram obtidas no Centro Histórico Santa Thereza e em contato com Eliane Simões Pires, ex-coordenadora da Associação Pró Santa Thereza. Também foi localizada a “Planta da Xarqueada⁵ Santa Thereza” de 1924 no Arquivo Público Municipal de Bagé.

A cartografia do Rio Grande do Sul e da cidade de Bagé foi estudada a partir de mapas obtidos no Museu Dom Diogo de Souza, na Biblioteca Digital del Patrimonio Iberoamericano (BDPI)⁶, na Diretoria de Serviços Geográficos do Ministério do Exército e no Arquivo Nacional. Os mapas referentes à Bagé contemplam o período anterior e posterior à implantação das charqueadas.

Em relação aos jornais da época, auxiliaram este estudo as publicações do **Correio da Europa** (Lisboa, 1913), **O Comercio** (Bagé, 1906), **O Dever** (Bagé, 1911; 1915; 1922), **O Rio Grande do Sul** (s.d.), e **O Independente** (Porto Alegre, s. d.)

Além do material mencionado anteriormente, sobre o período estudado, foram investigadas as seguintes obras: as publicações de Jorge Reis, em seus Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé (1911), e os Relatórios Municipais apresentados por Pedro Antônio da Cunha (em 1903) e pelo coronel Juvêncio Maximiliano Lemos (em 1931) contribuíram para as aproximações com os relatos da época. O livro Aspectos Gerais de Bagé (1940) de Fortunato Pimentel e Impressões do Brazil no Século Vinte (1913) de Reginald Lloyd, também integram a produção bibliográfica publicada.

Os relatos de viajantes, como Júlia Lopes de Almeida (1920) e Guilherme Flores da Cunha (1958), foram considerados procurando identificar suas percepções e peculiaridades para além daquilo que é documentado em outras fontes. É preciso enfatizar que os estudos bibliográficos e os materiais analisados permeiam a redação deste trabalho.

No primeiro capítulo, *Ponto de Partida: o período do charque no Rio Grande do Sul*, foi realizada uma apresentação sobre o período do charque com ênfase à importância dos meios de transporte para a consolidação das charqueadas na província. Para tanto, estes estabelecimentos foram divididos de acordo com Marques (1990), em charqueadas que dependiam dos cursos d’água para o seu funcionamento, e aquelas que surgiram a partir da

⁵ A escrita “Xarqueada” perpassa em razão da ortografia utilizada na época.

⁶ Material digital disponível no site <http://www.iberoamericadigital.net/BDPI/Inicio.do>.

implementação da linha férrea. Além das contribuições de Marques, foram investigados os trabalhos de Pesavento (1980; 1985 e 1986), Gutierrez (2001; 2004), Boucinha (1993) e Corsetti (1983). O capítulo encerra com apontamentos sobre o surgimento das charqueadas na cidade de Bagé, a partir da implementação da linha férrea.

A produção do charque em Bagé: da criação ao abate é o segundo capítulo, e aborda o funcionamento das charqueadas na cidade. São apontados alguns estabelecimentos necessários para a consolidação do período do charque no município, como as estâncias de criação de gado, a Tablada e o Matadouro Municipal. Ao final do capítulo são apresentadas as charqueadas Industrial e Santa Thereza, abrangendo desde sua origem até algumas particularidades desses estabelecimentos, tais como a mão de obra empregada, as práticas de cunho paternalista e algumas complexidades enfrentadas durante a entressafra.

A análise de fotografias e relatos de moradores e ex-moradores, foi realizada no terceiro e quarto capítulos, denominados: *Um cenário do espaço fabril: estruturas e representações* e *Outros espaços e reflexões sob a óptica da (in) visibilidade*. No terceiro capítulo, foram abordadas as análises referentes às residências e espaços de trabalho, enquanto o quarto capítulo foi dedicado aos espaços institucionais, como a capela da Vila Industrial e aos espaços de lazer. Adicionalmente, o capítulo 4 se encerra com uma análise sobre as visibilidades e invisibilidades dos registros analisados. Por fim, o trabalho foi concluído com algumas considerações pertinentes sobre o declínio do período do charque.

Partindo de trabalhos como os Ana Maria Mauad (1996; 2008; 2012 e 2016) as fotografias que subsidiaram as reflexões deste estudo foram divididas em categorias temáticas afim de observar as diferenças e similaridades evidentes em cada uma. Após essa divisão, o conceito de *espaço fotográfico* (DUBOIS, 1994), elucidado no trabalho de Ivo Canabarro (2015) foi utilizado para a análise dos planos que compõem as imagens fotográficas.

Além dessa análise mais pontual sobre as imagens, foi feita uma investigação sobre as questões intrínsecas que podem ser interpretadas nas fotografias. Ao examiná-las foi possível identificar elementos simbólicos e representativos, como questões sociais, a presença de diferentes grupos, suas vestimentas, gestos corporais. Todas essas questões, associadas à relatos de

moradores e ex-moradores e notícias de jornais, revelam símbolos e signos visuais que transmitem valores culturais, de status e identidade coletiva. Por meio dessas análises foi possível desvendar camadas de significado que muitas vezes são ocultas na historiografia.

Em relação às impressões e relatos, a oralidade foi essencial para o desenvolvimento deste estudo, a partir do qual se pode aproximar das vivências e percepções dos moradores de Santa Thereza em relação ao espaço fabril-charqueador em que vivem ou viveram. A metodologia de história oral abordada engloba a categoria temática (MEIHY, 2005). Assim, a partir do roteiro básico de entrevista que pode ser encontrado no Anexo A, ao final deste trabalho, foram tratadas questões diversas envolvendo as experiências de vida na Vila de Santa Thereza e Industrial.

Além das entrevistas realizadas especificamente para este estudo, integram as análises os relatos encontrados no documentário Vila de Santa Thereza⁷, realizado por Adriana Gonçalves Ferreira, que “[...] apresenta um estudo que atenta sobre a comunidade que habita essa Vila e seus relatos através da oralidade capturada em formato de filme documentário [...]” (FERREIRA, 2020). Para as aproximações no campo da história oral foram abordadas as pesquisas de Candau (2011), Halbwachs (2004), Meihy (2005) e Monastirsky (2009).

Os processos de urbanização da região da fronteira sul do Rio Grande do Sul, principalmente da cidade de Bagé, estavam relacionados à produção do charque e da pecuária, dinâmicas econômicas que marcaram a formação do território sul rio-grandense. Espera-se que esse trabalho possa contribuir para a compreensão da espacialidade dos complexos fabris charqueadores da região da fronteira, a partir de uma leitura do campo da arquitetura e do urbanismo.

⁷ Disponível em: <https://www.pontodeculturapampasemfronteiras.com/santathereza>. Acesso em 28 de mar. de 2023.



PONTO DE PARTIDA: O
PERÍODO DO CHARQUE
NO RIO GRANDE DO SUL

I PONTO DE PARTIDA: O PERÍODO DO CHARQUE NO RIO GRANDE DO SUL

A criação de gado e as práticas que se utilizam desta atividade compõem o cenário econômico do estado do Rio Grande do Sul desde a sua formação. Corsetti (1983) afirma que os meios de acesso às terras permitiram o desenvolvimento de grandes propriedades pastoris, nas quais a criação de gado era realizada, inicialmente, de forma extensiva e com poucos recursos técnicos.

No final do século XVIII, o surgimento da manufatura do charque trouxe novos rumos aos fins da criação de gado, promovendo o desenvolvimento de uma nova atividade. Segundo Riet (1926), o charque teve boa aceitação nos portos do Nordeste, iniciando assim uma nova fase da economia gaúcha.

Apesar de antigamente os principais produtores da carne-seca⁸ localizarem-se no Nordeste, a partir de 1770, aproximadamente, o charque passou a integrar o âmbito da pecuária gaúcha, como resultado do aproveitamento da matéria prima da principal atividade econômica desenvolvida até então: a criação de gado. Inicialmente, sob a mão-de-obra escravizada, as charqueadas gaúchas produziram, no decorrer do século XIX, os principais produtos de exportação do sul do Brasil, como o charque, o sebo, a banha e o couro (PESAVENTO, 1985).

A partir do entendimento de que o período do charque não ocorreu de forma homogênea no estado, o conteúdo tratado nesta etapa pretende introduzir e caracterizar a produção saladeiril dos estabelecimentos charqueadores nas suas diferentes épocas.

Este capítulo foi subdividido em duas partes que contextualizam a produção do charque no Rio Grande do Sul. Para tanto, foram utilizados três períodos elencados por Marques (1990): as charqueadas pré-industriais, de Pelotas e do interior. *A produção saladeiril e a sua relação com os cursos d'água* abrange as charqueadas que surgiram em torno de arroios e lagoas e dependiam do transporte por água para o seu funcionamento e escoamento da produção através da conexão com o porto. *Os caminhos de ferro e as charqueadas do interior* ressaltam uma nova realidade que foi possível a partir da implementação da via férrea no Rio Grande do Sul, adentrando no município de Bagé.

⁸ Processo mais simples de salga da carne (MARQUES, 1990).

I.1 A produção saladeiril e a sua relação com os cursos d'água

A economia charqueadora do Rio Grande do Sul foi impactada pelo tipo de infraestrutura de transportes que eram encontrados em determinadas localidades, em três situações. Primeiro, no momento em que o gado era transportado do interior para as áreas de produção. Segundo, quando a carne seca era enviada das unidades de produção para o porto de Rio Grande. E terceiro, o escoamento do produto, do porto de Rio Grande aos centros de consumo (CORSETTI, 1983).

As charqueadas precisavam de água para o abate de gado, para a salga, para a lavagem do produto final e escoamento de dejetos. Além disso, as águas dos rios e lagos da região também eram utilizadas como meio de transporte para o escoamento do charque.

As trocas internas de maior porte eram efetuadas por águas, sobretudo através das lagoas, do rio Jacuí e de seus afluentes. O domínio da hidrografia na sistematização dos transportes gaúchos, acabou por privilegiar, primeiramente, os portos que tinham possibilidade de receber navios vindos de alto mar, como Rio Grande e, depois, Pelotas (CORSETTI, 1983, p. 280).

Da mesma forma que Corsetti, Marques (1990) pondera que, de início, as primeiras charqueadas do estado dependiam do transporte por água. Tanto a chegada de itens essenciais para o preparo do charque, como o sal, quanto o escoamento da produção eram feitos através de uma conexão marítima com o porto.

De acordo com Pesavento (1986), antes da chegada de Pinto Martins na região, o charque já era produzido no território sul-brasileiro. A partir da implementação da agricultura de subsistência e estâncias, formaram-se, de fato, as primeiras charqueadas que surgiram no estado e que pertenciam à região litorânea, mais precisamente em Palmares do Sul, às margens do Guaíba e Jacuí (MARQUES, 1990).

O primeiro estabelecimento saladeiril nas proximidades de Porto Alegre surgiu em 1794, na margem direita do Jacuí, na área conhecida como "Charqueada Velha", seguido por outros dois, um no morro do Cristal e outro na Ponta do Dionísio (PESAVENTO, 1986).

O charque, até então, era feito em pequenas porções, sem o suporte de um mercado sólido e duradouro, ou seja, isso mostra que o produto em si ainda não representava uma mercadoria significativa para a economia gaúcha, o qual possuía como itens de exportação o couro, graxa animal e o gado, até o final do século XVIII (MARQUES, 1990). Esta fase, denominada por Marques (1990) como pré-industrial, durou até o ano de 1779, e compreendia charqueadas isoladas e espalhadas pelo território sul-brasileiro.

Antigamente, os principais produtores localizavam-se no Nordeste, pois a região, até então, não era assolada pelas secas. Com o passar do tempo, essa realidade mudou. As secas passaram a fazer parte da realidade dessa região, o que ocasionou na diminuição da produção e dos rebanhos.

No sul do país, Corsetti (1983) afirma que o cenário das charqueadas que se localizavam às margens do rio Jacuí era distinto das que se localizavam no município de Pelotas, tendo em vista que os barcos que transportavam os produtos chegavam a Guaíba e, posteriormente, a Lagoa dos Patos e Rio Grande.

O cerne do núcleo charqueador pelotense, constituído ao longo do século XIX, estruturou-se em mais de trinta fábricas contíguas situadas nas margens direita do arroio Pelotas e norte do canal São Gonçalo. Esses estabelecimentos contavam com um, dois ou três terrenos, faixas compridas e estreitas, intercalados por estradas. O terreno da charqueada, propriamente dito, localizava-se junto à beira da água, os poteiros do meio e de fora ou de fundos, ficavam junto ao Logradouro Público, onde os rebanhos de gado vinham das fazendas para serem comercializados (GUTIERREZ, 2001, p. 177)

No ano de 1776, durante o momento em que a colônia inglesa na América do Norte proclamava sua independência, o império colonial espanhol estabelecia o vice-reinado do Rio da Prata, com sede em Buenos Aires. Em 1778, os portos de Montevideu e Buenos Aires foram autorizados a realizar comércio exterior, e uma série de produtos ficou isenta do pagamento de impostos alfandegários nos portos da Península Ibérica. Houve um aumento considerável na exportação de couros bovinos, além da ampliação da demanda externa por outros produtos pecuários, como gorduras, sebo, lãs, chifres, pele e charque (GUTIERREZ, 2001).

Marques (1990) afirma que ao longo de um século, o charque representou um produto essencial da economia rio-grandense, juntamente com os couros,

gorduras e outros produtos provenientes da manufatura saladeiril. As charqueadas do Rio Grande do Sul se beneficiavam com o fornecimento da matéria-prima para a produção do charque. Como resultado, desempenhavam um papel fundamental no mercado regional, principalmente para o consumo, compra e negociação do rebanho gaúcho (PESAVENTO, 1985).

Pesavento (1986) indica que enquanto Rio Grande se consolidava como o principal centro escoador de produtos pecuários, Pelotas tornava-se o principal polo de produção do charque.

O eixo de produção concentrado em Pelotas e Rio Grande, núcleo produtor-exportador, permitiu a acumulação de capital comercial na região através da exportação dos gêneros da economia saladeiril para fora de Rio Grande. Neste caso, Pelotas dependia fundamentalmente de Rio Grande para a exportação de seus produtos. Conforme Pesavento (1986) o canal do São Gonçalo não permitia o acesso de navios de maior porte, então, em 1828, o charqueador Antônio José Gonçalves Chaves começou os trabalhos de desobstrução do canal, que foram concluídos apenas em 1876. Neste mesmo ano, o primeiro navio partiu de Pelotas e exportou charque diretamente para os Estados Unidos.

Além da importância dos caminhos fluviais para o escoamento da produção, esse acontecimento demonstra a importância da economia charqueadora para o desenvolvimento da região, bem como a necessidade de investimentos em infraestrutura que garantisse o crescimento econômico em questão. É notável como a desobstrução do canal São Gonçalo e a consequente possibilidade de exportação foram fatores impactantes para a expansão econômica e comercial de Pelotas.

Ocorreu também, uma valorização da pecuária, tornando-se a principal exploração da terra e atividade da população (MARQUES, 1990). Já o gado, que antes vinha do Sul e Uruguai, passou a ser transportado de distâncias maiores, ou seja, “da campanha, da fronteira oeste, das missões e da região do Planalto” (MARQUES, 1990, p. 28).

Pesavento (1985) desenvolve uma análise acerca da comparação, feita por Antônio Carlos Machado, entre as charqueadas do Jacuí e Pelotas. O mesmo afirma que as charqueadas do Jacuí predominaram até a época da Revolução Farroupilha e teriam entrado em declínio em virtude do conflito

ocasionado pelas dificuldades de aquisição de mão-de-obra, o aumento do preço do gado, problemas decorrentes da revolução nos meios de transporte e exportação da carne. Depois do conflito mencionado, “registrou-se o declínio dos estabelecimentos de Santo Amaro, Triunfo, Rio Pardo e Porto Alegre e a ascensão dos saladeiros de Pelotas” (PESAVENTO, 1985, p. 27).

No Rio Grande do Sul a atividade charqueadora criou um mercado regional para o gado e conferiu valor econômico para a carne. Ao longo do tempo, houve o aperfeiçoamento das técnicas aplicadas à produção, que permitiu a incorporação de uma mentalidade capitalista e comercial trazida, de certa forma, pelos imigrantes estrangeiros. O Uruguai se destacou como o principal concorrente do Rio Grande do Sul nesta atividade, sendo que muitas charqueadas implementadas aqui eram propriedades de charqueadores uruguaios.

Os cursos d’água foram fundamentais para o desenvolvimento da economia do charque no Rio Grande do Sul, pois garantiram a disponibilidade de águas para as charqueadas e permitiram o transporte do produto para outros mercados. A região de Pelotas, especialmente, se desenvolveu com base nos cursos d’água, em particular do canal São Gonçalo, que permitia o transporte do gado para o porto de Rio Grande e de lá para outras localidades de comércio. Além disso, a presença de rios e lagos na região contribuiu para a criação do gado, atividade econômica de base para a produção charqueadora.

1.2 Os caminhos de ferro e as charqueadas do interior do estado

O século XVIII foi marcado por uma série de transformações ao nível mundial. Do controle do tempo ao desenvolvimento e aprimoramento de técnicas e meios de produção, a construção das estradas de ferro são fruto desta virada moderna e tecnológica. Os caminhos de ferro, ao atravessarem aglomerados, cidades e regiões, estimularam processos industriais, de geração de renda ao passo que permitiram o transporte de produtos, animais e pessoas de forma ágil e contínua.

Em 1878 foi fundada a charqueada do Paredão em Cachoeira do Sul. Até este momento, era Pelotas que detinha todas as charqueadas voltadas à exportação, ou seja, era necessário dirigir-se até a Tablada⁹ pelotense para vender gado de corte (MARQUES, 1990).

A charqueada de Cachoeira do Sul, que era propriedade de Claussen, um imigrante alemão (PESAVENTO, 1986) expôs diversos produtos provenientes do seu estabelecimento na Exposição Brasileiro-Alemã, realizada em 1881, como charque, couros, graxas e sebos. De acordo com a autora, a especificação dos produtos como “sebo fino, sebo ordinário, graxa refinada especial, graxa grossa, azeite de mocotó” (PESAVENTO, 1986, p. 36) levava a pensar que era uma charqueada que já utilizava a máquina a vapor.

Após o surgimento da charqueada de Cachoeira do Sul, outras surgiram no interior, como as da Barra do Quaraí, Itaqui, São Borja e Quaraí, tributárias da rede ferroviária do Uruguai (MARQUES, 1990), que adentrou primeiro nas nossas fronteiras, ou das estradas de ferro do Rio Grande do Sul. Este foi então o período áureo do charque, o qual estendeu-se até o ano de 1917, durante a 1ª Guerra Mundial (MARQUES, 1990).

Segundo Pesavento (1980), no Uruguai as charqueadas apresentavam vantagens competitivas, como gado e pastagens de melhor qualidade, baixo custo de produção, expresso em terra, gado e sal, e sobretudo, trabalhadores livres, o que tornava o país um forte concorrente no mercado de charque. Outros fatores contribuíram para uma fortificação dos saladeiros platinos, como os efeitos ocasionados pela guerra civil federalista (1893-1895), acarretando na diminuição da produção de charque no Rio Grande do Sul, a diminuição do abate de gado na Argentina e as secas no Nordeste e Mato Grosso. Com a queda da oferta do charque dos concorrentes, o charque oriental praticamente dominou o mercado nacional, registrando-se um aumento das exportações uruguaias para o Brasil e uma elevação no preço do artigo.

No entanto, essa elevação de preço não foi necessariamente uma situação positiva, pois afetou a economia brasileira, ocasionando uma inflação. Isso levou a um recuo por parte dos consumidores. Como tática de enfrentamento desta adversidade, as charqueadas uruguaias voltaram-se para

⁹ Local para onde o gado era levado para ser comercializado.

a perspectiva de emigrar para o exterior, estabelecendo-se dentro das fronteiras do Rio Grande do Sul. Assim, poderiam evitar os impostos alfandegários cobrados pelo Brasil e abastecer mais facilmente o Nordeste.

A partir daí importantes estabelecimentos saladeiris foram fundados em terras gaúchas por empresários uruguaios, como a Companhia Saladero Barra de Quaray, fundada em 1887, a Dickinson & Cia., fundada em Itaqui em 1910, a São Carlos, em Quaraí em 1911 e o Saladeiro Alto Uruguai, também em 1911, em São Borja (PESAVENTO, 1980).

Na Província de São Pedro, como aponta Schmitz (2013), o desempenho da ferrovia estava atrelado à ascensão do comércio, da indústria e da economia, o que impactava no desenvolvimento das regiões pelas quais a linha de ferro passava.

O mapa apresentado na **Figura 03**, apresenta o registro das charqueadas do Rio Grande do Sul em momentos distintos. Primeiramente, as charqueadas que surgiram próximas aos rios Guaíba e Jacuí, testemunhas dos primórdios da atividade. Em Pelotas, localizadas próximas ao canal São Gonçalo e Arroio Pelotas, destacam-se outras importantes charqueadas que impulsionaram o desenvolvimento econômico da região. Em Cachoeira do Sul, a Charqueada do Paredão desempenhou um papel significativo na produção de charque.

Ao observar as tributárias das ferrovias inglesas, belga e da rede ferroviária do Uruguai, percebe-se a existência de charqueadas estratégicas em localidades como Barra do Quaraí, Itaqui, São Borja e Quaraí. Essas charqueadas aproveitaram a logística ferroviária para expandir sua produção e alcançar novos mercados.

Por fim, nas proximidades da viação férrea no Rio Grande do Sul, em cidades como Bagé, São Gabriel, Tupanciretã, Livramento e Júlio de Castilhos, encontram-se as charqueadas que se beneficiaram do transporte ferroviário para escoar seus produtos e fortalecer a indústria do charque na região.

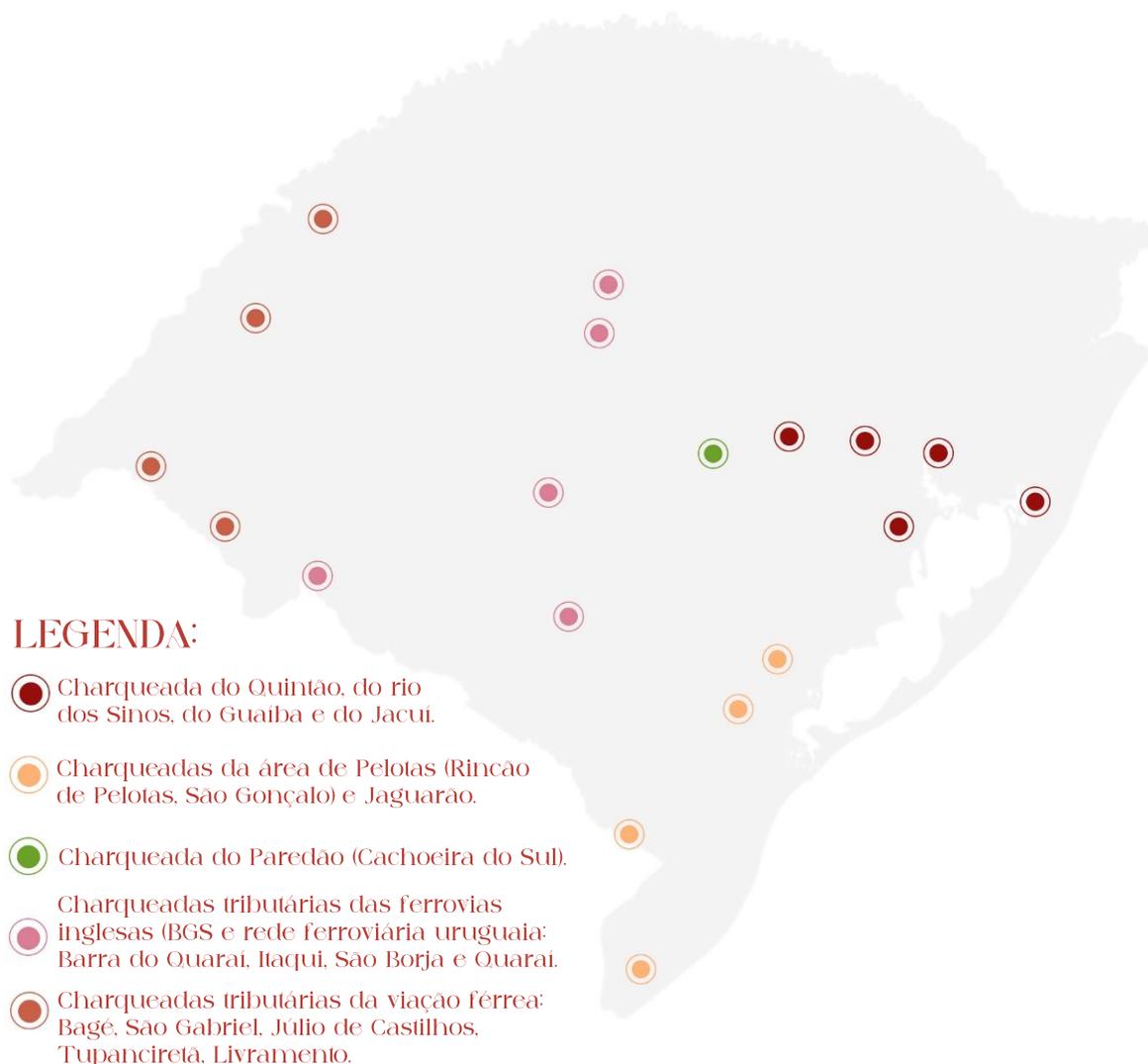


Figura 03: Mapa com a localização das charqueadas sul rio-grandenses.

Fonte: Adaptado pela autora (2023), Pesavento (1985) e Marques (1990).

Os meios de transporte, sejam por navegação, ferrovias ou rodovias, trouxeram importantes avanços para as localidades onde eram inseridos. No que se refere ao transporte ferroviário, as linhas férreas no Rio Grande do Sul faziam conexão com os portos de Rio Grande e Porto Alegre, e também Montevidéu e Buenos Aires (**Figura 04**). Este fato foi determinante para os estabelecimentos saladeiris surgirem no interior do estado.

belga. Dois anos depois, foi autorizada a fusão da companhia belga com a *Southern Brazilian Rio Grande do Sul Railway Company Limited*, de capital inglês (IPHAE, 2002).

As obras de construção da estrada de ferro com destino a Bagé partiram de Rio Grande, num sentido paralelo à fronteira do estado do Rio Grande do Sul com o Uruguai. Foram inauguradas no dia 4 de dezembro de 1884. Ao interligar Rio Grande, Pelotas e Bagé, a via férrea consolidou o tripé econômico porto-charque-gado, estruturado na criação, produção e exportação do couro, da carne salgada e derivados (NEUTZLING, 2009).

A partir da década de 1850 foi que o transporte ferroviário começou a ser implementado no Brasil, no momento em que o Império tentava se fortalecer como uma nação unificada e independente de Portugal, e a situação própria do período colonial começava a se transformar. Assim, houve um período marcado por progresso, crescimento e mudanças, em meados do século XIX (IPHAE, 2002).

Além de ter a sua influência no desenvolvimento do mercado interno, as estradas de ferro impulsionaram o processo de urbanização, portanto, tornaram-se peça chave para o nascimento e expansão de alguns municípios e, por outro lado, para o declínio de outros (IPHAE, 2002).

O caminho desta estrada seguiu paralelamente às fronteiras com o Uruguai, e perpassou uma localidade que, naquele momento, era considerada uma das mais desenvolvidas do estado, com sua economia girando em torno da criação de gado. Bagé, Pelotas e Rio Grande (**Figura 05**) foram conectadas pela ferrovia desde 1884.



LEGENDA: LINHAS

- PORTO ALEGRE - URUGUAIANA
- - - - - RIO GRANDE - BAGÉ - CACEQUI
- SANTA MARIA - MARCELINO RAMOS
- . - . - . PORTO ALEGRE - NOVO HAMBURGO
- . - . - . BARRA DO QUARAÍ - ITAQUI - (BGS)

Figura 05: Mapa esquemático da malha ferroviária do RS em 1898.

Fonte: Adaptado pela autora (2023), IPHAE, 2002.

Vale destacar a estrada de ferro como um elemento marcante dos processos fabris. No interior do Rio Grande do Sul, a implantação deste modal de transporte foi determinante para o surgimento e consolidação dos estabelecimentos saladeiris, que impulsionaram as atividades econômicas na região, conectando a região da campanha gaúcha com o porto de Rio Grande e o Oceano Atlântico.

Na realidade de Bagé, a implementação da linha ferroviária possibilitou a inserção das charqueadas no município. Como veremos no subcapítulo a seguir, as cinco charqueadas de grande porte da cidade foram instaladas ao longo do leito ferroviário.

1.2.1 Considerações sobre os núcleos charqueadores em Bagé

O percurso para a compreensão dos complexos fabris bageenses parte de uma breve introdução sobre a formação da cidade de Bagé, contextualizando os principais acontecimentos que permitem tecer narrativas sobre os diversos atores sociais que contribuíram para a formação e consolidação do lugar.

Segundo Bica (2017), a região da campanha, onde está situado o atual município de Bagé, teve sua ocupação por meio de estâncias originadas pelos padres jesuítas espanhóis e imigrantes lusitanos durante o século XVII e XVIII. Tais regiões integram a “fronteira seca” do Rio Grande do Sul de hoje, em virtude da presença de linhas demarcatórias imaginárias.

Quando chegaram ao fim os conflitos entre os indígenas e exércitos europeus, um momento de trégua permeou a Província de São Pedro. Os indígenas que continuaram nas terras passaram a lutar com alguns aventureiros paulistas que vinham em busca de gado para contrabando de couro (FAGUNDES, 2012).

Depois do Tratado de Madri (1750), os vínculos estabelecidos entre espanhóis e portugueses ficaram abalados. Em virtude disso, ficou acordado que seus súditos, na América, deveriam permanecer imparciais. Porém, contrariando as determinações, os exércitos das colônias deram início às suas marchas (FAGUNDES, 2012).

No ano de 1773, D. José Vertiz Y Salcedo, governador de Buenos Aires, planejava recomeçar a ofensiva castelhana com objetivo de expulsar os portugueses da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Deste modo, marchou até a Serra de Santa Tecla, onde deparou-se com um rochedo, em plataforma, elevado e de difícil acesso, ou seja, um ponto estratégico e favorável às suas intenções de construir uma fortaleza.

A preocupação da Coroa Espanhola com avanços lusitanos na América do Sul fez com que fossem construídas diversas fortificações, como o Forte de Santa Tecla, em 1774 (BICA, 2017). O forte foi considerado um marco da posse dos espanhóis naquelas terras (BOUCINHA, 1993).

No começo das guerras fronteiriças e territoriais a conquista do Forte de Santa Tecla pelas tropas portuguesas, lideradas por Rafael Pinto Bandeira, em 1776, impulsionou a manutenção do território pertencente aos portugueses.

A partir de 1808 ocorreu um significativo crescimento e ocupação do território gaúcho, devido à chegada da Corte Portuguesa ao Brasil. Houve também maiores dinâmicas de emancipação das colônias espanholas na região sul, as quais favoreceram o fomento de relações bélicas na região da campanha (BICA, 2017).

Ainda conforme Bica (2017), historiadores de Bagé, como Atilla Tabora (1959) e Eurico Jacinto Salles (1955) demonstraram que a ocupação militar, em 1811, sob liderança de Dom Diogo de Souza, deu início a fundação do município de Bagé.

Além disso, desde os tempos de Brasil Colônia, a religiosidade era um traço marcante no contexto de colonização portuguesa, “além de ser o amálgama dos interesses lusitanos em relação à necessidade de civilizar também os ‘selvagens’ da Província de São Pedro do Sul” (BICA, 2017, s/p).

Portanto, a formação histórica e territorial da cidade de Bagé seguiu a mesma lógica da organização urbana de municípios situados em regiões que sofreram com as mudanças produzidas por guerras territoriais dos séculos passados, como Pelotas e Rio Grande.

Boucinha (1993) considera que a evolução urbana da cidade de Bagé permaneceu estagnada até 1891, momento em que a primeira charqueada foi criada no município. O gado, que era no princípio levado para charqueadas situadas em Pelotas e Montevideu, começou a ser aproveitado localmente, representando um marco da nova fase para o contexto econômico do lugar.

Destaca-se um momento de significativo desenvolvimento e progresso em Bagé, entre os anos de 1895 e 1910. Tal situação estava atrelada, em grande parte, a Revolução de 1893, que resultou e colaborou para o crescimento e evolução da cidade, tendo em vista que demandou a reconstrução daquilo que havia sido destruído nos combates (LEMIESZEK, 1997). A posição geográfica do município incentivou seu desenvolvimento, que não se limitou apenas às “áreas econômica, comercial, urbana e agropastoril, já que também o setor cultural prosperou” (LEMIESZEK, 1997, p. 34).

A proximidade com o porto de Rio Grande também foi um fator que possibilitou a sua comunicação (GUTIERREZ e NEUTZLING, 2011) com Montevideu e Buenos Aires, que colocou Bagé como porta de entrada para diversas companhias de teatro, arte, música, circos, touradas vindas da Europa.

No livro *A Cidade Sonho*, Guilherme Flores da Cunha relatou alguns empreendimentos existentes na cidade de Bagé e destacou “cinco estabelecimentos saladeris, que abatem anualmente cerca de 100 mil cabeças” (CUNHA, 1958, p. 4). É fato que a partir da década de 1890 as charqueadas passaram a integrar a realidade do município de Bagé, repercutindo expressivamente na economia e nos modos de vida do local e possibilitando a cidade tornar-se, posteriormente, um dos principais centros charqueadores do Rio Grande do Sul (BOUCINHA, 1993).

As cinco primeiras charqueadas de grande porte (**Figura 06**) estabelecidas em Bagé foram a Companhia Industrial Bageense (1891), a Charqueada Santa Thereza (1897), a Charqueada São Martim (1902), a Charqueada São Domingos (1902) e a Charqueada Santo Antônio (1904).

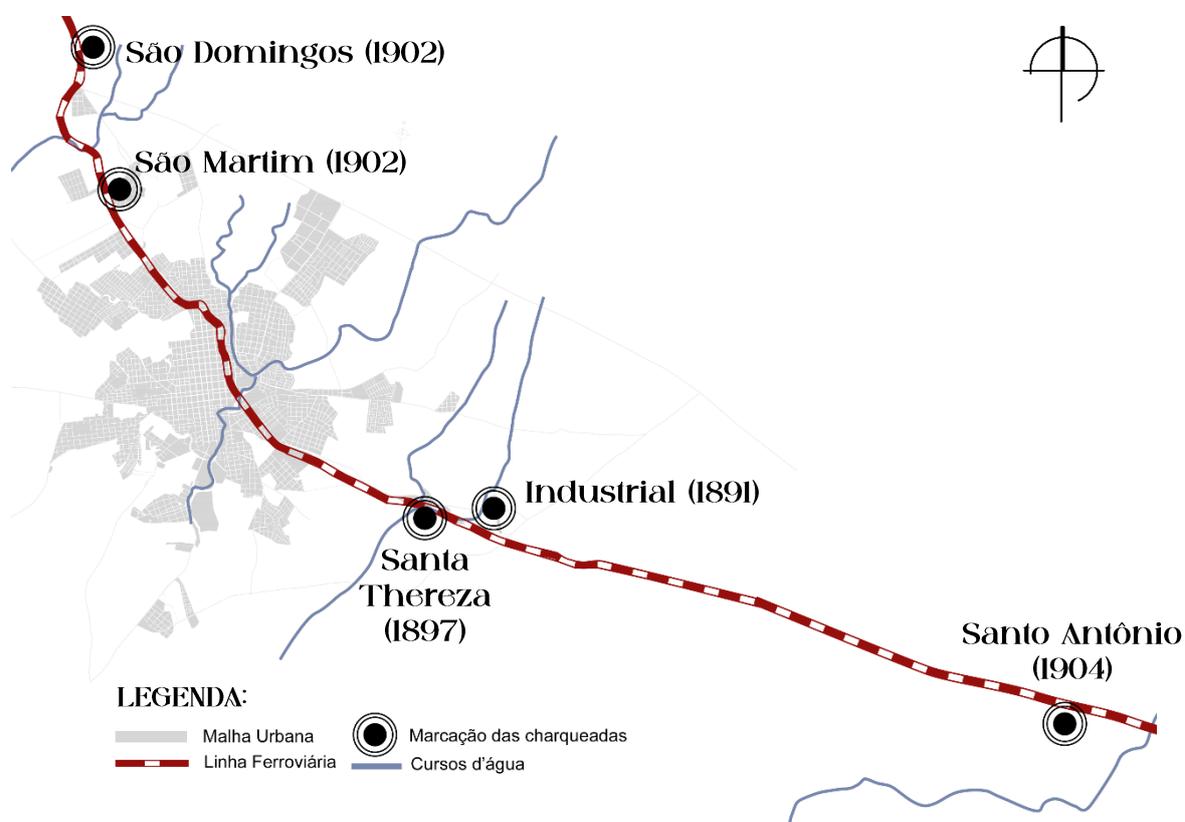


Figura 06: Planta de Bagé com a marcação das charqueadas
Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023

Analisando a Figura 06 percebe-se que de fato a construção da linha ferroviária que ligava Bagé ao porto de Rio Grande, em 1884, permitiu a criação das charqueadas no município. Além desta associação, com o leito ferroviário, percebe-se que a implantação das charqueadas ocorreu próxima aos cursos d'água.

A elaboração da representação gráfica que demarca os cinco complexos fabris charqueadores bageenses revela a sua localização ao longo da via férrea. Observa-se também certa discrepância sobre a localização da charqueada Santo Antônio, sendo a que se encontrava mais afastada do centro do município.

Apesar do objeto de trabalho deste estudo estar voltado às duas primeiras charqueadas listadas, torna-se importante tecer uma breve contextualização dos demais estabelecimentos mencionados, considerando-os como parte fundamental do cenário charqueador bageense.

Localizada a cerca de 7 quilômetros do centro da cidade de Bagé, a Companhia Industrial Bageense ou Charqueada Industrial é considerada a primeira charqueada de grande porte fundada no município. Segundo Boucinha (1993), a Companhia Industrial Bageense foi uma das maiores de Bagé durante 14 anos, até ser arrendada por Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães¹⁰, o Visconde de Ribeiro Magalhães, em 1904 e comprada por ele em 1907.

Segundo Fagundes (2012), a partir da transformação ocorrida no mercado internacional, no ano de 1912, o Visconde alterou a configuração da Charqueada Industrial transformando-a em um matadouro frigorífico. Isso ocorreu devido à necessidade de enfrentar a concorrência crescente com os frigoríficos. Para concretizar essa mudança, contou com a colaboração de dois especialistas financeiros da Inglaterra, surgindo a *Anglo Brazilian Meat Company*, incluindo capitais ingleses e brasileiros.

Conforme Pérez e Tejada (1979), no ano de 1935 foi fundada a sequência da *Anglo Brazilian Meat Company*, a Sociedade de Fazendeiros Limitada, que passou a chamar-se Sociedade Anônima de Fazendeiros em 1994.

¹⁰ Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães nasceu em Portugal em 1841 e no ano de 1853 chegou ao Brasil, na cidade de Rio Grande. Fundou em Bagé duas charqueadas: a Charqueada do Cotovelo (1895), de pequeno porte, e a Charqueada Santa Thereza (1897), destacando-se pelo complexo industrial formado no seu entorno. Ele foi pioneiro na introdução de animais de pura raça da Inglaterra e um renomado criador de gado na época (DOMECCQ, 1916). Mais informações em: <https://claudioantunesboucinha.blogspot.com/2010/08/visconde-de-ribeiro-magalhaes.html>.

Inicialmente uma sociedade de fazendeiros do município de Bagé, fundada há muitos anos e voltada para a produção de charque. Era uma dentre as inúmeras charqueadas – saladeiros – que se desenvolveram no Rio Grande do Sul, especialmente nas cidades ou regiões tradicionalmente pecuaristas, que muito proliferaram antigamente (BRAGA, 1978, p.27).

No ano de 1942 foi realizada a modernização do frigorífico e em 1951, foi adquirido pela antiga Sociedade Anônima dos Fazendeiros e as instalações da indústria transformaram-se em uma cooperativa, a Cooperativa Industrial de Carnes e Derivados – CICADE¹¹ (PÉREZ; TEJADA, 1979).

Ao redor da Charqueada Industrial formou-se um complexo edificado que contava com conjuntos residenciais para atender as demandas e necessidades dos operários da fábrica. Na década de 1970 o local possuía cerca de 93 residências, açougue, consultório odontológico, clube recreativo, entre outros (PÉREZ; TEJADA, 1979), cuja data de construção até o momento não foi possível precisar.

Entre a criação da Charqueada Industrial e a sua venda para o Visconde foi inaugurada a segunda charqueada de grande porte do município, a charqueada Santa Thereza, em 1897. Essa charqueada foi fundada pelo Visconde de Ribeiro Magalhães, em um local onde o mesmo possuía diversos campos de criação – dos quais trataremos no próximo item, e distante cerca de 1 quilômetro da Charqueada Industrial.

O entorno edificado que se formou ao redor da charqueada Santa Thereza possuía diversos estabelecimentos industriais e comerciais, além dos conjuntos de vilas operárias (FAGUNDES, 2012). A Vila também contava com escola, assistência médica, quadra de tênis e equipamentos para celebrações e cultos como a capela Santa Thereza, o teatro Santo Antônio (**Figura 07**) e um coreto para apresentações (SOARES, 2006).

¹¹ Alterada em 1969 para Cooperativa Industrial Regional e Derivados (PÉREZ; TEJADA, 1979).



Figura 07: Capela Santa Thereza e Teatro Santo Antônio.

Fonte: Museu Dom Diogo de Souza, Bagé/RS, s. d.

Corsetti (1983) analisou a comparação feita entre as charqueadas escravistas gaúchas e os *saladeros* platinos. Segundo a autora, por um lado existia o pensamento de que o fruto dessa concorrência nasceu da decadência das charqueadas gaúchas. Por outro, acreditava-se no oposto, ou seja, por consequência deste confronto teria se originado o declínio dos saladeiros platinos.

A autora constata que existiam diversas diferenças nas formas de processamento da produção nos dois casos, entretanto, essas diferenças acabavam por refletir negativamente nos produtos das charqueadas sulinas em comparação às do Prata. Em relação à situação de Santa Thereza, o jornal **O Independente** afirmava:

Foi indo e dentro de poucos anos a Charqueada Santa Thereza recebeu impulsos tais que se tornou a primeira do Rio Grande do Sul, não somente pela quantidade de gado abatido, como pela qualidade dos produtos superiores aos do Rio da Prata, conquistando por isso, a preferência nos mercados (**O INDEPENDENTE**, s. d.)

De fato, as charqueadas posteriores ao período escravista apresentavam características diferentes daquelas analisadas por Corsetti. Além da infraestrutura mencionada anteriormente, eram utilizadas na charqueada Santa Thereza, por exemplo, técnicas inovadoras em relação à genética do gado para corte e questões de higiene (PIMENTEL, 1940).

Outra charqueada existente em Bagé foi a charqueada São Domingos (**Figura 08**), fundada em agosto do ano de 1902. Localizada além do passo real do Pirahysinho, o empreendimento possuía diversos proprietários e empregava cerca de 250 homens nos tempos de safra (REIS, 1911).



Figura 08: Prédio da charqueada São Domingos.
Fonte: FAGUNDES, 2005, p.304.

O Almanaque de Pelotas de 1917 divulgava informações sobre esse complexo fabril, indicando que a Charqueada São Domingos, naquele ano, pertencia a Tamborindeguy e Costa (**Figura 09**), mesmos proprietários da Charqueada São João, em Pelotas.

A São Domingos foi arrendada pela Cooperativa Bageense de Carnes e Derivados, fundada em dezembro de 1936. Os trabalhos da charqueada sob o domínio da Cooperativa tiveram seu início no segundo mês do ano de 1937, concluindo as matanças da primeira safra com 22.280 rezes abatidas (GUIA ILUSTRADO, 1937).

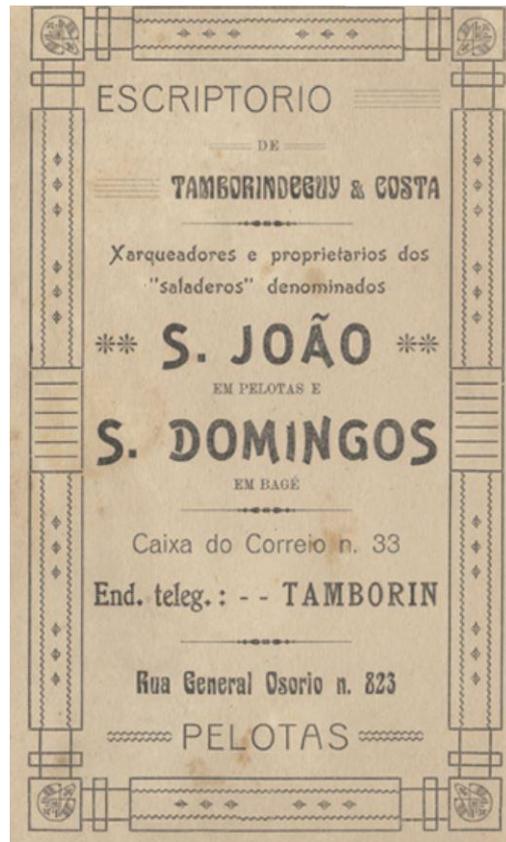


Figura 09: Anúncio da charqueada São Domingos.

Fonte: FERREIRA E CIA., 1917, p. 26

O ano de 1902 foi também o ano de inauguração de outra charqueada, a Charqueada São Martim, situada à margem esquerda do Pirahysinho (MARQUES, 1990), propriedade de alguns capitalistas. O empreendimento contava com mais ou menos 150 pessoas trabalhando nas épocas de matanças. Seus arredores eram “extraordinariamente povoados, contento muitas casas de comércio e uma aula municipal com boa frequência” (REIS, 1911, p. 146).

A Charqueada Santo Antônio foi fundada em janeiro de 1904. Localizada às margens do Rio Negro, no 5º distrito do município, era propriedade do Dr. José Francisco de Freitas e do tenente-coronel Emílio Guilayn. O charque e a gordura provenientes do estabelecimento eram exportados para o Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, a partir dos portos de Rio Grande e Pelotas (LLOYD, 1913).

Joaquim Pimentel Magalhães arrendou a charqueada Santo Antônio em 1916, comprando-a no ano de 1918. A instalação estava localizada junto ao leito da estrada de ferro que liga Bagé a Rio Grande. Próximo à estação estavam os

escritórios dirigidos por Joaquim Magalhães, “seus múltiplos e vultuosos negócios, caracterizados em charqueada, minas de carvão e fazendas de criação” (O DEVER, 1922).

A produção e a exportação da carne seca alavancaram a economia de Bagé, sendo considerada, em 1913, a indústria mais importante do município (LLOYD, 1913). A espacialização desses importantes complexos fabris pode ser observada na **Figura 10**, que representa a cartografia da cidade de Bagé, com ênfase para a planta da cidade (área urbanizada) na parte central.

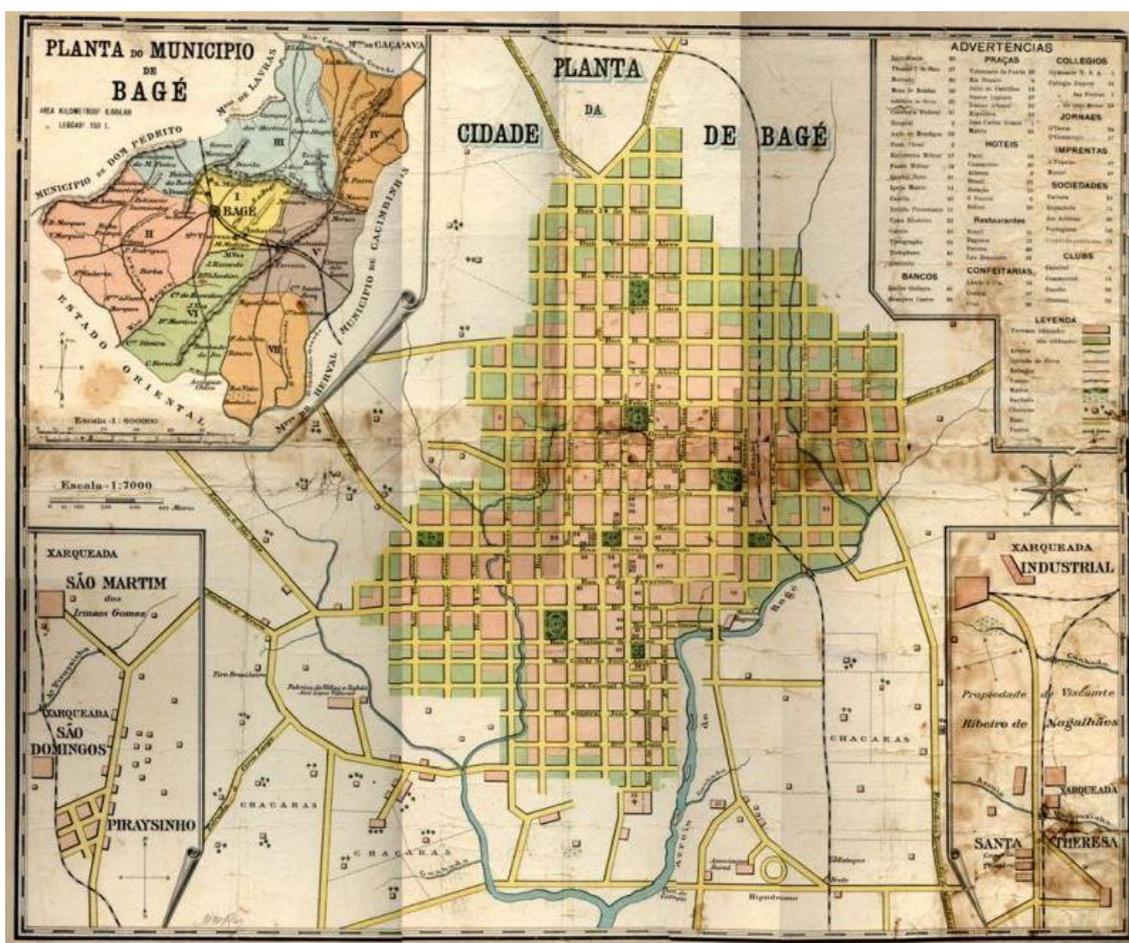


Figura 10: Planta do Município e da Cidade de Bagé, s. d.

Fonte: Acervo de Julieta Bandeira

Essa cartografia foi encontrada durante as pesquisas iniciais sobre a cidade de Bagé, no trabalho intitulado “Arquitetura Bajeense, o delinear da modernidade: 1930 – 1970”¹². Segundo análises da autora, a representação cartográfica consiste em um mapa ilustrativo. Apesar de perceber, de fato, certas

¹² Dissertação de Mestrado de Magali Nocchi Collares Gonçalves. Em contato com a autora, fui informada de que se trata de uma digitalização do acervo particular de Julieta Bandeira.

inconsistências em relação à representação gráfica de alguns elementos, considerou-se pertinente analisar e identificar as similaridades que poderiam existir entre a representação e o real.

No perímetro da carta observa-se uma planta geral do município de Bagé, a legenda e duas áreas em destaque, correspondentes aos núcleos saladeiris formados pelas charqueadas Industrial e Santa Tereza (direita) e São Martim e São Domingos (esquerda).

A **Figura 11** é um recorte que evidencia a parte superior esquerda da representação, onde é possível observar que o mapa do município de Bagé apresenta diversas informações relevantes. Além da planta da cidade, destacando suas divisões distritais, o mapa marca o centro histórico de Bagé, foco principal do mapa. Além disso, é possível identificar a presença da malha ferroviária, evidenciando a importância desse meio de transporte na região.



Figura 11: Recorte da Figura 10, com ênfase à Planta do Município de Bagé.
Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023.

As delimitações da localidade são marcadas pelas características geográficas das coxilhas do pampa gaúcho, oferecendo um contexto geográfico nítido. Além de Bagé, os municípios adjacentes, como Dom Pedrito, Caçapava,

Lavras, Herval e Cacimbinhas (atual Pinheiro Machado), também são demarcados, proporcionando uma visão mais ampla da região.

A parte inferior (**Figura 12**) demonstra a representação de quatro charqueadas: São Martim e São Domingos (A), Industrial e Santa Thereza (B).

Em relação à representação das charqueadas Industrial e Santa Thereza, algumas considerações podem ser destacadas. A área de produção do charque localiza-se à margem direita do Arroio Quebrachinho (na parte superior do mapa), onde podem ser identificadas as edificações da charqueada e os conjuntos residenciais dos operários do complexo, bem como a legenda “Xarqueada”. Essa disposição ressalta a separação física e simbólica entre as os espaços de trabalho e moradia dos trabalhadores.

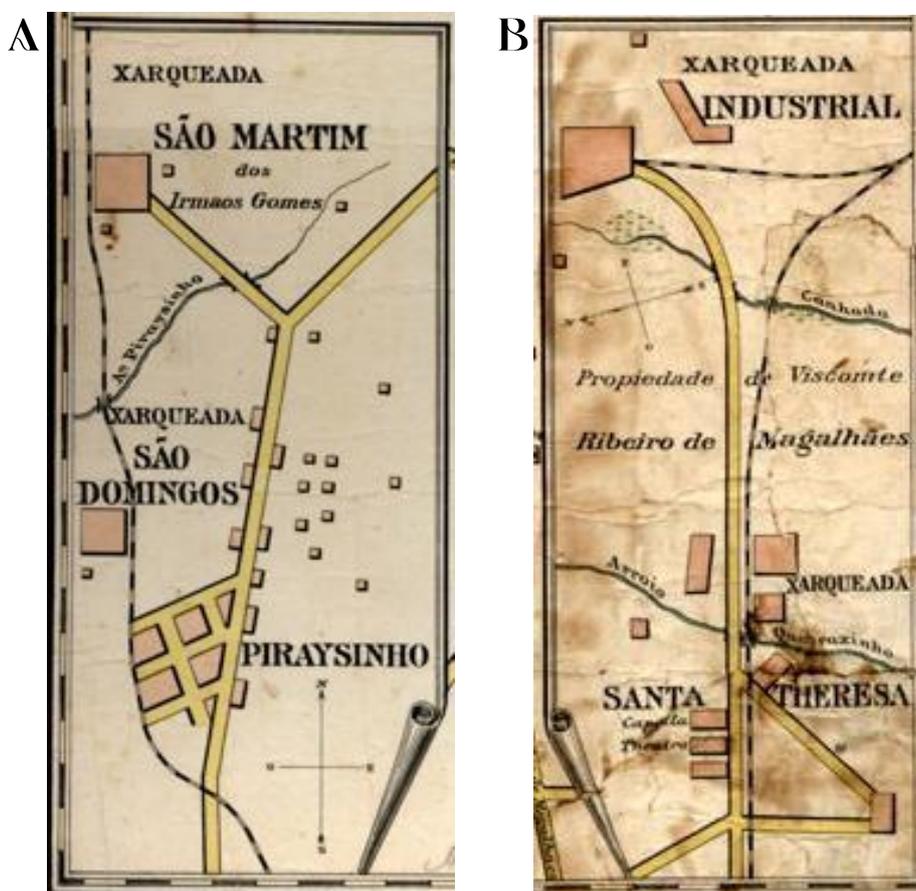


Figura 12: Recortes da Figura 10, com ênfase para as representações das charqueadas São Martim e São Domingos (A) e Industrial e Santa Thereza (B).

Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023.

Em contrapartida, à margem esquerda do arroio (na parte inferior do mapa) localizam-se as edificações consideradas de “valor excepcional” como o

palacete do Visconde, a Capela Santa Thereza e o Teatro Santo Antônio. Esses elementos representam as áreas de lazer e recreação dos proprietários e da classe dominante. Essa divisão espacial reforça as desigualdades sociais existentes na época, onde os trabalhadores viviam em condições mais precárias, enquanto os proprietários desfrutavam de luxo e conforto.

Andradina de Oliveira¹³ revela uma visita à Santa Thereza, em 1915:

Aquela população pacífica, trabalhadora, ordeira, que ali vive em “Santa Thereza” e que faz do grande batalhador, que é o Sr. Visconde, o seu ídolo que adora, igualmente, como uma santa, a sua esposa modelo, tem para momentos de folga, um belo teatro onde um grupo dramático e um cinematográfico, alegrado por uma banda musical, a “Lira Santa Teresa”, lhes proporciona úteis distrações (p. 02).

É importante destacar o tom idealizador e romantizado utilizado ao descrever a população da charqueada. Ao retratá-la como “pacífica, trabalhadora e ordeira”, o relato sugere uma visão delineada da comunidade, possivelmente buscando enfatizar a imagem positiva do Visconde e sua esposa ‘modelo’. Essa abordagem pode ser considerada uma tentativa de glorificar a classe dominante e reforçar a hierarquia social.

Além disso, a menção ao teatro, do grupo dramático, cinematográfico e banda musical como “úteis distrações” para os momentos de folga é interessante. Isso nos leva a refletir sobre o entretenimento proporcionado aos trabalhadores como uma maneira de manter a população trabalhadora satisfeita e contente dentro do sistema, evitando questionamentos ou insatisfações que possam surgir devido às condições de trabalho e/ou desigualdades existentes.

Sobre a data do mapa, existem algumas hipóteses sobre o ano em que foi elaborado. As indicações “Propriedade de Visconde Ribeiro de Magalhães”, em destaque no centro da representação das duas charqueadas (B) e a denominação “*Xarqueada Industrial*” revelam que o mapa data, provavelmente, de um período posterior ao ano de 1907, ano em que o Visconde adquiriu a Companhia Industrial Bageense, alterando o seu nome para Charqueada Industrial.

Entretanto, a Charqueada Santo Antônio não foi representada na figura. Essa situação pode ter ocorrido por dois motivos: a distância que a mesma apresentava em relação ao núcleo urbano ou pelo fato de que ainda não havia

¹³ Relato de visita à Santa Thereza em jornal no Museu Dom Diogo de Souza.

sido fundada. Nesse último caso, pode-se supor que o mapa seria datado no período entre 1902 e 1904 (data em que foi fundada a Charqueada Santo Antônio).

Com relação às charqueadas São Martim e São Domingos (A), estas estavam localizadas nas proximidades do Arroio Piraizinho. Industrial e Santa Thereza (B) juntas ao Arroio Quebrachinho.

As proximidades com os cursos d'água se justificavam pela necessidade de despejar os dejetos provenientes da manufatura charqueadora (GUTIERREZ, 2001). A localização estratégica das charqueadas próximas aos arroios Piraizinho e Quebrachinho revela, de fato, uma relação direta com a disposição dos cursos d'água para o despejo de resíduos gerados pelas atividades do charque. No entanto, é notável que, diferente das charqueadas escravistas anteriores ao período analisado, o transporte do gado ocorria por meio de vias terrestres, como estradas dos bretes e das tropas. Essa mudança no sistema de transporte refletiu possíveis transformações nas rotas comerciais e nas estratégias logísticas da indústria charqueadora nesse período.

Em suma, a análise das informações obtidas através da representação revela as desigualdades sociais presentes na organização espacial das charqueadas, bem como as mudanças na sua infraestrutura e nos métodos de transporte associados ao período do charque no Rio Grande do Sul. Esses aspectos históricos fornecem uma visão mais abrangente das dinâmicas econômicas, sociais e ambientais envolvidas na execução desta importante atividade da época.

A representação da **Figura 13** é uma aproximação sobre as charqueadas Industrial e Santa Thereza. A charqueada Industrial foi construída a alguns metros da linha férrea e “tem com esta fácil comunicação por um desvio que as liga” (O DEVER, 1911). De acordo com o jornal os vagões entravam no estabelecimento com o único propósito de fazer carga e descarga de mercadorias.

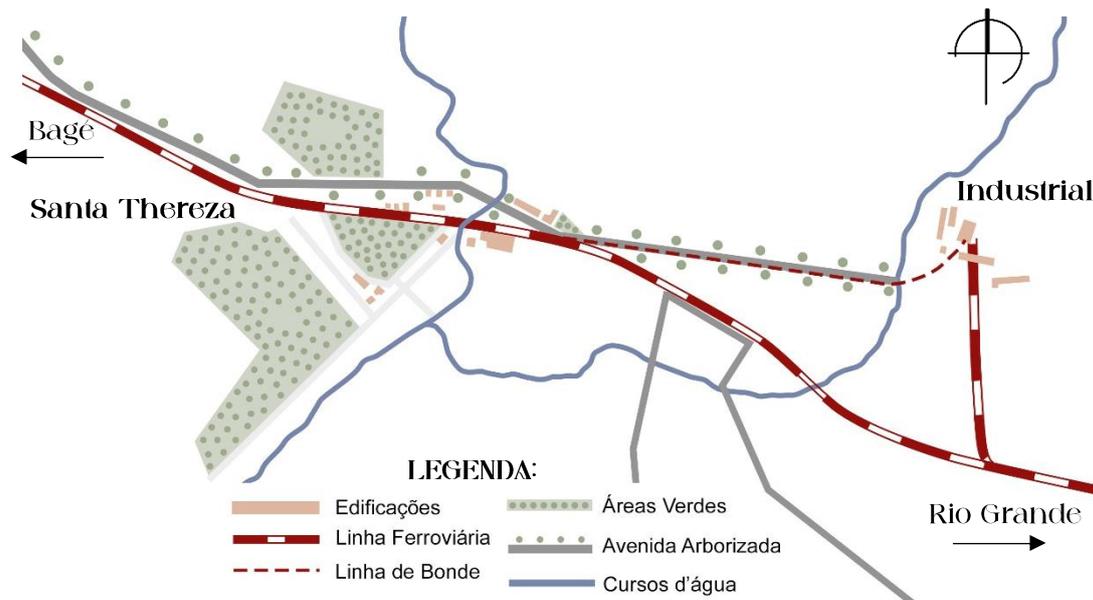


Figura 13: Linha ferroviária passando pelas charqueadas Santa Thereza e Industrial.
Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023.

Existia entre as duas charqueadas uma avenida arborizada e uma linha de bonde, conforme aponta o jornal **O Dever** de 1911:

Voltando para a direita continua-se na mesma avenida, toda ornada de arborização abundante, com uma linha de bonde que liga à charqueada industrial. De um extremo a outro mede aquele aprazível *boulevard*, que tem o nome de 16 de outubro, cerca de 1.000 metros (s. p.)

Essa infraestrutura de transporte contribuía para a mobilidade e a acessibilidade na região das charqueadas, refletindo também na integração das duas charqueadas.

De maneira geral, este capítulo enfatizou a importância dos meios de transporte para a consolidação das charqueadas. O deslocamento pela água foi significativo para o fortalecimento do período do charque na cidade de Pelotas. No que se refere à cidade de Bagé, a inserção da linha ferroviária possibilitou a criação das charqueadas de grande porte no município, o que alavancou a economia local.

Além da relação com a linha férrea, a relação das charqueadas com outros elementos tornou-se importante para auxiliar na compreensão da espacialidade desses complexos fabris. Dentre esses elementos, que demandam maiores estudos para o entendimento de suas relações com as Vilas, estão o complexo da antiga Tablada, o Matadouro Municipal e os caminhos terrestres. Estes serão trabalhados no próximo capítulo.

2 A PRODUÇÃO DO CHARQUE EM BAGÉ: DA CRIAÇÃO AO ABATE

A partir das considerações realizadas anteriormente, este capítulo foi dividido em duas partes principais. A primeira delas, *As áreas de apoio à produção saladeiril*, discutiu a articulação dos diversos espaços que contribuíram para a configuração do espaço fabril-charqueador, como as estâncias de criação de gado, a Tablada, as estradas e caminhos terrestres e fluviais, que possibilitaram a chegada do gado e a exportação do charque. Nessa perspectiva, buscou entender como essa organização espacial repercutiu na conformação das charqueadas, identificando elementos e peculiaridades dessa espacialidade no contexto da cidade de Bagé.

A segunda parte, *Entre edifícios e jardins: a Charqueada Industrial e Santa Thereza* aborda o surgimento e a configuração das charqueadas Industrial e Santa Thereza, relacionando-as com algumas práticas industriais que reverberaram nos séculos XIX e XX. Além disso, abordou alguns aspectos singulares do complexo, como a mão-de-obra e complexidades enfrentadas durante as entressafras.

2.1 As áreas de apoio à produção saladeiril

Além das instalações onde aconteciam as matanças e processos de salga da carne - as charqueadas propriamente ditas – a produção do charque englobava uma série de outros estabelecimentos importantes para o seu funcionamento. A construção do Matadouro Municipal e a Tablada, por exemplo, representavam a materialização de espaços que davam suporte à indústria saladeiril.

Das terras gaúchas, detentoras de variadas raças, destaca-se a cidade de Bagé, por conta do progresso da pecuária. As fazendas da região, por exemplo, apresentam as melhores redes hidrográficas e clima, abarcando também pastagens necessárias às demandas de cada espécie/raça (GUIA ILUSTRADO COMERCIAL, INDUSTRIAL E PROFISSIONAL DE BAGÉ, 1937).

A realidade das charqueadas de Bagé era impactada pelo contexto da criação de gado muito presente na região. De acordo com Pesavento (1985), no século XIX, o estancieiro tornou-se o proprietário da terra, a partir da concessão das sesmarias, transferência por herança ou até mesmo a compra, que pôde ser observada anteriormente à Lei de Terras.

No ramo da atividade pecuária, a criação de gado se praticava de uma maneira “singela”, com poucos recursos técnicos e de modo extensivo, no qual o gado era criado solto, e o campo nativo não detinha nenhuma “proteção” como cercas, tapumes ou aramados (PESAVENTO, 1985).

É nesse cenário natural que a produção do charque se manifestou no Rio Grande do Sul. A prática de utilizar a mão-de-obra escravizada nas charqueadas não só criou um mercado regional para o gado, mas também conferiu à carne um novo valor econômico, superando as limitações de perecibilidade pelo processo de salga. A exploração dos rebanhos das estâncias gaúchas contribuiu também para a segurança econômica de região, e para a proeminência do Rio Grande do Sul como líder na produção de charque no contexto nacional (PESAVENTO, 1985).

Considerando as informações acima é possível estabelecer uma conexão entre as estâncias de criação e o surgimento das charqueadas no município de Bagé. A exploração do gado e a produção de charque estão interligadas, demonstrando a relação estreita entre a criação de gado e as atividades de processamento de carne, inclusive na região de Bagé.

Dessa maneira, é importante analisar o contexto sobre os estabelecimentos que deram apoio à produção saladeiril. No âmbito de Bagé, o conhecimento sobre a proximidade das charqueadas Industrial e Santa Thereza e o seu proprietário por determinado período levaram aos estudos, na primeira parte deste subcapítulo, *Estâncias de criação em Bagé*, a refletir sobre a criação de gado no município com foco nos estabelecimentos que eram propriedade do Visconde.

A segunda parte, *A Tablada e o Matadouro Municipal*, abordou o contexto da construção desses locais, sugerindo um caminho sobre a logística que repercutiu nos processos de salga da carne nesses estabelecimentos.

2.1.1 Estâncias de criação em Bagé

Para impulsionar o processo de povoação da região sul, o governo imperial dispunha das concessões de sesmarias, as quais constituía um título de propriedade. Os habitantes (militares, padres e homens que tinham liderança sobre outros) eram incentivados pela presença de gado bovino e equino em estado selvagem que permeavam o território. Por isso, solicitavam concessões de terras para tornarem-se estancieiros (RIET, 1926).

Por cerca de 70 anos, os pampas e as coxilhas não possuíam divisórias. Eram permeados por inúmeros rebanhos de gado da raça crioula, os quais foram apresentados por colonizadores portugueses e espanhóis. Apesar de ser uma raça de pequeno porte, mas muito resistente à natureza, serviu como base para cruzamentos, objetivando seu aperfeiçoamento (GUIA ILUSTRADO COMERCIAL, INDUSTRIAL E PROFISSIONAL DE BAGÉ, 1937).

No século XVIII, a agricultura era a principal atividade comercial desenvolvida no Rio Grande do Sul, com destaque para a produção de trigo, que era exportado para a região nordeste do Brasil. O gado, até então, era valorizado principalmente pelo couro para exportação, enquanto a carne era destinada apenas ao consumo local, limitado pelos pequenos núcleos de povoação existentes, o que mantinha seu valor reduzido (RIET, 1926)

Além da presença do gado, a qualidade das pastagens aqui encontradas foi outra importante característica para o sucesso do desenvolvimento pastoril como significativa fonte de riqueza da região. Conforme Riet (1926), em meados do século XVIII, os animais da espécie bovina e equina trazidos do Paraguai para esta região encontraram condições propícias para o seu desenvolvimento, o que resultou em sua reprodução em larga escala e em uma adaptação ao ambiente local. De acordo com Lloyd (1913), a “campanha”

possuía campinas vastas, um solo plano, onde os pastos são propícios para a criação de todo e qualquer gado, fartamente regados por [...] cursos d'água. Quase todo o terreno do estado, por ser bem irrigado naturalmente e também em razão do clima, é adequado não só à criação como a qualquer gênero que provenha desta cultura (p. 791).

Monte Domecq & Cia. descreve Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães, fundador da Charqueada Santa Thereza, como “um dos mais fortes criadores

desse Estado” (DOMECCQ, 1916, p. 392), tendo introduzido em Bagé a criação de animais pura raça, importados da Inglaterra.

Antônio Nunes de Ribeiro Magalhães nasceu na cidade de Paredes, em Portugal em 1841 e no ano de 1853 chegou ao Brasil, desembarcando na cidade de Rio Grande. Com suas habilidades acumulou um pequeno capital, e assim abriu o próprio negócio, um estabelecimento de secos e molhados na cidade de Pirahy. Pouco tempo depois veio se estabelecer em Bagé, com o mesmo comércio. A partir daí seus negócios se expandiram e o mesmo veio a atuar na compra e venda de gado (DOMECCQ, 1916).

Fundou em Bagé duas charqueadas: a Charqueada do Cotovelo (1895) e a Charqueada Santa Thereza (1897). Esta última, destacava-se principalmente pelo complexo urbano e industrial formado no seu entorno (objeto de estudo deste trabalho). Sobre a criação do Visconde, Pimentel (1940) ressalta:

A criação de gados, para o corte, exemplares das raças inglesas, tiveram no Visconde Ribeiro de Magalhães, um dos maiores importadores. Além da iniciativa individual, em tempos em que os poderes públicos desconheciam o dever de prestigiar e amparar a indústria animal, embora fosse ela a mater, era nos certames bageenses que o nosso criador, sob o influxo da civilização do Prata, ia ali buscar um bom touro, um magnífico carneiro ou um esplêndido cavalo de raça (PIMENTEL, 1940, p. 93).

As raças de corte e de leite eram, em 1916, distribuídas nas quatro estâncias de sua propriedade: Estância Cinco Sauces; Estância Rio Negro; Estância Carpintaria e Vila Santa Thereza (DOMECCQ, 1916).

Outros estabelecimentos do Visconde são citados no jornal **O Dever** de 1922, como a Granja Dedê, localizada próxima a entrada da Charqueada Industrial em direção ao Rio Negro, onde eram produzidos queijo e manteiga, além de possuir plantações de alface, avelã e cevada.

A estância Rio Negro localizava-se no 6º distrito de Bagé, tendo sido adquirida em 1900 (**O DEVER**, 1922). Existiam no local cerca de seis mil cabeças de gado, entre as raças Hereford, Devon, Cuissa e Flamenca (DOMECCQ, 1916).

A estância Cinco Salsos, adquirida em 1900 (DOMECCQ, 1916), era uma das propriedades do Visconde. Domeccq (1916) aponta para a localização da estância, no 6º distrito de Bagé onde, segundo a publicação, existiam cerca de

quatro mil e novecentos cabeças de gado, entre animais de pura raça, crioulos e novilhos.

O Jornal **O Dever** de 1922 revela ainda que, junto a estância Cinco Salsos, existia uma outra, a Estância da Carpintaria, também propriedade do Visconde:

Junto a esta, a estância da Carpintaria, dividida em seis poteiros de criação, com grande estabelecimento para moradia, galpões para esquila de ovelhas e depósitos e casas para o pessoal, povoada, igualmente, com gados mestiços. Ovelhas (Romney Marsch e merino), também servidas por carneiros importados (s. p.).

De acordo com Domecq (1916) a estância Carpintaria localizava-se em ambos os lados da fronteira, em Bagé e em Cerro Largo, no Uruguai. A partir dessa informação pode-se afirmar que a estância Cinco Salsos também se localizava próxima à fronteira, o que justifica a venda de animais para os frigoríficos do Uruguai.

Sobre os campos localizados na fronteira, Corsetti (1983) afirma que as pastagens localizadas na margem da Argentina ou Uruguai eram consideradas de melhor qualidade, favorecendo a engorda do rebanho.

O Jornal **O Dever** ainda menciona outras estâncias, como a Estância da Serra com criação de gado e rebanho de ovelhas. A Chácara São José, localizada próxima à cidade, contendo planteis de gado e a Chácara Soares detendo plantações do Visconde.

A **Figura 14** apresenta a suposta localização de algumas das estâncias pertencentes ao Visconde de Ribeiro Magalhães. Destaque, na parte inferior esquerda, para as Estâncias Carpintaria e Cinco Salsos, situadas nas proximidades da fronteira com o Uruguai, o mapa proporciona uma visão geral de algumas propriedades que foram possíveis localizar durante as pesquisas desenvolvidas para este trabalho.

Além disso, o olhar mais aproximado da cidade de Bagé revela a presença da Estância Rio Negro e da Granja Dedê, ambas localizadas nas proximidades das Charqueadas Industrial e Santa Thereza.

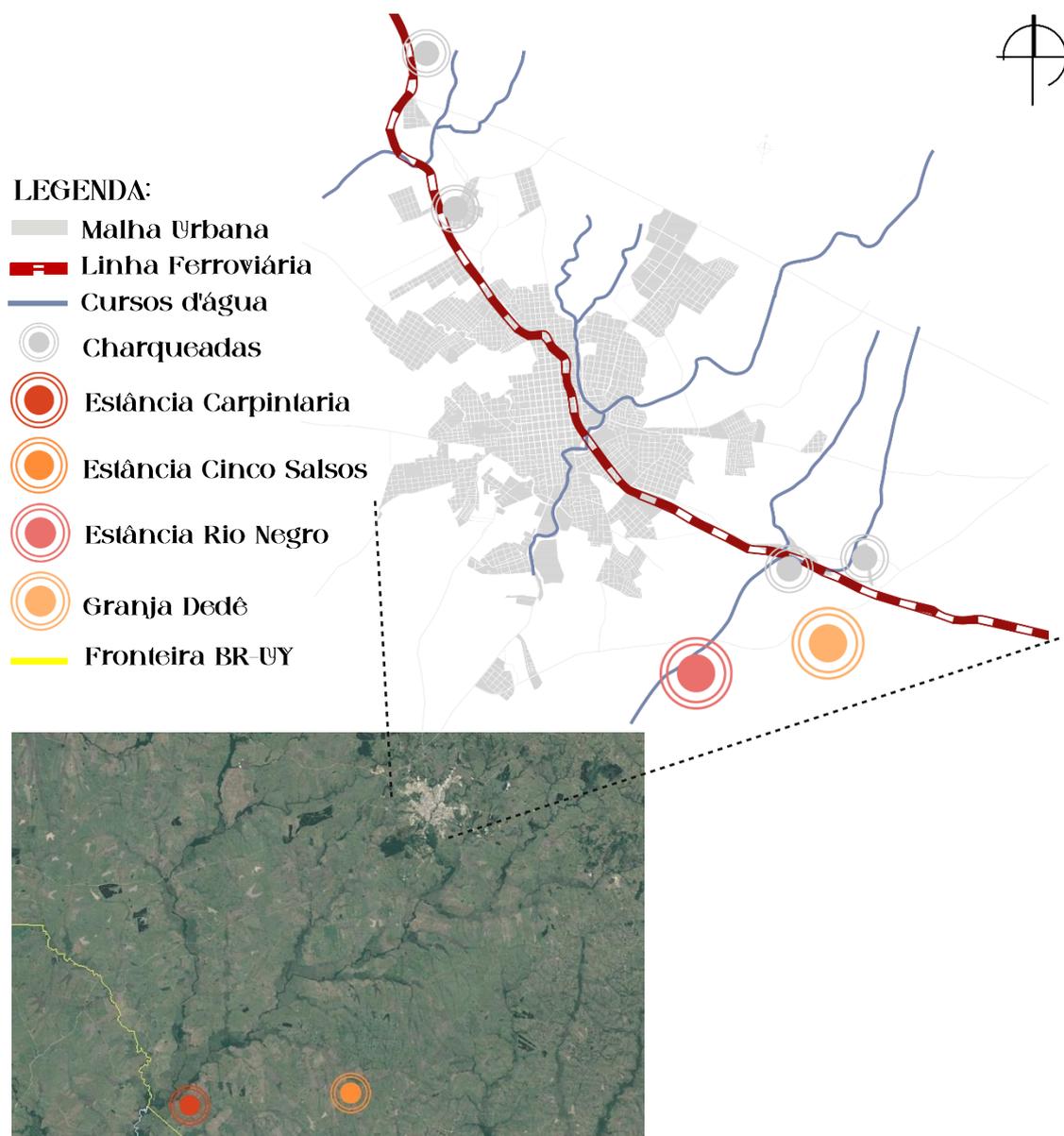


Figura 14: Mapa com suposta localização das estâncias do Visconde.
Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023.

Segundo Marques (1990), o transporte do gado por meio terrestre foi favorecido pelas ferrovias, considerando a proximidade que as charqueadas passaram a ter das estâncias, o que encurtou o percurso das tropas.

As ferrovias tiveram um papel fundamental na expansão das charqueadas em áreas com maior abundância de gado, possibilitando o transporte do charque para os portos de exportação de forma econômica e eficiente. No entanto, em relação ao gado gordo, matéria prima básica dos saladeiros, a ferrovia teve um papel menos expressivo. Isso ocorreu devido à escassez de pontos de embarque, à falta de vagões suficientes e às tarifas elevadas. Com o surgimento

dos frigoríficos, o foco do transporte ferroviário no Rio Grande do Sul foi gradualmente se deslocando para atender às necessidades desse segmento.

A planta apresentada na **Figura 15** foi obtida através de pesquisas no Arquivo Público de Bagé, e representa os campos que constituíam a charqueada Santa Thereza.

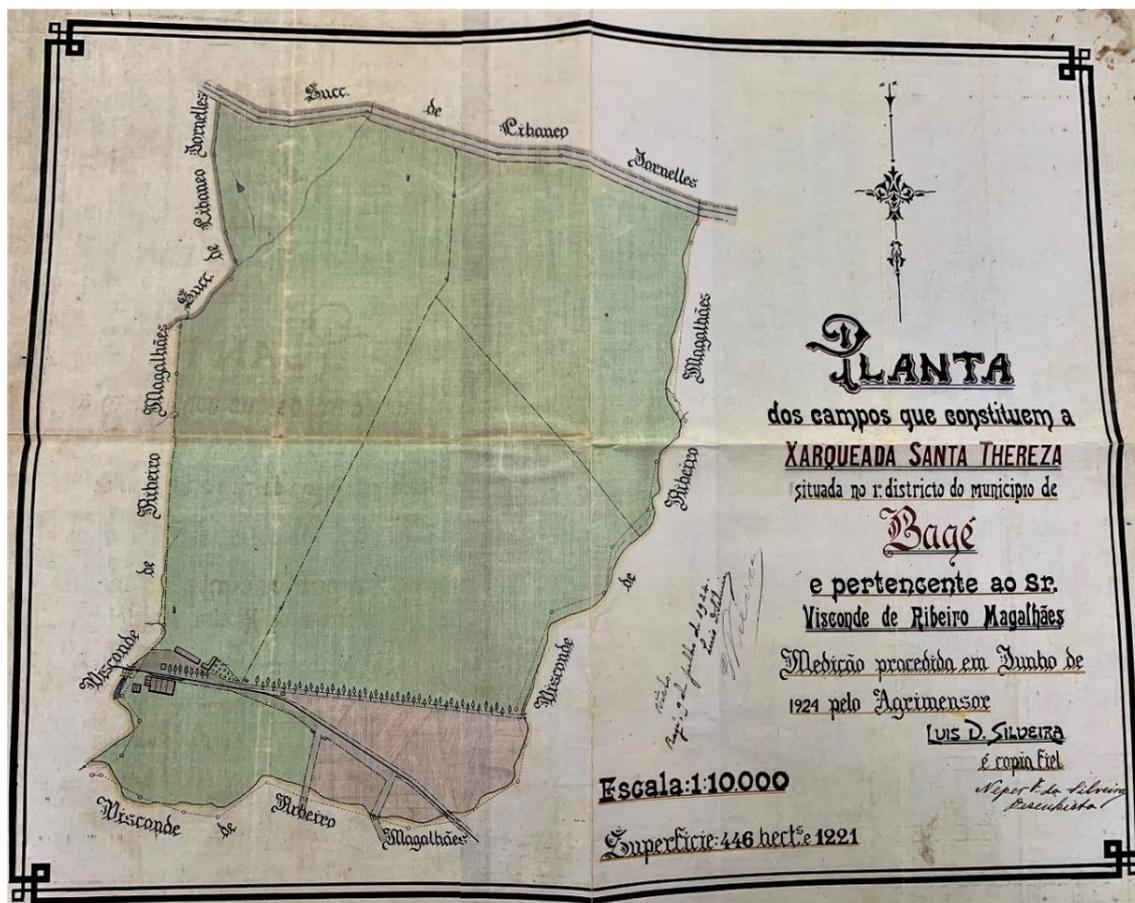


Figura 15: Planta dos campos da Charqueada Santa Thereza, 1924.

Fonte: Arquivo Público de Bagé.

É possível que a área desenhada seja o “campo da estância”, conforme descrito pelo jornal **O Independente** (s. d.):

O campo da estância, que é extenso – está sempre povoado de gados, sendo o Visconde o maior criador de Bagé como se vê da Estatística Estadual. Além da cria, na Estância planta-se trigo, aveia, milho, feijão, alfafa, hortaliças e verduras (s. p.).

O trecho em questão fornece informações relevantes sobre as atividades que eram desenvolvidas na charqueada Santa Thereza. Além disso, é possível fazer algumas análises sobre a planta apresentada. Primeiramente sobre os limites laterais. Em ambos os lados são delimitados pelo Arroio Quebrachinho e

é possível ver o nome do Visconde escrito, o que pode significar que os campos contíguos aos representados, também fazem parte de suas propriedades.

À esquerda, é perceptível que o açude (que será tratado no capítulo seguinte) e o Arroio Quebrachinho delimitam a área representada. As edificações que aparecem consistem em armazéns de madeira e a edificação principal da charqueada, além da estação ferroviária e os conjuntos residenciais dos operários. A representação da estação ferroviária e a representação dos trilhos do trem demonstram que havia um desvio para que o mesmo chegasse à estação.

O que parece é que, assim como analisado na Figura 12, existia uma divisão feita pelo curso d'água que separa o local não apenas fisicamente, mas pelas atividades desenvolvidas. Em um lado do Arroio estão as edificações pertencentes à área de trabalho (charqueada, estação e moradia dos operários) e, no outro, as edificações de cunho religioso e de lazer que não aparecem no registro representado.

A partir das análises realizadas neste subcapítulo compreende-se a importância da indústria pastoril na região sul do Brasil. Na realidade de Bagé, a criação de gado, matéria-prima dos processos de salga da carne era abundante, e com o surgimento das primeiras charqueadas, a implementação de um grande número de estâncias e fazendas de criação na região foi ainda mais impulsionada.

2.1.2 A Tablada e o Matadouro Municipal

Neutzling (2009) afirma que, no final do século XIX, as cidades enfrentavam graves problemas relacionados ao abate clandestino e à situação de higiene no qual a carne adentrava os mercados. Para reduzir este problema, atos municipais foram criados com vistas a regular o processo de abate, de transporte, de conservação e de higiene da carne. Contudo, a fiscalização precária não foi suficiente para contornar a situação e, em agosto de 1898, foi elaborada concorrência para a construção do Matadouro Municipal.

Foram ganhadores os arquitetos italianos irmãos Obino, que apresentaram uma nova planta, com modificações estruturais e

aumento dos custos. As obras começaram em setembro de 1898, em terreno próprio do município, localizado ao norte da cidade, próximo ao Piraizinho, junto ao leito da estrada de ferro. Em janeiro do ano seguinte, foram abertas concorrências para a exploração do restaurante do Matadouro (NEUTZLING, 2009, p. 22).

Ainda neste mesmo ano, todo o processo de abate foi regulado, a começar pela publicação do Regulamento do Matadouro Municipal, que tinha como função assistir o abate do gado e elaborar relatórios relacionados às reses reprovadas e suas doenças. Foi também introduzido o cargo de inspetor, o qual era responsável por “dirigir e fiscalizar os trabalhos; apresentar relatórios e escriturações em livros próprios; regular o horário e as condições de matança; e o transporte da carne para a cidade” (NEUTZLING, 2009, p.22). No dia 1º de maio de 1899 foi inaugurado o Matadouro Municipal, contando com um trem para conduzir as principais autoridades do município e comerciantes da praça ao local.

Contudo, diferente do que nos aponta Neutzling (2009), Reis (1911) afirma que o Matadouro Municipal foi inaugurado em 30 de abril de 1899, presenteando aqueles que compareceram na inauguração com uma deliciosa refeição.

Lloyd (1913) menciona em sua publicação a presença do Matadouro, o qual servia para abastecimento de carne verde¹⁴ à população. De acordo com o mesmo, de janeiro a agosto de 1913, foram abatidas cerca de “5.511 reses, 76 vitelas, 1.870 carneiros e 14 suínos” (LLOYD, 1913, p. 861).

Segundo Neutzling (2009), a linha férrea que ligou as cidades de Bagé, Pelotas e Rio Grande em 1884 consagrou a terra bageense como o polo charqueador sulino. Com isso, objetivando facilitar o processo de transporte do charque, principalmente para o porto de Rio Grande, as charqueadas eram localizadas às margens do tronco ferroviário. O Matadouro Municipal, inaugurado no ano de 1899, foi planejado com a finalidade de aperfeiçoar as condições do abate, propiciando um local mais higienizado, como mencionado anteriormente. No início do século XX, mais três novos estabelecimentos de charque foram abertos e, em 1903, devido a demanda por um local para a negociações do gado, foi estabelecida a Tablada.

¹⁴ Carne bovina crua e fresca, que não passou por nenhum processo de maturação ou não foi submetida ao período de cura.

Em razão do contexto das charqueadas no município de Bagé, foi preciso implementar um local para negociação dos animais. O termo Tablada consiste em “palavra castelhana que designa área extensa e plana, que comportava enorme quantidade de gado e se destinava à realização de feiras e leilões” (NEUTZLING, 2009, p. 22). Estes locais usados para a comercialização de gado para as charqueadas, não se restringiam apenas a Bagé, mas também eram uma prática comum em outras localidades, como em Pelotas.

Antes disso, porém, os proprietários mandavam suas tropas para a Tablada da cidade de Pelotas, que detinha grande número de ofertas, ou seja, preços menores. O custo do transporte, somado aos desafios encontrados no percurso, contribuiu para a perda de peso e reses durante o traslado. A Tablada de Bagé estava posicionada a cerca de 6.600 metros da cidade, em um entroncamento das principais estradas do local e das que conectavam a cidade aos municípios próximos e a Pelotas.

O terreno era propriedade de Manoel Dutra da Silva. No primeiro dia de atividade, as principais tropas vendidas eram de Serafim Leão Gomes e de Teodoro Saibro Jardim. Entre os compradores, estavam os charqueadores de Bagé e duas companhias de Pelotas, a de Pedro Osório e a de Tamborindeguy. A movimentação na Tablada era intensa, chegando a ocorrer a entrada de 1024 animais de Uruguaiana, 649 de Tupanciretã, além do planalto sulino, de Sapucaia, e do Uruguai (NEUTZLING, 2009, p. 22).

A Tablada, ou seja, o local para onde o gado era levado para ser comercializado, representou um avanço no processo de manejo do gado. Além disso, a Tablada trazia mais segurança para o charqueador, uma vez que o mesmo não necessitaria mais arriscar-se em viagens em busca da carne (GUTIERREZ, 2001).

Portanto, a Tablada significou um grande passo no que diz respeito à produção do charque, principalmente porque beneficiou os charqueadores e impulsionou o desenvolvimento urbano. Na realidade de Pelotas, os peões, estancieiros e tropeiros que ali chegavam, além de vender seus rebanhos, também compravam diversos produtos e usufruíam os divertimentos que o município tinha a ofertar (GUTIERREZ, 2001). Essa também pode ter sido uma realidade na cidade de Bagé.

A partir dos estudos e análises, foi possível identificar a localização aproximada da Tablada e do Matadouro Municipal de Bagé (**Figura 16**). A distância que separa esses dois estabelecimentos das charqueadas abordadas neste estudo levanta questionamentos quanto ao seu possível papel no processo desenvolvido em Santa Thereza e Industrial.

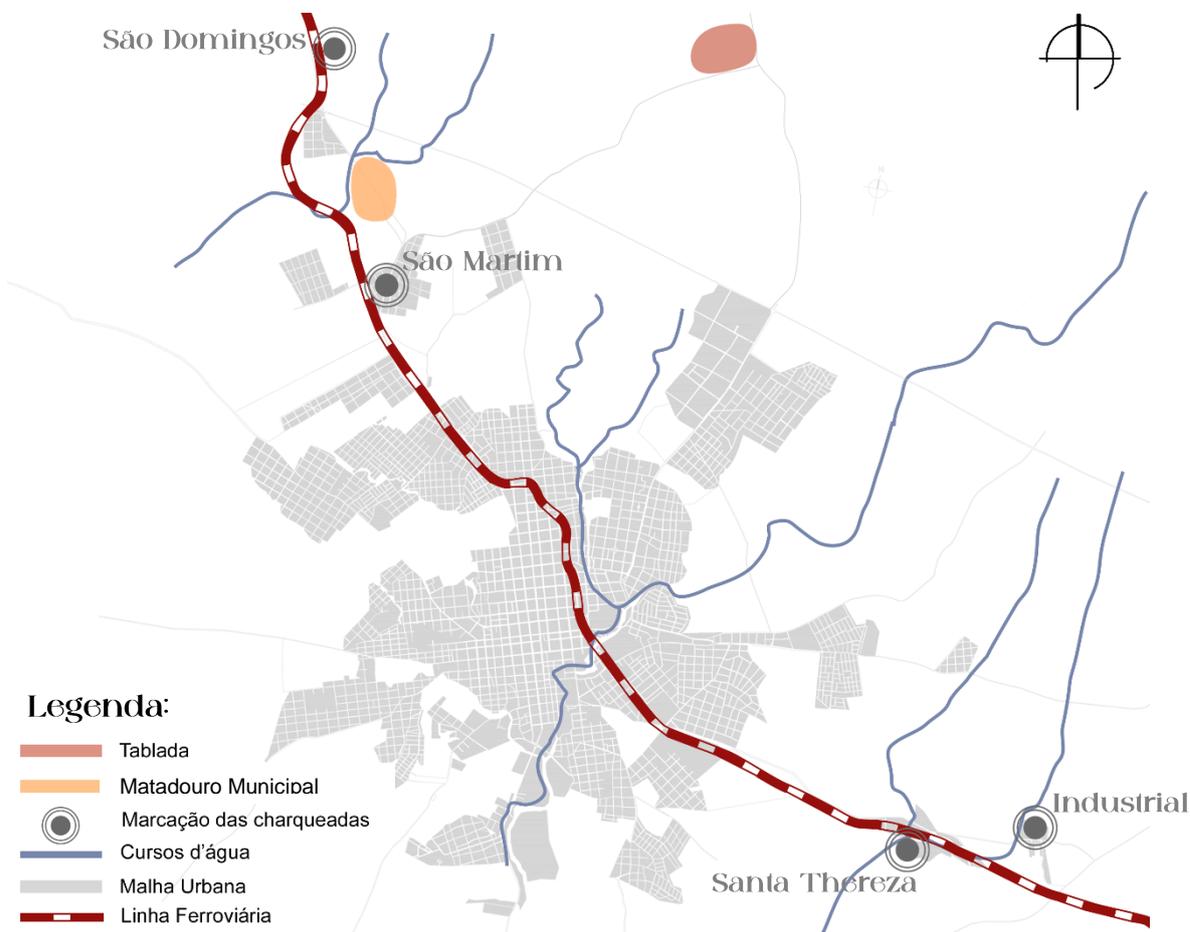


Figura 16: Planta com marcação da Tablada e Matadouro Municipal

Fonte: Elaborado pela autora com base em estudos realizados, 2023.

A partir da análise dos textos e imagem acima, surgem questionamentos pertinentes em relação à localização desses estabelecimentos em Bagé. A distância entre as charqueadas Industrial e Santa Thereza e a Tablada e Matadouro Municipal levanta dúvidas sobre seu possível envolvimento no processo de produção nas charqueadas mencionadas.

Se o Visconde buscava consolidar um monopólio, seria pertinente pensar que a sua criação de gado se destinava exclusivamente ao abastecimento de seus próprios estabelecimentos e talvez houvesse algumas relações comerciais com as demais unidades charqueadoras da região e com o Uruguai.

Investigar o papel da Tablada e do Matadouro Municipal no contexto das charqueadas bageenses, em especial, as de propriedade do Visconde, pode fornecer estudos valiosos sobre a cadeia produtiva do charque e suas ramificações socioeconômicas na época.

2.2 Entre edifícios e jardins: Charqueada Industrial e Santa Thereza

Os processos de industrialização da sociedade foram responsáveis por inúmeras mudanças nas cidades e nas formas de uso do solo. Essas transformações reverberaram na Vila Industrial e na Vila Santa Thereza.

As alterações provocadas por estes avanços impulsionaram o crescimento da produção de alimentos, ocasionando a saída dos agricultores das áreas rurais e, conseqüentemente, promovendo um considerável aumento demográfico nas cidades. Estas, entretanto, não estavam aptas a comportar tais transformações, e passaram a enfrentar problemas de moradia, infraestrutura e insalubridade.

Como explica Benevolo (1994), entre as décadas de 1760 e 1790, na Inglaterra, houve um crescimento absoluto da produção industrial, atrelado ao desenvolvimento e crescimento das indústrias, que se concentravam nas grandes oficinas. Isso chamou a atenção de inúmeras famílias provenientes dos distritos agrícolas, as quais deslocaram-se rumo aos distritos dos centros das cidades. Assim, houve uma grande mudança para essa população, que foi transferida de suas casas isoladas no campo, para os pequenos bairros construídos nos arredores das oficinas industriais. Foi dessa forma que surgiram, espontaneamente, novas cidades, e outras delas aumentaram significativamente.

Choay (1979) analisa a industrialização sob duas perspectivas: estrutural e quantitativa. Com relação ao ponto de vista estrutural, a autora pondera que, nas antigas cidades da Europa, toda a mudança e modernização dos meios de produção e de transporte, bem como o surgimento de novas funções urbanísticas, acabam colaborando para a dissolução dos antigos contextos, geralmente sobrepostos da cidade medieval e barroca. Já no que se refere à perspectiva quantitativa, a Revolução Industrial ocorre atrelada a uma intensa

expansão demográfica das cidades, através do esgotamento dos campos em detrimento de um desenvolvimento urbano que atinge proporções jamais vistas.

Um novo cenário começa a surgir, tanto no campo do urbanismo como dos tipos arquitetônicos. As áreas verdes foram incorporadas a esta nova configuração, criando uma nova paisagem nas cidades. Entre os modelos emergentes, surgem alternativas para os problemas existentes, através da proposição de novos cenários, que reforçavam a cidade como lugar de convívio, oportunidades e socialização.

Diversas características presentes no complexo fabril-charqueador estão em consonância com os modelos provenientes da modernização dos espaços. Como mencionado, a utilização de amplas áreas verdes tornou-se um elemento marcante nesse novo panorama. Além dos aspectos materiais, esse conjunto implantado no sul do Rio Grande do Sul apresenta diversos aspectos imateriais e naturais que compõem a paisagem peculiar do local.

A vegetação nativa é composta pela mata ciliar que está presente em toda a extensão do Arroio Quebrachinho. Somando-se a ela, existe ainda a vegetação implantada pelo ser humano: os eucaliptos e as palmeiras plantados pelo Visconde de Ribeiro Magalhães nos trechos de Bagé à Santa Thereza e de Santa Thereza à Industrial. Os denominados *boulevards* remetem às intervenções que estavam ocorrendo nas cidades europeias do final do século XIX.

Afastadas do centro urbano de Bagé, as charqueadas formaram um núcleo autônomo em relação à cidade. O complexo se desenvolveu em meio a amplas áreas verdes, resultando em uma ocupação rarefeita do solo, que reforça o rompimento em relação à malha reticulada tradicional, adquirindo uma conformação única e particular.

Para Ruffinoni (2019), no âmbito do patrimônio da industrialização, os valores excepcionais podem, por vezes, se manifestar em uma edificação industrial isolada. Porém, na maioria dos casos, esses valores expressam-se em uma rede de edifícios, sejam eles industriais ou não, que se conectam em razão da produção, como “galpões, edifícios fabris, vilas operárias, pátios de manobras, equipamentos, estruturas voltadas ao fornecimento de água e energia etc.” (RUFFINONI, 2019, p.46).

Esta rede de edifícios pode ser observada no complexo formado por Santa Thereza e Industrial, que contavam com inúmeros estabelecimentos necessários à vida de seus moradores, como escola, farmácia, hospital, restaurante, armazém, teatro e igreja. Além dessas, as vilas operárias surgem nesse contexto de mudanças e de uma lógica de controle do complexo fabril (BOLZAN *et al.*, 2017).

Nos novos modelos do urbanismo progressista, como a Cidade Industrial de Tony Garnier, em 1904 (ARÍS, 1991), também é definido um lugar central para a implantação de edificações de maior porte ou caráter coletivo. No que se refere às edificações mais imponentes de Santa Thereza e Industrial, estas são dispostas de modo isolado no lote, cercadas por jardins e áreas verdes.

2.2.1 Práticas paternalistas, mão-de-obra e entressafra

O surgimento e a conformação da Vila Industrial e da Vila de Santa Thereza estão associados à implementação da Charqueada Industrial, no município de Bagé, em 1891 e da Charqueada Santa Thereza, em 1897. O complexo residencial está localizado a, aproximadamente, 7 quilômetros do centro da cidade, ou seja, na área rural do município. Visconde de Ribeiro Magalhães, o idealizador do projeto, foi considerado como um homem visionário em virtude das ações que proporcionaram a ascensão da região, até então pouco desenvolvida (FAGUNDES, 2012).

Sobre a Charqueada Santa Thereza, a mão de obra assalariada e o complexo urbano e arquitetônico que se formou ao redor da mesma foram algumas das características que a destacaram das demais existentes na época e na cidade. Portanto, a relevância deste conjunto arquitetônico consiste na evidência de um momento econômico e cultural da região da campanha gaúcha, proveniente da economia do charque.

No final do século XIX, ideias urbanísticas começaram a se fazer presentes nas charqueadas sul-brasileiras. A necessidade de expansão das fábricas, a crescente demanda populacional e o mau cheiro desses estabelecimentos levaram à criação de núcleos afastados dos centros urbanos.

Neste contexto surgiram as vilas operárias, onde os trabalhadores podiam viver próximos às fábricas e ter acesso a serviços básicos como escolas, hospitais e armazéns.

Pesavento caracteriza as charqueadas sul-brasileiras como

Unidades de beneficiamento de carnes, que operavam com força-trabalho escrava, [e] a partir da década de 70 do século passado (século XIX) foram progressivamente realizando a sua substituição por mão-de-obra assalariada, ao mesmo tempo que passaram a utilizar a máquina a vapor (PESAVENTO, 1985, p. 38).

No que diz respeito à infraestrutura do complexo saladeiril, além das instalações da própria Charqueada Santa Thereza, o conjunto era formado por uma significativa estrutura de apoio. Fagundes (2012), estima que aproximadamente 840 pessoas, entre os operários da charqueada e suas famílias, habitavam a Vila de Santa Thereza. Os equipamentos que acompanhavam as residências consistiam em restaurante, barbearia, alfaiataria, escola e posto médico.

Em estudos e levantamentos realizados para a elaboração deste trabalho, foi perceptível a redução no número de conjuntos residenciais existentes em Santa Thereza. Essa diminuição pode ter sido causada por diversos fatores, como o declínio das atividades econômicas realizadas no local ou redirecionamento do crescimento urbano.

Soares (2006) também destaca aquelas instalações destinadas ao incentivo das atividades culturais e de lazer como, por exemplo, o coreto para apresentações musicais, o teatro, a capela e a quadra de tênis. A amplitude do conjunto demonstra o porte do empreendimento industrial para a época.

Pesavento (1986) observa o exemplo da Fábrica Rheingantz, localizada em Rio Grande. A mesma construía casas próximas à empresa e alugava-as aos operários por um baixo custo. Dessa forma, buscava manter a mão-de-obra em estreita proximidade com a empresa. O aluguel dessas moradias era uma maneira de fazer com que o salário pago ao empregado retornasse ao capital. A autora analisa, ainda, que a proximidade das moradias em relação à fábrica fazia com que se excedessem as formas de controle e vigilância dos empreendedores sobre os trabalhadores da fábrica. Portanto, “horário de trabalho, hábitos, formas

de proceder, eram mais facilmente controláveis se a mão-de-obra estivesse concentrada próxima ao estabelecimento” (PESAVENTO, 1986, p. 68).

Ao se referir às obras do visconde, o jornal **Correio da Europa**, de 1913 afirma que

A cidade de Bagé deve-lhe (ao visconde) perduráveis serviços, constituindo a charqueada de Santa Thereza uma importante povoação particular, se assim se lhe pode chamar, onde fez construir uma esplêndida igreja, teatro, cinematógrafo, etc., para o uso de recreio do seu pessoal (s. p.)

No contexto do trecho, o termo “povoação particular” pode sugerir que a charqueada era uma comunidade autônoma, uma espécie de povoado independente, com suas próprias estruturas e serviços. Essa expressão também pode denotar uma distinção de classe e poder entre a elite proprietária e trabalhadores da charqueada, destacando a segregação social existente.

Este termo reflete uma visão paternalista e elitista, onde a elite detém controle sobre uma determinada área ou comunidade. Isso implica em relações de dependência e desigualdade social entre proprietários e trabalhadores.

A partir deste contexto apresentado, é possível perceber que a disciplinarização do trabalho adentra a privacidade da vida cotidiana e familiar dos trabalhadores. A citação destaca a prática da construção de moradias próximas às fábricas como estratégia de manutenção da mão-de-obra e controle dos trabalhadores. Essa prática não é exclusiva de um período histórico ou de uma região específica, mas sim uma realidade presente em diversas épocas e lugares.

É importante refletir sobre a dimensão social dessa estratégia. Por um lado, as moradias próximas à fábrica podem proporcionar uma maior comodidade aos trabalhadores, que economizam tempo e dinheiro com deslocamento. Por outro, essa proximidade pode levar a uma maior exploração dos trabalhadores, que se tornam mais facilmente controláveis pelos empregadores. Além disso, a construção dessas moradias muitas vezes é feita de forma precária e insalubre.

A fala de R.M.R.V.¹⁵, que viveu em Santa Thereza, faz menção às moradias de antigamente:

¹⁵ Mesmo com a concordância dos entrevistados em terem seus nomes publicados, optei por utilizar apenas as iniciais como uma forma prática padrão de anonimização, garantindo uma abordagem mais uniforme e de proteção adicional da identidade dos participantes.

O que eu lembro é que a gente teve uma infância feliz, farta, e a gente morava aqui em um rancho de torrão com cobertura de palha santa-fé colhida por eles mesmo. Iam lá e cortavam, faziam a cobertura, tudo direitinho. Era bem direitinho, tudo acabado, só que o chão era de terra batida.

Este trecho traz à tona algumas complexidades da vida no complexo urbano. Os ranchos de torrão foram um tipo de habitação típica do Rio Grande do Sul. De acordo com Luccas (2010) os ranchos de torrão consistiam em um método simples que envolvia a construção de paredes através da sobreposição de placas de grama com terra, junto com o solo agregado às suas raízes, onde a cobertura era comumente feita com capim santa-fé.

Esses ranchos eram de fato construções mais simples e frágeis, sendo comuns em áreas rurais e serviam como moradias para pequenos proprietários de terras e trabalhadores rurais. Em Santa Thereza ou Industrial, não foram encontrados remanescentes desses exemplares até o momento.

O fim das relações de produção escravistas gaúchas, em 1888, estimulou a adesão de relações de produção assalariadas, “simbolizado na figura do “contratado”, que substituiu o escravo, na produção do charque, atestando o caráter limitado da transição ao capitalismo, na região sulina” (CORSETTI, 1983, p. 311).

No que diz respeito à charqueada, com o término da escravidão permanece o uso da mesma mão-de-obra, porém, agora liberta, em uma atividade sazonal na qual, em épocas de safra, era convocada a força-trabalho que a região dispunha (PESAVENTO, 1985).

Eram três fases de safras existentes: safra verde, safra seca e a entressafra. A seguir serão brevemente apresentadas, de acordo com as contribuições de Marques (1990).

O período da safra verde correspondia do mês de janeiro até o final de maio, com uma média de duração de 5 meses. As matanças ocorriam diariamente no verão e parte do outono, possibilitando a produção do charque.

Apesar da suspensão das matanças e produção de charque, ao término do período de safra verde, o trabalho era mantido nesses estabelecimentos, porém, com trabalhadores reduzidos. A safra seca diz respeito aos meses em que a carne era retirada de pilhas, colocada para secar e vendida. Alguns homens escolhidos permaneciam trabalhando neste período (MARQUES, 1990).

A entressafra acontece depois de finalizado o momento de vendas do charque, e o trabalho acabava quase que completamente nas charqueadas. Contudo, mantinha-se, com pessoal reduzido, o trabalho de manutenção e preparação para a próxima matança (MARQUES, 1990).

O cenário descrito acima pode ser verificado na fala de R.M.R.V., a qual recorda sobre o período em que a carne era posta a secar, que segundo ela, era a entressafra.

Aí eles ficavam secando aquela carne, pelo período entressafra, que chamavam entressafra. Quando terminava o período de abate, eles iam trabalhar na carne para secar, ficavam um bom tempo trabalhando ali, aí aquela carne era exportada, porque na época, não existia geladeira.

Marques (1990) pontua ainda que as safras secas e entressafras “eram o drama dos trabalhadores das charqueadas depois da Abolição da Escravatura” (p.115). Isso porque o trabalho era reduzido e/ou até mesmo cessado e, como resultado, os operários começavam a depender de atividades informais para seu sustento, apesar de permanecerem morando nas proximidades das charqueadas.

O período da safra seca era importante para a economia regional, pois era o momento em que o charque produzido durante todo o período era processado e vendido. Durante esses meses, a produção de charque era intensa e os trabalhadores das charqueadas se dedicavam integralmente ao processo de secagem da carne.

O aproveitamento dos produtos do boi foi se tornando cada vez maior. Com isso, as charqueadas passaram a integrar gradualmente a fabricação de sabão, velas, conservas de língua e rabada, extrato de carne entre outros produtos que viabilizaram a possibilidade de prolongar o tempo de trabalho no decorrer do ano (MARQUES, 1990).

Publicação do jornal **O Independente** (s.d) refere-se à charqueada Santa Thereza como a preferida pelos mercados, tanto pela quantidade de gado abatido, quanto pela qualidade de seus produtos, os quais seriam superiores aos produtos do Rio da Prata.

Ainda na mesma publicação, a referida charqueada é retratada como uma fonte de riqueza, não somente ao Visconde, mas também àqueles que são “amparados” com trabalho e que supostamente estariam com seu futuro

garantido com uma vida “fácil e barata”. Isso se baseia na justificativa de existir, na área charqueadora, a taverna, lojas variadas de calçados, chapéu, educação, médico, farmácia, dentista, igreja, cinema, teatro, banco, entre outros estabelecimentos disponíveis na localidade. Ou seja, como mencionado pelo jornal: “uma vida intensa tem a charqueada todo ano, seja na safra, seja fora dela, porque o Visconde não deixa ninguém sem trabalho” (**O INDEPENDENTE**, s. d.).

O estabelecimento saladeiril era descrito pelo jornal como uma fonte de riqueza para o visconde e para a população que nele trabalhava, e que teriam assim, um ‘futuro garantido’. No entanto, essa visão apresentada pelo jornal **O Independente** parece superficial e oculta a realidade social e econômica da época.

Mesmo após a Abolição da Escravatura, a economia do charque era baseada em uma exploração desumana da mão de obra. Os trabalhadores, em sua maioria descendentes de escravizados, eram submetidos a condições precárias de trabalho e salários baixos, muitas vezes obrigados a trabalhar em dívida com a charqueada, o que perpetua um ciclo de exploração.

Nessa mesma linha de invisibilizar a exploração do trabalhador, o Guia Ilustrado, Comercial, Industrial e Profissional de Bagé, escrito em 1937 descreve:

Contraste a esta vida tranquila de campo é a das charqueadas, onde febrilmente se trabalha durante a safra dia e noite. Porém a vida destes trabalhadores no seu meio ambiente é também feliz, pois é a sua própria vida de gente acostumada a essas fadigas, e a esses serviços rudes e pesados, que talvez nos largos meses de repouso vão a estranhar.

Este trecho apresenta uma visão romantizada e idealizada sobre a vida nas charqueadas. A afirmação de que a vida dos trabalhadores nesses estabelecimentos é feliz pode ser questionada, já que o trabalho era extremamente árduo e desgastante, muitas vezes sem descanso e em condições precárias de higiene. Além disso, a ideia de que esses trabalhadores estavam “acostumados” com essa vida difícil sugere que talvez não houvesse outra opção para eles, o que reforça a desigualdade social e econômica da época.

As charqueadas eram grandes empreendimentos capitalistas, que buscavam maximizar seus lucros e produção, explorando os trabalhadores. A romantização do trabalho pesado e a vida nos saladeiros contribuiu para a invisibilização das condições precárias de trabalho.

Outra questão a analisar é sobre a falta de trabalho nos meses de repouso. A menção dos “largos meses de repouso” pode indicar a vulnerabilidade econômica para os trabalhadores, questionando assim a sustentabilidade da prática empregatícia na charqueada.

Durante o período do charque, a problemática da miséria, identificada principalmente nas entressafras, era compensada com a fartura resultante das safras verdes, a qual beneficiava a população mais empobrecida existente ao redor das charqueadas, que nessa época, presenciava abundância de carne. Um costume habitual era, inclusive, as charqueadas doarem ou venderem a preços baixos as carnes e miúdos que sobravam (MARQUES, 1990).

O contexto acima mencionado pode ser percebido no relato da entrevistada M.L.C.P.:

Eu me lembro que a carne ele (pai) trazia e tinha quantidade de carroças na frente da charqueada. Aí por 10h30min, 11h as carroças começavam a chegar, dos vendedores de laranja, de bergamota, de banana. E o que nós trocávamos aqueles rins. Eu mesma era dona de trocar, porque eu não gostava.

O trecho acima destaca um aspecto interessante do período do charque, que é a relação entre a fartura e a escassez no contexto de funcionamento das charqueadas. Cabe analisar que, talvez, a prática de distribuir os produtos para a população local não era uma ação planejada pelos proprietários das charqueadas. Esse ato podia ser intencional visando diminuir efeitos de pobreza ou até mesmo uma forma de lidar com prováveis excedentes de produção, evitando perdas financeiras.

Outro aspecto interessante a ser considerado é a relação de dependência entre os trabalhadores e as charqueadas. A entrevistada menciona que sua família trocava rins por frutas com vendedores locais, o que sugere que os trabalhadores, talvez, não recebessem salários monetários suficientes e dependiam da distribuição de carne para sua subsistência.

De maneira geral, este subcapítulo permitiu uma compreensão do complexo urbano formado pelas Vilas Industrial e Santa Thereza. É importante entender que por trás de um cenário que propiciava aos trabalhadores uma série de serviços e comodidades, existia relações de poder e desigualdades. A proximidade dos trabalhadores e da fábrica servia como uma forma de controle e vigilância dos empregadores sobre os operários, já que facilitava o monitoramento de suas atividades e comportamentos.

No capítulo seguinte, serão abordadas as análises destes espaços através de fotografias. Por meio dos estudos visuais, buscou-se compreender as relações sociais e espaciais presentes nesse contexto industrial, bem como as condições de vida e trabalho experimentadas pelos operários. Ao explorar as fotografias desse período, pode-se revelar aspectos dessa realidade, permitindo entender o impacto do período do charque para a organização do espaço.



UM CENÁRIO DO
ESPAÇO FABRIL:
ESTRUTURAS E
REPRESENTAÇÕES

3 UM CENÁRIO DO ESPAÇO FABRIL: ESTRUTURAS E REPRESENTAÇÕES

Para a elaboração deste capítulo e do próximo, foram trabalhadas fontes orais, fotográficas e documentais. As histórias orais oferecem uma riqueza de informações que podem ser analisadas e compreendidas a partir de diversas óticas e considerando as variadas camadas de significados das entrevistas (FREUND, 2009). Assim, a partir do roteiro básico de entrevista (que pode ser encontrado no Anexo A, ao final deste trabalho), foram abordadas questões diversas envolvendo as experiências de vida na Vila Industrial e na Vila de Santa Thereza.

Com a disseminação da fotografia, em meados de 1860 (KOSSOY, 2012), acontecimentos, monumentos, paisagens, fatos políticos, sociais e pessoas passaram a ser registrados pelos olhares dos fotógrafos. A arquitetura se incluiu nesse fenômeno passando a ser documentada pelas lentes em suas diversas nuances ao decorrer do tempo, onde foram registradas, inclusive, as modificações, perdas ou a ausência total de uma edificação.

Sobre as residências, espaços de lazer e trabalho das charqueadas foram realizadas análises de fotografias onde tais estabelecimentos aparecem. Somam-se às análises, depoimentos de moradores e antigos moradores e relatos de jornais da época.

Nesse aspecto, Mauad (2016) contribui com o tema concluindo que “toda a arte é histórica, portanto, toda imagem possui uma historicidade fundamentada em uma prática cultural e social; assim como o conceito de cultura visual compreende a visualidade como fenômeno social” (p.41). Para a autora, a visualidade, como um todo, não se baseia apenas em imagens, mas também no conjunto de textos não visuais que fundamentam a criação de imagens por determinados sujeitos históricos em um determinado circuito social (MAUAD, 2016).

Assim, essa parte do trabalho mescla os diferentes tipos de fontes, buscando entender o funcionamento e a espacialidade dos conjuntos fabris. É fundamental considerar as práticas e os contextos sociais em que as imagens foram produzidas e interpretadas para se compreender a história e a cultura do local estudado.

Foram entrevistadas quatro pessoas com significativos vínculos sobre a temática deste trabalho. Todas elas moraram ou ainda moram no local estudado. Os depoimentos foram registrados através de sistema de gravação, transcritos e impressos, e levados até os entrevistados para a conferência. Com este processo foi obtida a autorização para o uso de trechos das entrevistas neste trabalho.

Combinando entrevistas presenciais e uma virtual, foram comentadas as narrativas de quatro pessoas. M.L.C.P.¹⁶, moradora da Vila de Santa Thereza; M.M.O.¹⁷, moradora da Vila de Santa Thereza; C.F.S.¹⁸, antiga moradora da Vila de Santa Thereza e fundadora e administradora do grupo do Facebook Industrial (CICADE), Santa Thereza e Cinco Cruzes¹⁹; A.B.N.²⁰, antigo morador da Vila Industrial.

Foi através do grupo do Facebook que tive contato com C.F.S. e com o filho de A.B.N., que me indicou a conversa com o pai. M.L.C.P. foi citada diversas vezes ao procurar por possíveis narradores. Através dela conheci M.M.O. As duas tiveram uma colaboração ímpar no trabalho, pois são as moradoras mais antigas com quem tive contato.

A entrevista com C.F.S. foi realizada de modo virtual, através do Google Meet. Esta foi a única forma de viabilização da conversa, visto que a mesma mora atualmente em Niterói/RJ e o seu relato me parecia imprescindível pela vontade demonstrada ao criar o grupo: “Este grupo foi criado para que as pessoas postem fotos desses lugares antigas e atuais e para contar pequenas passagens e recordações desses lugares” (Facebook).

Os momentos pré-entrevista, como já evidenciaram Santhiago e Magalhães (2020), foram de fato importantes para uma aproximação com a narradora, permitindo uma relação pautada no respeito, profissionalismo e explanação das expectativas sobre a utilização do recurso virtual para a execução da entrevista.

¹⁶ Entrevista realizada com M.L.C.P., no dia 27 de outubro de 2022, na casa da entrevistada, na Vila Santa Thereza.

¹⁷ Entrevista realizada com M.M.O., no dia 27 de outubro de 2022, na casa da entrevistada, na Vila Santa Thereza.

¹⁸ Entrevista realizada com C.F.S., no dia 26 de dezembro de 2022, via Google Meet.

¹⁹ <https://www.facebook.com/groups/592862670734744> Acesso dia 27 de abr. de 2023.

²⁰ Entrevista realizada com A.B.N., no dia 26 de outubro de 2022, na casa do entrevistado, em Bagé.

Além dessas, durante o processo de desenvolvimento da pesquisa, tive acesso ao documentário Vila de Santa Thereza²¹, desenvolvido em 2020 por Adriana Gonçalves Ferreira. O documentário reúne entrevistas com diversas pessoas que versam sobre a história de Santa Thereza e Associação Pró Santa Thereza²². A partir dos relatos presentes no documentário, analisei a fala de quatro depoentes que rememoravam o passado vivido no local.

Sobre as imagens, estas foram divididas em três categorias: residências; espaços institucionais e de lazer e; trabalho. Para a análise dessas imagens, foram utilizadas algumas diretrizes apontadas por Canabarro (2015). Recorrendo a Dubois (1994), o autor baseia-se no conceito de *espaço fotográfico*, como o “limite que é capturado pela lente do fotógrafo” (p. 118) e pode ser elucidado a partir de planos que o constituem.

Segundo o seu trabalho, os planos são os elencados a seguir. a) O *primeiro plano* é aquele composto por figuras humanas e a maneira como estas se posicionam na cena. b) O *plano de detalhes* destaca os componentes significativos da fotografia, propiciando uma análise mais direta aos elementos que compõem a cena. c) O *plano de fundo* é aquele que compreende a área posterior às figuras retratadas. d) O *plano geral* é a junção de todos os planos, “permitindo analisar a harmonia e a disjunção entre a cena, o cenário e os dispositivos técnicos utilizados pelo fotógrafo” (CANABARRO, 2011, p. 119).

Foi desenvolvida uma metodologia com o propósito de auxiliar o leitor na compreensão da localização dos objetos retratados nas imagens. A fim de facilitar a interpretação das figuras, foram incluídas duas representações gráficas em escalas diferentes.

A primeira representação abrange uma escala mais ampla, proporcionando uma visão geral das Vilas Santa Thereza e Industrial. Essa escala é útil para estabelecer um quadro geográfico inicial, onde foi demarcada a área aproximada de captura dos registros. A segunda representação gráfica possui uma escala mais detalhada e focada no objeto ou local específico

²¹ Disponível em: <https://www.pontodeculturapampasemfronteiras.com/santathereza>. Acesso em 28 de mar. de 2023.

²² Coletivo de mulheres voluntárias que protege o patrimônio cultural de Santa Thereza (FERREIRA, 2020).

registrado nas imagens. Assim, facilita a compreensão de características peculiares e das relações espaciais envolvidas.

A adoção dessa metodologia visa promover uma melhor compreensão das fotografias apresentadas no trabalho, ao fornecer uma perspectiva ampla do contexto geográfico onde os elementos de interesse foram registrados.

As charqueadas, em específico a Santa Thereza, foram capturadas em diversas situações, tais como em atividades do cotidiano da população, o trabalho nos varais de charque, em fábricas de derivados e retratos de família²³.

Foram utilizadas neste capítulo quatorze imagens do complexo, sendo onze referentes à Santa Thereza e três à Industrial. Como comentado previamente na Introdução deste trabalho, as produções bibliográficas e iconográficas acerca das Vilas são compostas, em sua maioria, por estudos dos remanescentes arquitetônicos de cunho cultural, como o teatro, a igreja e o coreto, pertencentes à Vila de Santa Thereza. Além da prioridade a esses exemplares monumentais mais expressivos, as produções sobre os remanescentes da Vila Industrial são pouco elaboradas.

As imagens permitiram algumas observações sobre o contexto em que foram capturadas, a linguagem arquitetônica do complexo em suas diferentes camadas, e os atores sociais que constituem tais cenários. Para a análise, este capítulo divide-se em duas partes, *Residências* e *Locais de trabalho*.

²³ As fotografias de família referem-se apenas à família do Visconde de Ribeiro Magalhães, proprietário da Charqueada Santa Thereza.

3.1 Residências

A imagem fotográfica presente na **Figura 17A** foi obtida no Acervo da Associação Pró Santa Thereza e apresenta um dos exemplares monumentais mais expressivos e frequentemente citado em publicações sobre Santa Thereza: o Palacete do Visconde de Ribeiro Magalhães. Como veremos mais adiante, a edificação passou por uma modificação arquitetônica, sendo seu primeiro período denominado neste trabalho de *1ª fase* e após modificações, *2ª fase*.

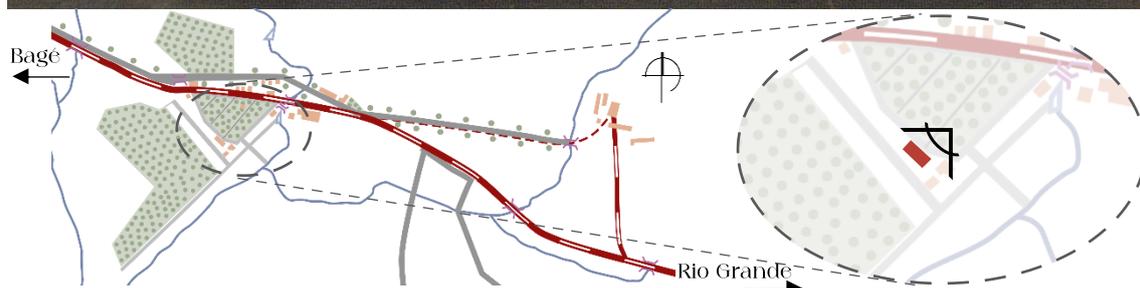


Figura 17A: Palacete do Visconde, s. d.
Fonte: Acervo da Associação Pró Santa Thereza

Construído para abrigar a família do Visconde, foi implantado em um local privilegiado, de onde era possível observar todo o complexo de Santa Thereza (SOARES, 2006). Na imagem analisada, ficam nítidos alguns detalhes arquitetônicos que compõem a linguagem eclética da edificação. O palacete possui dois pavimentos. O pavimento superior é sobreposto ao volume central

do pavimento térreo. Em relação à composição, fica evidente através da imagem, a tripartição na disposição dos volumes e das esquadrias.

No primeiro pavimento, a porta da entrada principal é ocultada pela presença do muro externo, que é caracterizado pela presença de pilaretes decorados sob os quais são dispostos ornamentos como pinhas e vasos. As diferenças de tonalidades na fachada permitem diferenciar o pano de fundo escuro e a ornamentação clara.

O jornal **O Dever** de 1922 descreve a “Chácara Santa Thereza” como a “moradia do Visconde” e o jornal **O Independente** (s. d.) indica “a chácara, propriamente dita, que é uma reserva da grande estância é provida de frutos (...)”. Ou seja, apesar de estar localizado em um local isolado, longe de outras edificações, a presença do muro faz uma distinção entre o local público e o privado, a chácara da residência da estância.

O pavimento térreo da edificação apresenta janelas com caixilhos simples emolduradas e arrematadas com frontão de formas orgânicas e dispostas entre colunas de ordem jônica. A presença de cimalha e colunas que são interrompidas e recomeçam no segundo andar reforçam a composição volumétrica da edificação.

O segundo pavimento compreende três portas-janelas mais largas em relação ao restante da obra, com gradis de ferro ornamentados. Dispostas entre colunas de ordem jônica, as portas-janelas apresentam a mesma ornamentação do pavimento térreo, com exceção da unidade central, que é destacada pela presença de frontão cimbrado.

O coroamento da edificação é composto por platibanda e frontão. A platibanda apresenta trechos cegos com formas geométricas e outros trechos vazados com a presença de balaústres e pilaretes que sustentam ornamentos.

O primeiro plano da imagem é constituído pelas pessoas localizadas na parte exterior do palacete. Majoritariamente estão presentes figuras masculinas, e algumas mulheres aparecem ao fundo, próximas ao portão de entrada, trajando aventais (Figura 17B). Entre os homens, ao lado de fora, muitos usam chapéus e outros casacos e lenços, vestimentas emblemáticas da região da campanha gaúcha. Um deles, ao centro da figura, apresenta terno completo, se diferenciando dos demais. Pode-se sugerir que se trata do Visconde, representando um papel de destaque e liderança perante à comunidade.

Na parte superior da edificação aparecem figuras femininas, revelando um preparo ao capturar a imagem, evidenciado pela pose, posição na foto e até pela vestimenta.

Na fotografia, observa-se o Palacete do Visconde como objeto central da fotografia, ocupando o plano de detalhes. Capturada através da perspectiva frontal é possível perceber a fachada principal da edificação em sua totalidade. A imponência desta arquitetura residencial fica evidente pela forma como é centralizada na imagem.



Figura 17B: Recorte da Figura 17A, ênfase para mulheres usando avental.

Fonte: Acervo da Associação Pró Santa Thereza

Em relação ao plano de fundo, o mesmo é delimitado pelo que se pode considerar ser o limite da edificação, onde o céu e o solo ganham espaço. O terreno em frente ao palacete é arenoso e não podem ser visualizadas certas infraestruturas, como calçadas. No plano geral, constata-se uma imagem com notável enquadramento, onde a imponente edificação recebe maior luminosidade, e conseqüentemente, destaque. A fotografia evidencia a monumental obra produzida a partir da economia do charque.

Diferente do que se percebe na fotografia, uma publicação do jornal **O Independente** (s. d.) sugere que “ A morada do Visconde com sua exma. família é muito modesta, mas confortável, possuindo ela tudo o que se relaciona com o

bem-estar e de acordo com sua posição”. É preciso questionar o que significava “modesta” nesse contexto e em comparação com o que seria considerado uma residência grandiosa na época.

Pelo que se analisou na imagem sobre as características do palacete, a descrição feita pelo jornal parece ser idealizada e romantizada, no que parece ser uma tentativa de enfatizar uma suposta modéstia do visconde.

Outro termo a considerar é o uso da expressão “de acordo com sua posição” sugerindo que existiam expectativas sociais em relação ao estilo de vida e à aparência da residência de alguém de uma determinada posição social, neste caso, o proprietário. A descrição do jornal reforça essas normas sociais.

Pesavento (2004) afirma que a cidade é composta por uma acumulação de marcas de historicidade. As variáveis que a compõem, como os tipos arquitetônicos, materialidades, traçados, valores e experiências de vida, apesar de sofrerem mutações, deixam seus vestígios na cidade. Há então uma superposição de camadas que revelam as marcas do tempo e o testemunho da história com suas nuances e contrastes, como um palimpsesto²⁴, sendo possível a identificação destes remanescentes e seus indícios.

No caso do palacete, as transformações em sua volumetria podem ser identificadas através das fotografias. Apesar de não conseguir estabelecer uma data ou período preciso para tal modificação, foram inseridos dois volumes nas laterais do pavimento superior da edificação (**Figura 18**). Sabe-se que em 1911, através de matéria obtida no Jornal **O Dever**, onde são impressas fotografias da Vila de Santa Thereza, o Palacete já havia passado pela alteração.

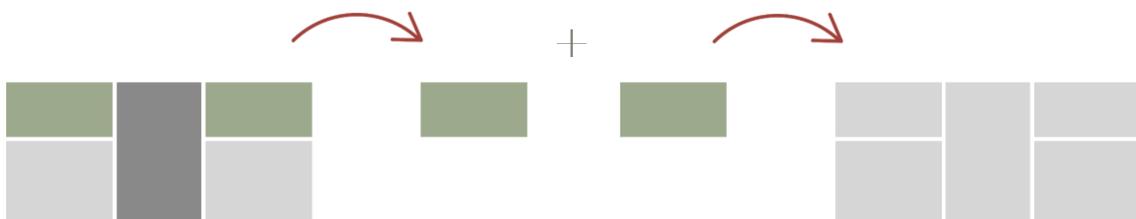


Figura 18: Esquema das transformações da volumetria do palacete.

Fonte: Elaborado pela autora, 2023.

A **Figura 19** retrata o palacete em evidência, centralizado na imagem e ressaltando seu caráter monumental que é acentuado pela modificação

²⁴ Trata-se de um pergaminho no qual a primeira escritura foi apagada para o reaproveitamento, entretanto, ainda se percebe os resquícios dos escritos antigos.

realizada no pavimento superior da obra. A inserção de dois volumes nas laterais do volume central adicionou à edificação duas portas-janela e uma janela em cada lado.

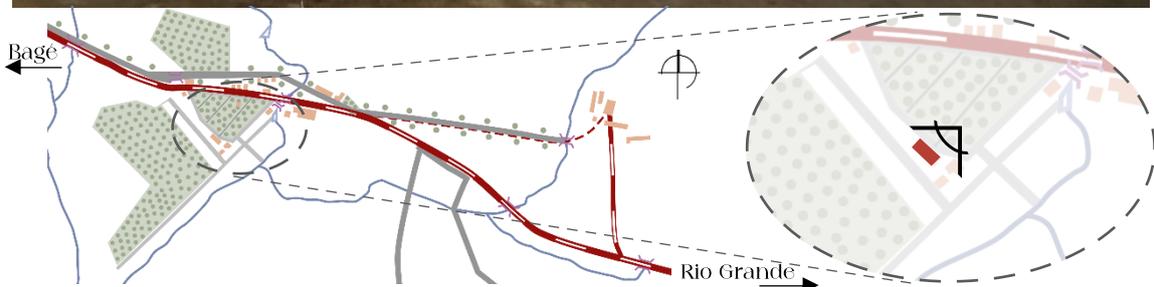


Figura 19: Palacete do Visconde, após modificações, s. d.

Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

As figuras femininas marcam presença na fotografia em quase sua totalidade, com exceção do menino que é visto sentado em um dos bancos na área externa. Uma das cinco mulheres sentadas em frente ao palacete, no centro do banco localizado à esquerda da imagem, possui um laço elaborado e cinco delas vestem avental (incluindo uma criança) identificando que, provavelmente, são funcionárias da residência do Visconde.

Os relatos sobre as trabalhadoras domésticas aparecem na fala de M.M.O., de 88 anos que nasceu na Vila Santa Thereza. Em sua entrevista, ela

não recordava muito sobre o palacete do visconde, mas comentou que uma de suas tias trabalhava lá: “Não me lembro muito, mas eu sei que eu ia lá de vez em quando, porque eu tinha uma tia que cozinhava lá na chácara para ele”. O fato da tia trabalhar na casa do proprietário da charqueada atesta a existência de uma estrutura hierárquica e de possíveis desigualdades sociais. Esse detalhe indica a presença de uma dinâmica de emprego e dependência econômica entre dois grupos.

A presença da tia de M.M.O. na casa do visconde aponta para a importância abordar não apenas a vida dos proprietários e da elite local, mas também a vivência e o ponto de vista de outros atores sociais, como os trabalhadores dessa charqueada. Esses integravam de maneira significativa o contexto charqueador e as dinâmicas sociais e econômicas da época.

Ao manifestar que não se recorda muito sobre o palacete, o trecho ressalta também a subjetividade da memória e a possibilidade de lacunas na narrativa histórica. Esse fato reforça a importância de considerar múltiplas perspectivas e fontes ao construir uma compreensão contextualizada sobre determinado período e/ou acontecimento.

Em contrapartida a este relato, no pavimento superior da edificação retratada na imagem, a situação documentada é diferente. Cinco mulheres e uma criança posam para a foto com suas mãos sob o rosto, debruçadas no guarda-corpo das sacadas, trazendo um ar de autoridade perante àquelas sentadas na área externa.

Essa configuração visual pode refletir as normas sociais da época, onde as mulheres das classes menos privilegiadas eram relegadas a papéis de serviço doméstico, enquanto as de classes mais altas eram responsáveis pela administração e gestão da casa. A imagem sugere uma distinção entre as classes reforçando as hierarquias existentes na época.

De acordo com Mauad (2008), ao analisar retratos fotográficos, os corpos expostos nas fotografias permitem historicizá-los, contribuindo para uma análise histórica e cultural, através de elementos como vestimenta, higiene, posicionamento etc. Além de ilustrar o jornal **O Dever**, como mencionado, a fotografia aparece também no jornal **Correio da Europa** de 1913. Ou seja, as características descritas anteriormente como as poses, a mão no rosto, o olhar para a câmera e o posicionamento das pessoas na imagem, e o fato de

ilustrarem jornais da época, evidenciam uma cena cuidadosamente planejada e organizada.

Essa perspectiva questiona a autenticidade e espontaneidade da imagem, destacando que ela pode ser uma representação construída, motivada por fatores sociais, culturais e históricos, e até mesmo visando fazer propaganda da charqueada nos jornais. Ao considerar esses elementos, é possível compreender melhor a intenção por trás da tomada da fotografia e a mensagem que ela pretendia transmitir.

Novamente, a composição da imagem é marcada pela escolha de um ângulo frontal, onde o palacete aparece centralizado na imagem. A estruturação da fotografia e a maneira como as pessoas se portam nesse espaço são favoráveis para que a imagem transmita uma mensagem. O palacete, nesse caso, simboliza um lugar de referência da família e também de seus funcionários.

M.L.C.P. nasceu em 1936, em Santa Thereza. O pai trabalhava na charqueada e a mãe no mesmo lugar e, posteriormente, na fábrica de línguas em conserva denominada Paysandú de McCall & Co. Ltd., a qual trataremos mais à frente. Em sua entrevista ela comenta:

Ele tinha escrava. Elas estavam todas sentadas. A mãe disse que elas eram duas ou três. Com aqueles panos brancos enrolados na cabeça, aqueles vestidos compridos. E a mãe dizia assim, estavam sentadas, porque tinha aqueles bancos lá fora.

Como mencionado previamente, a mão-de-obra adotada nas charqueadas do final do século XIX era assalariada, entretanto, a fala de M.L.C.P. pode revelar que, embora se trate de um período pós Lei Áurea, muitos ex-escravos podem ter permanecido em condições similares àquelas de anteriormente.

Ao se referir ao proprietário das charqueadas Industrial e Santa Thereza, o Jornal **O Dever** de 1922 descreve:

Referir à personalidade venerável do sr. Visconde de Ribeiro Magalhães, é falar do progresso do município de Bagé. Incontáveis são as obras denunciadoras do nosso adiantamento que reclamam quando não a honra de pertencerem *in totum*, por iniciativa, ao ilustre titular, ao menos registram a interferência do seu trabalho, da sua opinião, do seu espírito, sempre voltado aos maiores interesses da coletividade (s. p.).

A escravidão foi uma instituição (PESAVENTO, 1980) que sustentou o sistema econômico brasileiro durante séculos, especialmente nas atividades agrícolas e extrativistas, como a produção de açúcar, café e charque. O visconde de Ribeiro Magalhães, é frequentemente lembrado como um “homem à frente de seu tempo”, “visionário” e “inovador”, e de fato contribuiu para o desenvolvimento econômico da região. Porém é preciso analisar e contextualizar a situação do período pós Abolição no Brasil e Rio Grande do Sul, onde a elite branca e proprietários de terras continuavam controlando os recursos e oportunidades econômicas.

A Abolição da Escravatura, em 1888, foi seguida pela disseminação de novos valores, como a ideologia de progresso e mobilidade social (PESAVENTO, 1988). A transição para o trabalho livre exigiu mudanças profundas na organização do trabalho e na distribuição de renda, o que contribuiu para a formação de novas desigualdades sociais e econômicas.

Segundo Pesavento (1988), a mão-de-obra braçal, antes considerada como um trabalho destinado aos negros e, portanto, estigmatizada pelo passado escravocrata, passou a ser vista como uma atividade enobrecedora. No entanto, cabe analisar aqui que essa não é uma realidade que ocorreu ou ocorre de forma homogênea na sociedade. Ainda hoje, existem estigmas associados a determinados trabalhos, o que leva a crer que nos anos subsequentes à Abolição, a distribuição de empregos e oportunidades se dava de forma desigual.

Os ex-escravos ficaram sujeitos aos trabalhos menos valorizados e mal remunerados na sociedade pós-Abolição. Essas atividades incluíam empregos informais de baixa remuneração, em charqueadas, realização de tarefas pouco qualificadas, como limpeza de ruas e transporte de mercadorias, além dos tradicionais serviços domésticos como empregados e serventes (PESAVENTO, 1988).

A realidade dos trabalhadores pós 1888 acaba não sendo muito diferente daquela de antes, já que passaram a aceitar empregos em condições precárias e sem outras opções de trabalho.

O relato de Andradina de Oliveira, em 1915 revela que “em Santa Thereza tem também, nas aflições da doença o conforto de um hospital onde as filhas, as noras, as netas e a esposa do Sr. Visconde cumprem, religiosamente, os santos deveres da caridade” (OLIVEIRA, 1915).

Essa narrativa exalta as ações do Visconde, reforçando uma visão positiva da comunidade em relação a ele. No entanto, é importante considerar que essa fala pode ocultar desigualdades sociais e assimetrias de poder presentes na época.

A ênfase nas responsabilidades caritativas das mulheres da família do Visconde também pode refletir uma dinâmica de gênero hierárquica, na qual as mulheres são vistas como responsáveis pelo cuidado e pelo trabalho de caridade, enquanto o Visconde é retratado como o grande líder e benfeitor.

As ofertas realizadas pelo visconde, como assistência médica, escolar e outras comodidades podem ter sido, de fato, benéficas. Entretanto é importante perceber que essas características, associadas a mão-de-obra assalariada das charqueadas na época, não são um mérito pessoal do visconde, pois estão pautadas em relações de poder e trabalho.

As áreas internas do palacete também foram registradas pelas lentes de fotógrafos da época. A **Figura 20** retrata a parte interior da chácara do Visconde.

No registro, os jardins de Santa Thereza podem ser vistos de maneira mais ampla. A 'quinta' foi descrita pelo jornal **O Dever**:

Na frente aparece a grande e pitoresca quinta em cujo centro está construído o palacete de residência da exma. Família. A extensão da quinta é grande: 500 metros de frente por 400 de fundo. E dentro desse perímetro não há um centímetro de terra [...]. Pequenos vales cortam-na em todas as direções para escoadouro das águas. É toda cercada com tela de arame e dividida em quarteirões por magníficas avenidas iluminadas à eletricidade durante a noite (**O DEVER**, 1911, s. p.).

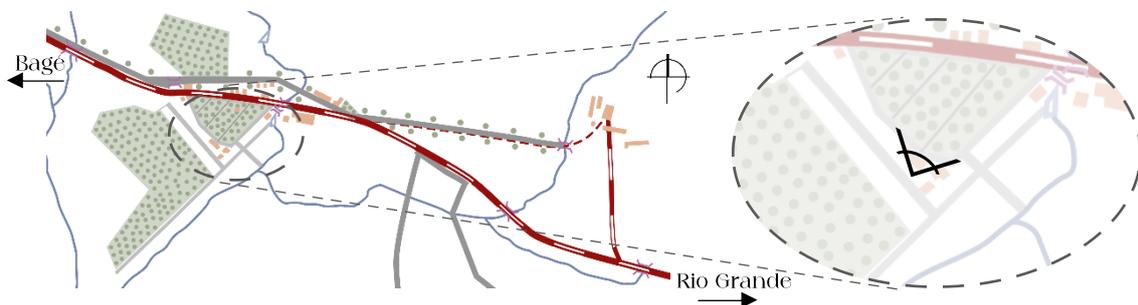


Figura 20: Vista do jardim do Palacete do Visconde, s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

A descrição do local ser cercado traz à tona algumas questões relevantes. Por um lado, a cerca pode ser interpretada como um símbolo de exclusão e segregação, destacando a divisão entre aqueles que têm acesso à propriedade e os que estão do lado de fora. A residência grandiosa também protegida por muros pode evocar a ideia de privilégio e distância em relação à comunidade circundante.

Na imagem, há a presença de algumas árvores e vegetação de pequeno porte entre o muro e o palacete, indicando a existência de um jardim. O jornal **O Dever** (1922) descreve

(...) no palacete central, residência do Visconde, grandes latadas de vinhas, ocupando muitos hectares de terras, que produzem anualmente cerca de 50 pipas de vinho; árvores frutíferas de todas as qualidades, como [ilegível] pereiras, laranjeiras, bergamoteiras, etc. (s. p.).

Fica evidente, pela descrição do jornal, que as árvores frutíferas, as parreiras e outras plantações eram propriedade da residência do visconde. O palacete em si era separado desta área pelo muro visível na imagem. Além da fonte em evidência, podem-se encontrar registros da arborização do interior da residência em relatos de jornais:

O palacete de residência do S. Exa. e sua exma. família ergue-se ao centro, coroado de arbustos, árvores gigantescas, trepadeiras que na primavera e verão alastram-se por grandes latadas inundando de flores todo aquele recinto pitoresco que só respira perfumes (**O DEVER**, 1911, s. p.).

Sobre o trecho, é interessante destacar que o processo de produção do charque resultava em um cheiro desagradável, que se espalhava nas proximidades das charqueadas. O acúmulo de resíduos e dejetos provenientes dos processos de salga da carne contribuíam para o mau cheiro e falta de higiene nas áreas circundantes (GUTIERREZ, 2001). Portanto, a descrição do “recinto pitoresco que só respira perfumes” no contexto da charqueada não corresponde à realidade e pode ser considerada uma tentativa de idealizar o ambiente saladeiril de Santa Thereza.

Além disso, a criação dos jardins ao redor do palacete pode ser interpretada como uma estratégia para proporcionar um ambiente mais agradável para os moradores da residência, a elite proprietária, e não necessariamente para os trabalhadores da charqueada.

Ainda sobre a imagem, o fotógrafo, provavelmente, fez o registro a partir do segundo andar do Palacete, demonstrando determinação para ampliar o campo de visão, englobando assim, os jardins e as plantações localizados à frente da propriedade. O registro revela a grandiosidade da área que fazia parte da chácara do visconde e sua família, destacando as vastas áreas de plantações.

Os caminhos que aparecem na fotografia ligam o palacete às áreas de trabalho e produção das charqueadas. Como analisado no próximo subcapítulo, existia uma divisão entre os domínios da residência do proprietário e as áreas

de trabalho e residências dos operários, refletindo a hierarquia social e econômica existente no empreendimento.

3.2 Locais de trabalho

A **Figura 21** é um dos registros encontrados da Charqueada Industrial. As pessoas presentes na fotografia integram o primeiro plano da imagem. Cerca de 20 homens aparecem na parte frontal, olhando para o fotógrafo, revelando uma fotografia orquestrada.

De acordo com Mauad (1990), as fotografias posadas são aquelas em que o espaço é cuidadosamente organizado para criar uma representação. Nesse tipo de captura, a pose, o traje e o ambiente são escolhidos para transmitir uma mensagem específica.

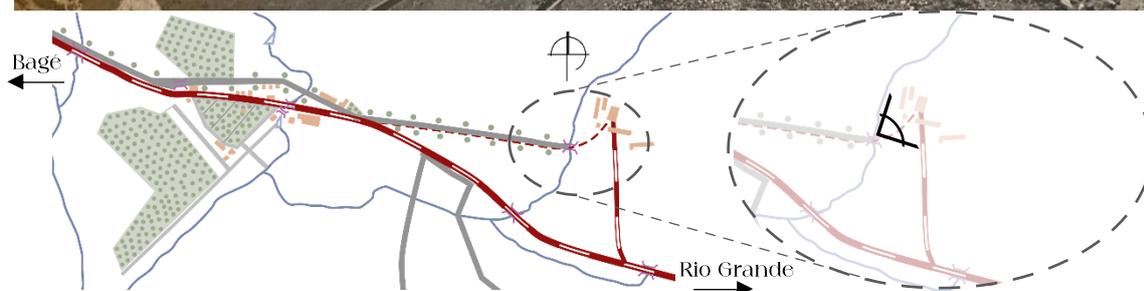


Figura 21: Charqueada Industrial, s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

Há a presença de um veículo puxado por tração animal e dois homens a cavalo. Sobre a vestimenta, a maioria usa chapéu e usam peças típicas da vestimenta da campanha, como bombachas, palas, lenços e botas.

A fotografia, tomada a certa distância, evidencia a grandiosidade do complexo charqueador. O plano de detalhes é composto pela vegetação circundante bem como os trilhos que atravessam a imagem. As instalações da charqueada em si constroem o plano de fundo da imagem. A fumaça e os trilhos de ferro representam transformações significativas na paisagem, consequência da modernização que se instalou no local.

Segundo Mauad “as fotografias em grupo apresentam uma variedade maior de lugares que caracterizam a própria vivência da classe em ascensão no espaço da cidade” (MAUAD, 1990, p. 256). As fotos coletivas realmente podem revelar aspectos importantes da vivência de determinadas classes sociais em um determinado espaço da cidade. Vale destacar que cada imagem é única e deve ser analisada individualmente.

Outra imagem referente à charqueada Industrial é a representada na **Figura 22**.

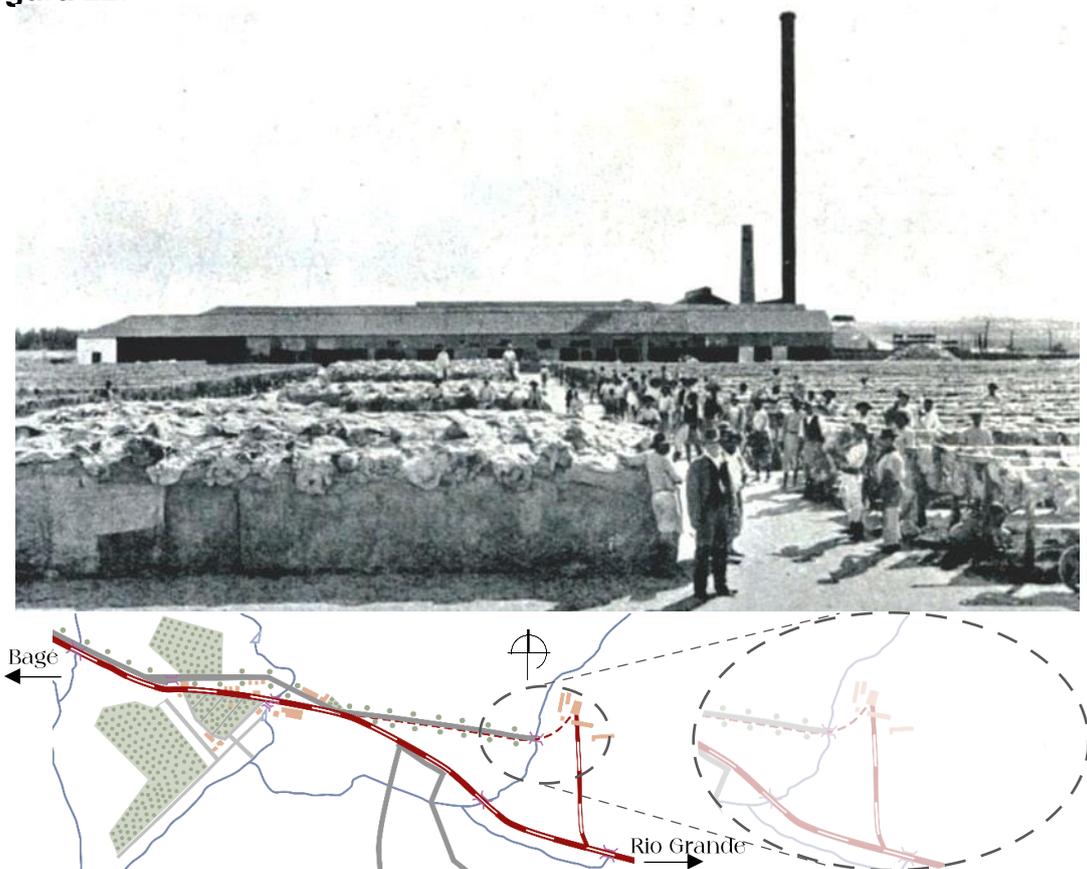


Figura 22: Varais de charque, charqueada Industrial, s.d.
Fonte: Grupo Industrial (CICADE), Santa Thereza e Cinco Cruzes (Facebook)

O registro captura um local de trabalho onde as atividades são árduas e constantes. O posicionamento das pessoas e o olhar para a câmera revela uma cena premeditada. A fotografia pode ser interpretada como uma tentativa de documentar o trabalho na charqueada.

Os varais, que aparecem fartos de charque, são o objeto central da fotografia. Diversos trabalhadores compõem a cena, olhando para a foto. Alguns, no fundo na imagem, posicionam-se em cima dos varais. Pela diferença de tonalidade das vestimentas e posicionamento na imagem, um homem destaca-se na parte frontal da imagem. Trata-se do pai de A.B.N. um dos entrevistados para esta pesquisa.

Segundo ele, o pai era chefe nessa época:

O pai aqui. Aqui era o charque, as pilhas. Aqui é a charqueada. Ali era a *emalação*, onde *imalava* o charque. Aqui tem essas duas *chimeneias*. Aqui era um pavilhão de charque. E o pai aqui. Ele era o chefe, o chefe do varal. Junto com outros dois. Eram os três chefes que tinham no varal.

As roupas e posicionamento na fotografia permitem entender que existia uma nítida hierarquia entre os trabalhadores. Isso indica que a produção do charque era organizada de maneira hierárquica e que alguns trabalhadores tinham mais poder do que os outros.

Sobre a análise das vestimentas em fotografias, Mauad comenta:

Em termos de indumentária, tanto para o grupo quanto para o indivíduo, a escolha de um determinado traje, além de acompanhar as tendências da moda, de cada época, contribui para reforçar o caráter de exclusividade atribuído a determinados lugares e eventos (MAUAD, 1990, p. 259)

A escolha dos trajes para os registros fotográficos pode, muitas vezes, estar relacionada a um contexto de classe social e poder econômico. Em sociedades estratificadas, a vestimenta pode ser utilizada como um meio de marcar a diferença entre classes, sendo que alguns trajes são associados a um *status* mais elevados, enquanto outros são relacionados a uma posição social inferior.

A **Figura 23** demonstra os varais de charque da charqueada Industrial. A fotografia destaca os varais, que ocupam a cena de maneira significativa.

No primeiro plano, podemos observar três figuras masculinas. Dois homens à frente, vestindo roupas brancas, usando lenços e chapéus, e outro homem mais atrás, usando o que parece ser uma boina.

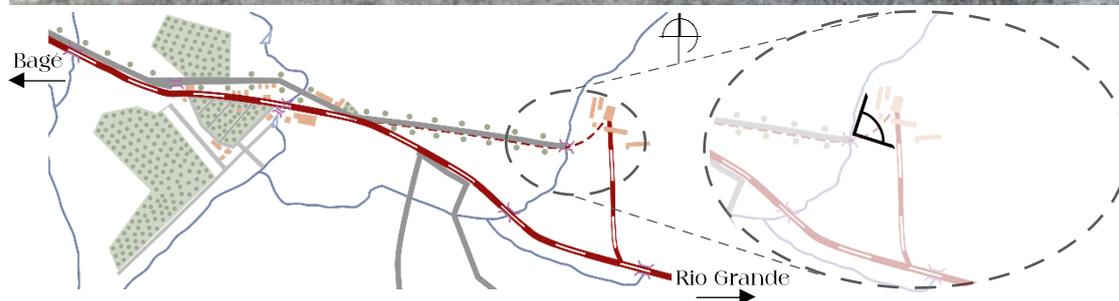


Figura 23: Varais de charque, Charqueada Industrial, s.d.
Fonte: Grupo Industrial (CICADE), Santa Thereza e Cinco Cruzes (Facebook)

O posicionamento dos homens sugere que eles estão envolvidos nas atividades da charqueada, possivelmente desempenhando papéis relacionados ao processo de abate de animais. Os varais apresentam uma abundância de charque exposto, ressaltando a escala e a importância da produção de charque na Charqueada Industrial. Entretanto, é notável que, em meio à extensão dos varais, poucos operários aparecem.

A escolha de retratar apenas três pessoas em um ambiente tão vasto e produtivo levanta questões sobre a intenção por trás da imagem, suscitando uma reflexão sobre o papel invisibilizado da mão-de-obra na produção do charque e

também sobre a intenção na captura da imagem. Pode ter sido uma decisão deliberada, talvez para enfatizar a organização e eficiência da operação, ou para destacar a posição de comando e supervisão dos indivíduos que aparecem. Essa “seleção visual” pode ter sido influenciada por motivos estéticos, comerciais ou mesmo políticos, ilustrando a fotografia como uma forma de construir e transmitir narrativas específicas sobre determinada circunstância.

Ao fundo da fotografia é possível avistar o caminho que leva até a Fazenda Cinco Cruzes²⁵. Essa perspectiva adiciona uma camada de contextualização geográfica, mostrando a conexão entre a charqueada e outras áreas de atividade relacionadas à indústria do charque. A vegetação e o plano de fundo acrescentam um elemento natural que contextualiza a relação entre a charqueada e o seu ambiente circundante.

A **Figura 24A** apresenta algumas instalações da charqueada Santa Thereza. Trata-se de edificações e uma ponte de pedras que passa acima do açude construído pelo Visconde. Apesar de não obter informações sobre a data específica da imagem, algumas reportagens permitem estabelecer um intervalo de tempo aproximado.

De acordo com matéria de **O Dever**, em 1911, neste ano o açude estava sendo planejado pelo Visconde: “à esquerda da charqueada está construindo um bonito açude, ao lado do qual funcionam uma fábrica de café e uma padaria” (**O DEVER**, 1911, s. p.).

²⁵ Atual Embrapa.

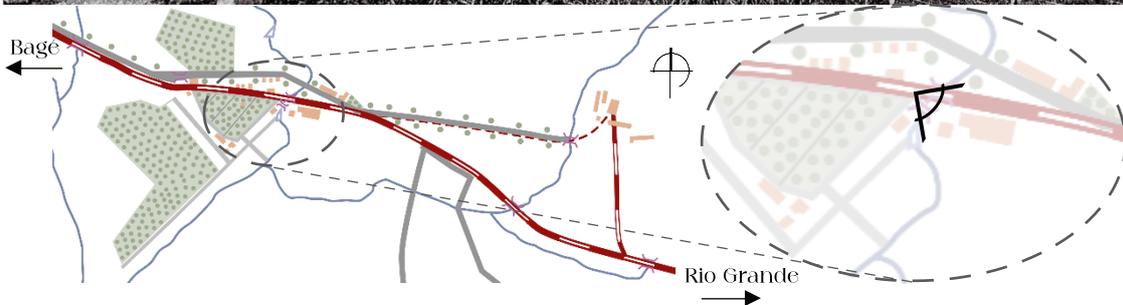
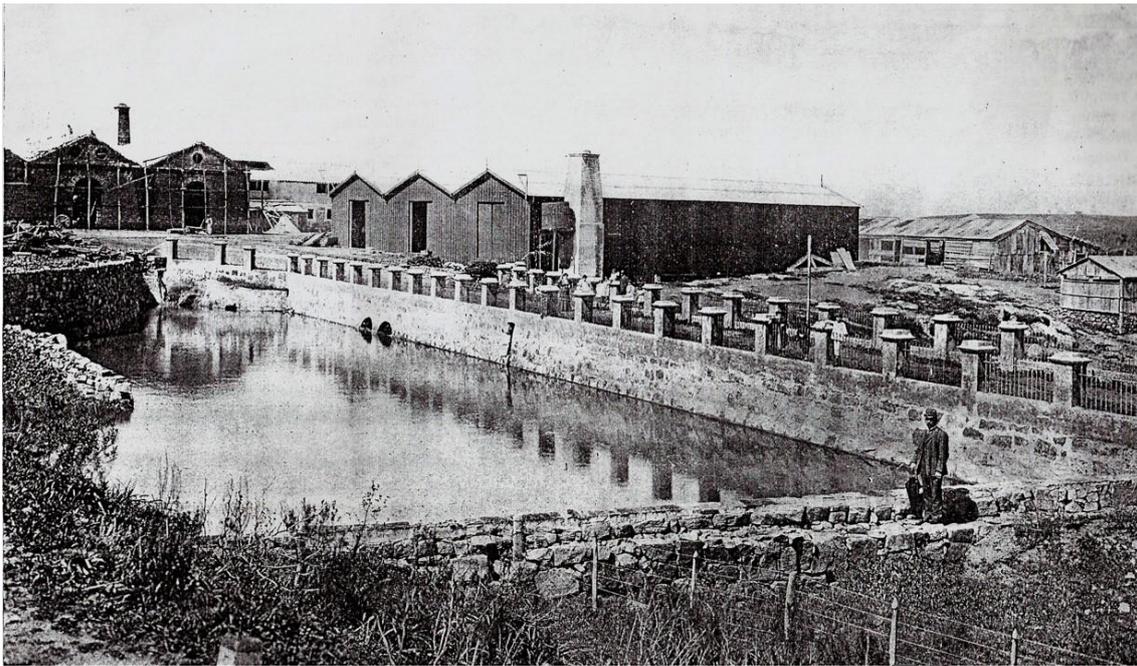


Figura 24A: Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

O primeiro plano da fotografia é composto pela presença de uma figura masculina que se posiciona na frente de um açude, aparentemente em uma ponte que cruza o local. O homem apresenta trajes formais como chapéu, paletó e gravata e segura o que parece ser uma guarda-chuva. Esse fato pode ser interpretado como uma representação de autoridade e prestígio associada à charqueada.

Além do homem de chapéu, estão localizadas sobre a ponte de pedra mulheres de vestido e chapéu e crianças debruçadas no guarda-corpo da ponte (**Figura 24B**). Todas essas pessoas aparecem olhando em direção ao registro fotográfico, revelando uma cena premeditada.

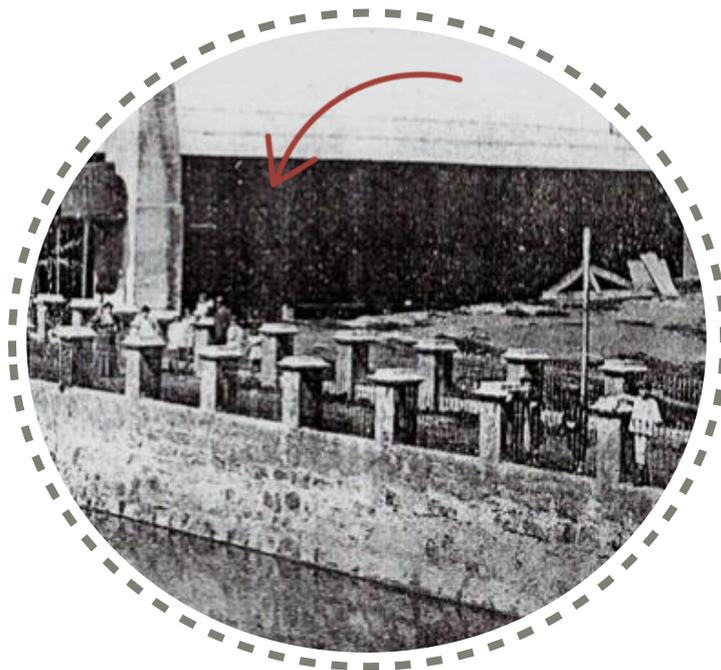


Figura 24B: Recorte da Figura 24, ênfase para as pessoas na imagem, s. d.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

O plano de detalhes revela alguns aspectos que sugerem que o local estava em processo de estruturação. O prédio da charqueada propriamente dito (**Figura 25**) bem como outras instalações, aparecem em processo de construção.

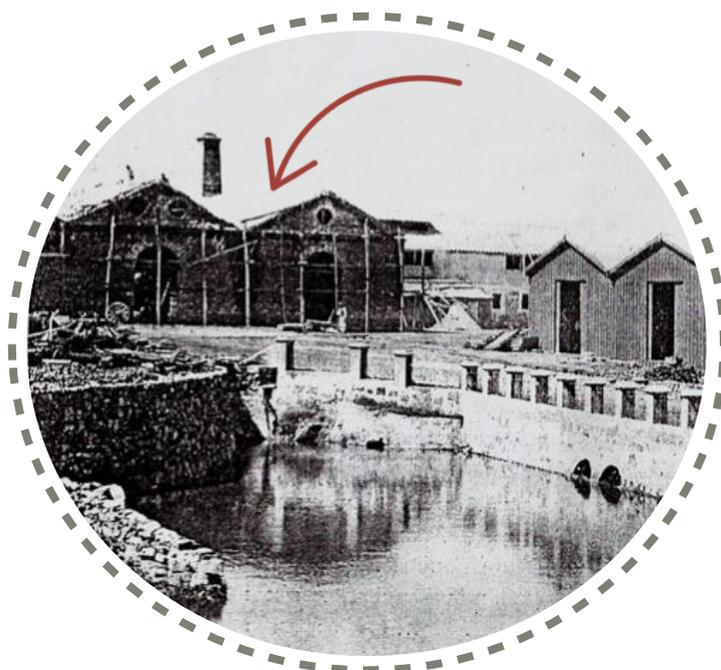


Figura 25: Recorte da Figura 24, ênfase para o prédio da Charqueada Santa Thereza.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires, adaptado pela autora.

O plano de fundo da imagem é dominado principalmente pela vegetação existente logo à frente da captura da fotografia, ao redor das instalações do açude. No geral, a fotografia retrata um local em processo de construção, transmitindo uma mensagem de progresso e desenvolvimento, sugerindo que a charqueada está se expandindo e/ou se modernizando. A intenção por trás dessa imagem seria promover a charqueada como uma empresa em ascensão, capaz de oferecer oportunidades de trabalho, avanço econômico e prosperidade para a região.

Essa mesma intenção pode ser analisada na **Figura 26**, da charqueada Santa Thereza propriamente dita. Nela, os varais aparecem repletos de charque, e trabalhadores posam para a fotografia.



Figura 26: Charqueada Santa Thereza, s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

No primeiro plano, figuras masculinas aparecem posicionadas na parte frontal da imagem, em destaque. Cerca de onze homens e quatro crianças podem ser identificados. Os homens vestem chapéus e aventais, sugerindo que são trabalhadores da charqueada. Alguns deles usam botas enquanto um aparece descalço.

Ao observar a parte do fundo na imagem, nota-se a presença de pessoas em cima de uma estrutura (**Figura 27**), apontando para uma organização da cena. Isso sugere que a imagem foi capturada com intenção, provavelmente de promover o funcionamento da charqueada.

No plano de detalhes, os varais aparecem repletos de charque. Essa ênfase na quantidade dos produtos expostos reforça a ideia de abundância e sucesso da produção na época de funcionamento das charqueadas. É uma estratégia visual que visa impressionar com a quantidade de charque produzido.

Além disso, o trilho do trem percorre a imagem, criando uma perspectiva visual interessante, e há a presença de um vagão chegando à frente do estabelecimento. Esse detalhe representa a expansão e o alcance dos produtos da charqueada, trazendo uma conotação de progresso. A conexão da charqueada com o transporte ferroviário, um meio de escoamento eficiente, é uma indicação de que os produtos têm um alcance além do local de produção. Assim, a imagem reforça a ideia de que a charqueada está conectada com o mercado e é capaz de atender a uma demanda maior.

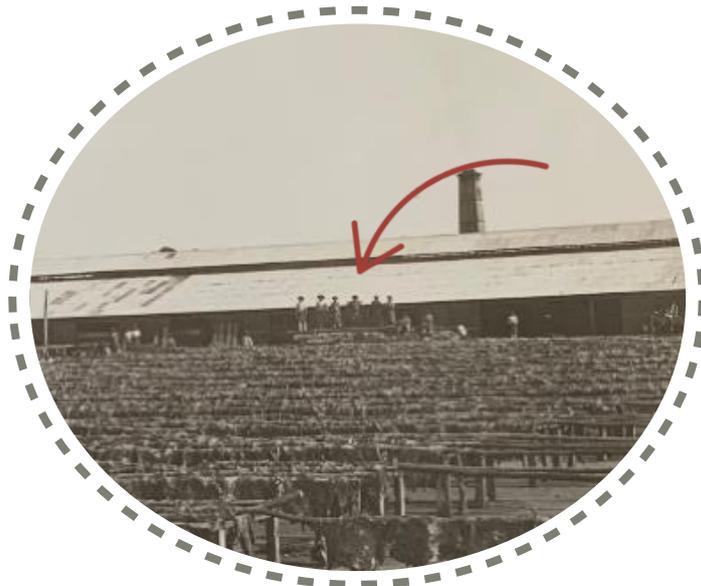


Figura 27: Recorte da Figura 26, ênfase para a posição dos trabalhadores.

Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

O plano de fundo revela a imponente edificação da charqueada propriamente dita, que se destaca na paisagem. A proporção do céu presente na imagem, ajuda a transmitir uma sensação de amplitude e grandiosidade, enfatizando a importância e o poder da charqueada.

De maneira geral, os elementos apontados como o posicionamento das pessoas, a exposição do charque nos varais, o vagão que chega ao local, enfatizam a intenção de demonstrar a charqueada como um local próspero e bem-sucedido na produção e comercialização do charque.

A **Figura 28** apresenta outras instalações da charqueada Santa Thereza localizadas próximas às instalações representadas anteriormente.

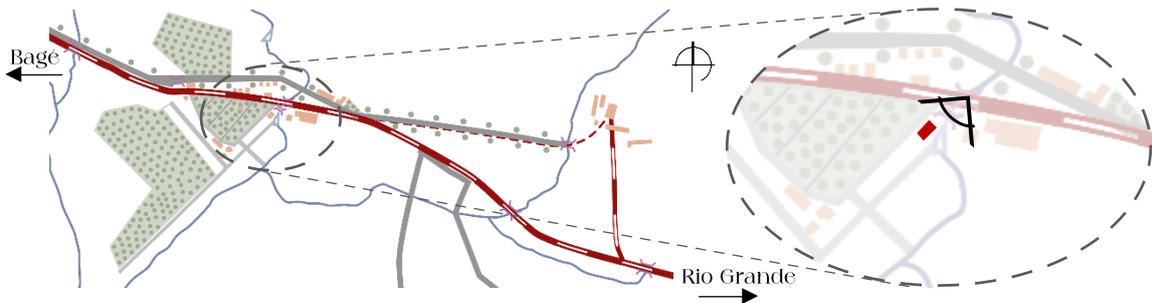


Figura 28: Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.

Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

Analisando a imagem, o primeiro plano é composto pelas pessoas, em sua maioria meninos que posam sobre a ponte, posicionados um a um entre os pilaretes da estrutura de pedras, expondo assim, que não se trata de um registro casual. Os meninos apresentam vestimentas como bombacha e botas e apenas um deles não usa chapéu. À esquerda da ponte, um homem posa com seu cavalo e outros dois homens estão em pé usando lenços e chapéu. Todos olham na direção da câmera no momento do registro.

Sobre a ponte, foram encontrados apontamentos no jornal **O Dever** (1911):

Uma sólida e elegante ponte faz o termo da Avenida 16 de Outubro que liga esta charqueada à Santa Thereza, ao longo da qual se podem apreciar muitas qualidades de arbustos e árvores de alamedas (s. p.).

Ou seja, existia uma avenida que fazia a ligação da chácaras e plantações do visconde até a charqueada em si. A descrição sugere que existia, de fato, uma preocupação estética da área que integra o complexo da charqueada, muito possivelmente para impressionar visitantes ou até mesmo para demonstrar o poder e a riqueza que permeavam durante o período do charque.

Ao se referir à ponte como “sólida e elegante” sugere um investimento considerável em infraestrutura para esta área da charqueada, enquanto outras áreas do complexo provavelmente careciam de recursos similares.

Outra reportagem do mesmo jornal, aponta para o açude já consolidado em 1922 e o funcionamento de uma fábrica de gelo:

Além das avenidas, de que acima falamos, existe uma ou outra que conduz às Fabricas e Oficinas, passando pela padaria e fábrica de gelo, estas instaladas aquém da ponte que dá passagem sobre o açude – abastecedor de água para todas as máquinas e instalações, exceção feita da máquina de gelo, que se bem é refrigerada com essa água, o gelo é fabricado com especial água de cacimba (s. p.).

As instalações da padaria e fábrica de café/gelo, além dos veículos movidos a tração animal, compõem o plano de detalhes. As edificações geminadas apresentam uma linguagem simples, com uma porta central e duas janelas cada uma. As portas e janelas aparecem fechadas, indicando que talvez o local não estivesse em funcionamento na hora do registro. A cobertura é composta por telhas de barro e possui na parte mais alta um lanternim, permitindo uma melhor iluminação e ventilação no interior das edificações. É

perceptível à esquerda das edificações uma construção anexa, incorporada em período posterior.

Uma questão que vale destacar é sobre os meios de locomoção. Em 1911, o jornal **O Dever** menciona que “muitos homens trabalhavam na terraplanagem da estrada que liga a charqueada a esta cidade, própria até para automóveis” (**O DEVER**, 1911, s. p.). Em 1922, o jornal descreve a Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães²⁶ como “própria para trânsito de automóveis” (**O DEVER**, 1922, s. p.)

O relato de Júlia Lopes de Almeida, ao visitar a charqueada, comprova a existência de infraestrutura para tais veículos:

Todos me falam da Estância do sr. Visconde, da Charqueada do sr. Visconde, para que ele construiu belas estradas para automóveis, da Igreja e do teatro que ele fez construir para a fé e a distração de seus operários. De resto, eu deste senhor recebi logo ao chegar uma gentileza, com a ordem por ele deixada de ficar à minha disposição o seu automóvel particular (ALMEIDA, 1920, p. 236).

Ainda que houvesse a estrutura necessária para a circulação de automóveis e o relato de Almeida afirmar que o Visconde possuía tal veículo, a imagem anuncia a disparidade em relação aos veículos utilizados pela elite local e pelos operários e funcionários. Na fotografia podem ser vistos na frente dos prédios três carros puxados por tração animal, guiados por trabalhadores. Esse fato revela a diferença social da época, onde a elite mantinha seus privilégios enquanto a maioria da população tinha poucas condições e acesso limitado a determinados bens.

No relato há uma nítida intenção de enaltecer o proprietário da charqueada como um homem generoso e preocupado com o bem-estar de seus operários, ao construir a igreja e o teatro para a comunidade. A construção da igreja e do teatro pode ser vista como uma forma de manter a disciplina e o controle sobre a comunidade trabalhadora.

O uso do termo “distração” também é significativo. Isso implica que a oferta de entretenimento e lazer aos operários da charqueada era vista como

²⁶ Principal via de acesso à Charqueada.

uma possível forma de desviar a atenção das condições de trabalho e de possíveis desigualdades existentes no local.

Sobre a arborização da Avenida Visconde de Ribeiro Magalhães, o jornal **O Dever** de 1915 traz algumas informações:

Sabíamos que o S. Ex., a expensas suas, havia construído, há anos, a excelente estrada que vai aos seus estabelecimentos, com uma extensão superior a 4 quilômetros. Não satisfeito, ainda, o exmo. Sr. Visconde de Ribeiro Magalhães vem de tomar a iniciativa de arborizar toda essa estrada, transformando-a numa encantadora avenida. (s. p.).

De acordo com a publicação, o início das plantações das árvores já havia começado. Curiosamente, as primeiras árvores foram plantadas pelo coronel Tupy Silveira e sua esposa e logo após por Adolpho Luiz Dupont (**O DEVER**, 1915), que vem a ser o diretor do jornal **O Dever**. Esse fato leva a um questionamento sobre a veracidade das informações apontadas pelo periódico e possíveis interesses por trás de algumas descrições. O fato de o diretor do jornal estar envolvido diretamente na plantação das árvores levanta suspeitas sobre a imparcialidade do mesmo. Como pode ser visto anteriormente no trabalho, e nas próximas páginas, o periódico trazia muitas vezes uma visão romantizada e favorável às charqueadas.

Ainda sobre a análise da imagem, o plano de fundo permite fazer algumas reflexões. Cerca de nove pessoas, sendo algumas crianças, estão presentes no interior de um barco que navega pelo açude (**Figura 29**). Uma pessoa, em pé na embarcação, parece conduzir o “passeio”.



Figura 29: Recorte da Figura 28, ênfase para o barco.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza, adaptado pela autora.

A existência da ponte e de alguns caminhos terrestres entre as edificações e a charqueada permite pensar que não há a necessidade de um

deslocamento pela água, tratando-se assim de uma atividade de lazer. O açude foi construído para fornecer água para a charqueada e demais atividades, mas pode-se pensar na possibilidade de ter se tornado também um espaço de lazer.

Essas edificações são fotografadas em outro momento (**Figura 30**). Nessa imagem, foram capturados as edificações e o caminho que liga o local até o palacete. A vista da rua dá uma ideia de continuidade, ligando a área de trabalho até o palacete do visconde. Novamente a propriedade que corresponde à chácara do proprietário, aparece cercada.

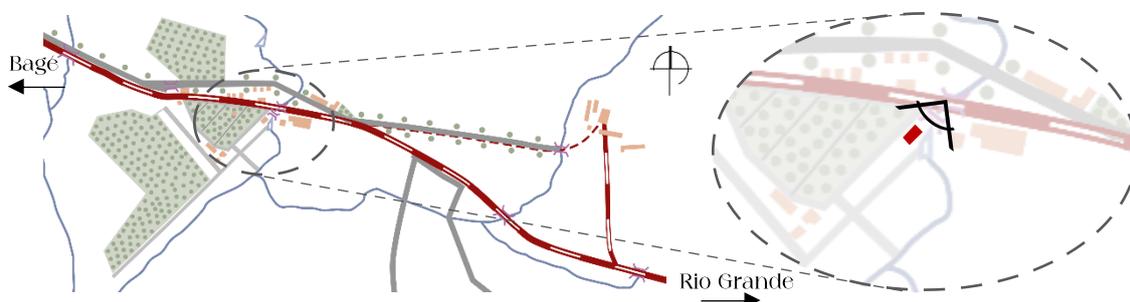


Figura 30: Instalações da Charqueada Santa Thereza, s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

De acordo com publicação do jornal **O Dever** (1911), o caminho registrado na imagem corresponde ao Boulevard 06 de Outubro.

Duas lindas avenidas partem do pátio da frente. A primeira que tem nome de 06 de Outubro, data do aniversário da viscondessa, é adornada de grandes eucaliptos dispostos em linhas retas e vão terminar no açude da charqueada (**O DEVER**, 1911, s.p.).

Diferente da outra imagem, aqui as portas estão abertas, indicando o funcionamento do estabelecimento. As figuras masculinas e femininas, adultas e crianças, compõem o primeiro plano. Bem à frente, ao lado direito, um jovem parece olhar para as outras crianças enquanto é capturado ao lado de um carrinho de mão, transportando alguns produtos. Atrás dele, todos os homens usam chapéu e, alguns deles, vestem roupas brancas, como aventais, indicando que talvez sejam funcionários dos estabelecimentos.

Um grupo de mulheres e crianças aparece à esquerda, parecendo existir um distanciamento entre o grupo de mulheres e de homens. As mulheres vestem saias longas e algumas, juntamente com algumas jovens, carregam bebês no colo. Logo atrás delas encontra-se um veículo puxado por tração animal.

Um outro grupo, bem à esquerda da foto, é composto pela presença de três mulheres e um jovem sentado em um veículo puxado por tração animal.

A separação dos grupos, o posicionamento e o olhar das pessoas em direção à câmera revelam uma fotografia premeditada. Assim, sugere-se que existia uma intenção prévia na sua realização, seja para documentar a charqueada, seja para promovê-la.

Em um momento em que os estabelecimentos pareciam estar em funcionamento, houve uma pausa para a tomada da fotografia. O fato dos estabelecimentos estarem aparentemente em funcionamento, mas terem sido interrompidos para a tomada da fotografia, pode ser interpretado como uma tentativa de mostrar o complexo fabril de forma organizada e bem estruturada.

É importante lembrar que a análise da fotografia não deve ser vista como uma avaliação definitiva da imagem em questão, mas sim como uma ferramenta para a compreensão do contexto histórico e social em que ela foi produzida.

O estudo da fotografia passou por momentos de crescimento no século XX, impulsionada pela economia industrial. No mundo todo, a partir do desenvolvimento da indústria fotográfica, ocorreu a popularização de equipamentos fotográficos. Segundo Canabarro (2015, p.107),

(...) os trabalhos dos fotógrafos profissionais mantiveram-se lado a lado com a fotografia amadora, num processo de expansão do campo visual incorporando novos sujeitos retratados. No Brasil, a expansão foi espetacular, pois assistimos a um processo de interiorização da fotografia, que deixa de ser privilégio dos grandes centros urbanos e vai para os lugares mais distantes em busca de retratar a vida social brasileira.

Assim, é importante pensar as imagens como parte de um todo, de um contexto. Elas são o resultado de um trabalho que as constrói como um componente de representação de aspectos sociais, produzidos ao longo do tempo. Trabalhar com o visual demanda cuidados com relação à sua aplicabilidade, considerando que os objetos não estão soltos, isolados, e sim, constituem as relações sociais, nas mais diversas sociedades e sua experiência visual (CANABARRO, 2015).

Essa perspectiva contribuiu para a análise da **Figura 31**, que retrata a construção de um poço próximo as instalações da charqueada Santa Thereza.

De acordo com o Jornal **O Dever**

da ponte que da passagem sobre o açude, abastecedor de água para todas as maquinas e instalações, exceção feita de máquina de gelo que se bem refrigera com essa água, o gelo é fabricado com especial água de cacimba (**O DEVER**, 1922).

A cacimba mencionada no trecho possivelmente se refere ao poço registrado na fotografia. Ao analisar as imagens e mapas durante a elaboração deste estudo, percebe-se que o poço registrado na imagem se localiza nas proximidades do açude da Charqueada Santa Thereza. O plano de fundo é composto pelo prédio da charqueada e pela estação ferroviária de Santa Thereza, localizada no lado esquerdo da imagem. Na fotografia, as figuras humanas compõem o primeiro plano.

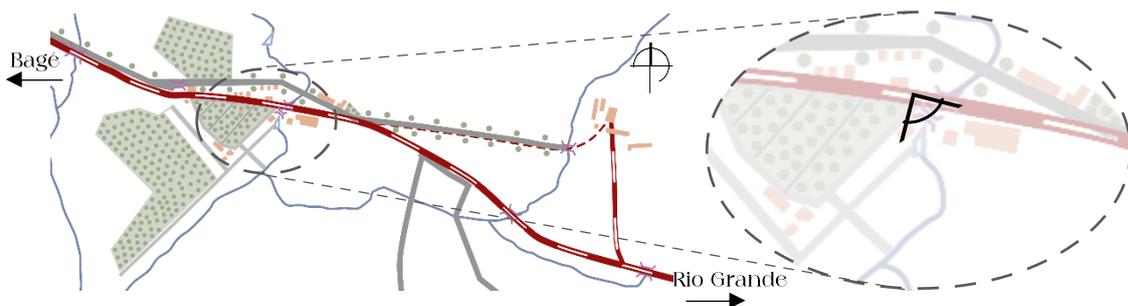


Figura 31: Construção do poço, s. d.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

O comportamento das pessoas, perante à captura da imagem, é variado. Um homem com chapéu e duas crianças posam para a foto atrás da estrutura de alvenaria. Diferente deles, um homem é flagrado trabalhando, de relance no canto inferior direito da imagem. A presença do trabalhador na imagem indica a relevância da mão-de-obra na construção e manutenção das instalações da charqueada.

Como retratado anteriormente, e reforçado pelo trecho do jornal acima, o açude possuía significativa importância para o funcionamento das máquinas da charqueada, o que evidencia a necessidade de um abastecimento regular de água. A menção ao uso de água de cacimba para a fabricação de gelo sugere uma diferenciação na qualidade da água utilizada para fins diferentes.

A escolha do enquadramento da fotografia reflete a preferência sobre o que se queria capturar. O foco são as crianças e o homem de chapéu, que posam

para a foto logo atrás do poço, enquanto o trabalhador, fundamental para a construção do mesmo, aparece apenas de relance.

Atualmente, a busca por novas versões de acontecimentos históricos é o foco de estudo de muitos pesquisadores, propiciando analisar as sociedades e o contexto social e cultural vividos em determinadas épocas. A iconografia, ao ser inserida no campo de investigação da história, proporciona uma leitura plural (KOSSOY, 2012) podendo revelar e questionar hábitos, significados, práticas e costumes de outros tempos.

Assim, é interessante analisar de que forma a fotografia pode também influenciar a narrativa visual e como isso pode refletir aspectos sociais e históricos da época. No caso específico desta fotografia, o fato de não dar destaque ao trabalhador pode refletir a hierarquia social e de poder existentes quando a foto foi tirada. Acaba sendo uma forma de invisibilizar ou minimizar a importância do trabalho realizado.

No contexto das charqueadas, os trabalhadores eram fundamentais para o processo, mas muitas vezes não tinham voz nem poder em decisões importantes. A escolha de dar destaque às crianças que posam para a foto, provavelmente filhos de alguém com maior poder, pode ser vista como uma forma de enfatizar a imagem de um local feliz, harmônico e próspero.

Além das edificações analisadas nas figuras anteriores, que configuraram o cenário da vida da elite, a Vila de Santa Thereza contava com residências para os operários e suas famílias, escola, assistência médica, padaria, fábrica de café, entre tantos outros estabelecimentos. Fagundes (2012), estima que aproximadamente 840 pessoas, entre os operários da charqueada e suas famílias, habitavam a Vila de Santa Thereza. Entre os espaços de produção, além das charqueadas, também existiam outras instalações como fábricas de línguas enlatadas, curtume, fábrica de velas, de sabão, entre outros.

Apesar de serem citados nas publicações e reportagens da época, as fotografias e descrições mais detalhadas sobre o complexo eram focadas sobre os exemplares monumentais mais expressivos, como visto nas imagens anteriores, como a igreja, o teatro e o Palacete do Visconde.

Assim, a **Figura 32** é uma das poucas imagens que retratam outros espaços de produção existentes no núcleo charqueador. Não foi obtida uma data

precisa para a imagem, porém, estima-se que tenha sido feita entre os anos de 1897 e 1911²⁷.



Figura 32: Vista geral da Charqueada Santa Theresia, s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

O complexo fabril-charqueador é o objeto central da fotografia, na qual aparecem o prédio da charqueada Santa Theresia, galpões e outras instalações, assim como as residências de operários. Há também a presença de um carro puxado por tração animal e uma vasta conformação de vegetação circundante.

Algumas instalações do complexo são compostas por galpões feitos em madeira com coberturas em duas águas, onde alguns apresentam, na parte superior da cobertura, lanternins. Algumas edificações e a organização do complexo são descritas neste relato:

²⁷ Informação constatada a partir de fotografias encontradas em jornais da época que revelam o estado posterior da charqueada.

Quem viaja pela via férrea, indo daqui, antes de chegar à gare da estação, vão encontrando lindas alamedas, casa de boa construção distribuídas em alinhamentos simétrico, o solo todo terraplanado, sempre limpo, impressionando de forma agradável ao viajante (O DEVER, 1911).

Apesar da centralidade da fotografia ser o espaço de trabalho e produção, o vazio do seu entorno deixa algumas questões evidentes. A metade da imagem, por exemplo, é constituída pelo terreno que ainda apresenta um aspecto mais natural ou até mesmo descuidado, contrapondo com as impressões feitas no relato do jornal acima (o solo terraplanado, limpo).

Diferente das imagens analisadas anteriormente, com a movimentação de pessoas, veículos e melhor enquadramento, esta fotografia sugere um local descampado no entorno das instalações da charqueada, composto pela vegetação e rochas existentes.

Existe uma discrepância entre a descrição no relato do jornal e a percepção visual da fotografia. A partir disso, pode-se supor que o local estava ainda em construção. É provável que essa fotografia tivesse a intenção de fazer propaganda da charqueada, uma vez que o plano aberto pode indicar as possibilidades de expansão do complexo.

Sobre as edificações em alinhamento simétrico (**Figura 33**), estas se referem aos conjuntos residenciais para os operários das charqueadas e suas famílias. Poucos são os relatos sobre essas moradias feitos pelos jornais e esta é a única imagem encontrada onde as vilas operárias aparecem, apesar de relance, no lado esquerdo da fotografia.

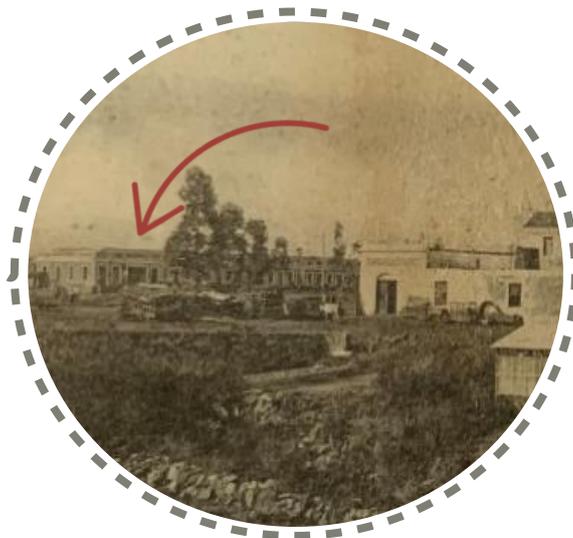


Figura 33: Recorte da Figura 32, ênfase para as vilas residenciais.

Fonte: Museu Dom Diogo de Souza, adaptado pela autora.

Sobre as edificações residenciais de antigos operários os trechos a seguir ajudam a fazer algumas considerações:

Nós morávamos em uma quadra. Tinha muita família que morava na mesma quadra, uma quadra comprida, todo mundo morava ali, se davam muito bem, tudo era bom, todos eram gente boa. Essas casas eram construídas pelo pessoal que morava em Santa Thereza, que trabalhavam na firma de Santa Thereza (Relato de J.O.F.).

Não tinham casas assim de madeira, só tinha uma, que era do seu Neco, bem ali na esquina que era de material. Mas isso era no tempo do visconde que fizeram, depois os outros tudo eram de rancho de palha, torrão e palha (Relato de M.M.O.).

Ambos os trechos apresentam relatos de pessoas que cresceram e viviam em Santa Thereza, em casas construídas pelos habitantes do local. Eles compartilham memórias de uma época em que havia uma forte sensação de comunidade e conexão entre as famílias que vivam próximas umas das outras. No entanto, as diferenças nas condições de vida são perceptíveis.

Enquanto J.O.F. descreve uma quadra com casas construídas pela empresa que trabalhava, M.M.O. menciona o rancho com cobertura de palha em que vivia, revelando diferenças nas formas como as pessoas vivenciavam as moradias na Vila, indicando uma precariedade habitacional.

O mapa a seguir (**Figura 34**) demonstra os conjuntos residenciais presentes nas Vilas Industrial e Santa Thereza que foram levantados em 2019 durante o Trabalho Final de Graduação. O levantamento métrico e fotográfico *in loco* possibilitou o registro dos conjuntos.

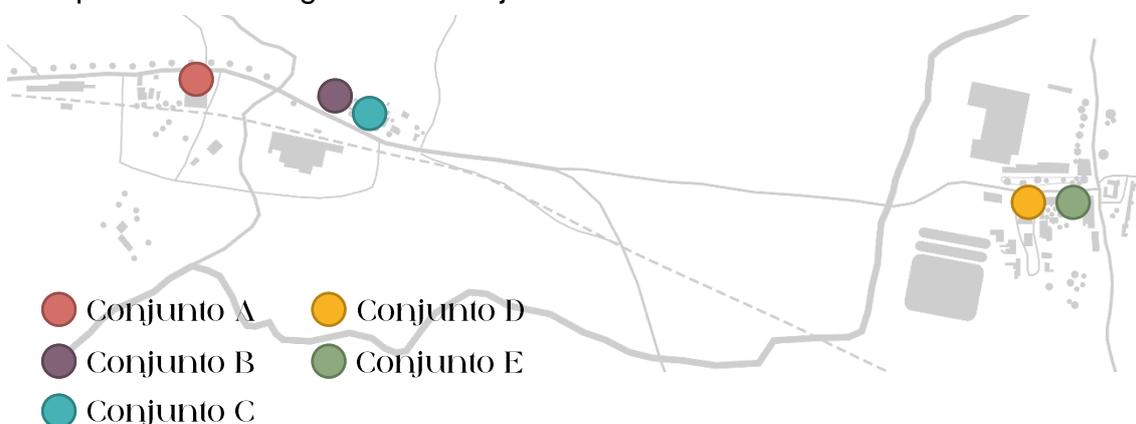


Figura 34: Mapa com a marcação das vilas operárias na Vila Industrial e Santa Thereza

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

As medições foram realizadas com o auxílio de trenas de fibra de 50 metros, possibilitando o levantamento das dimensões das testadas das edificações e dos conjuntos residenciais. Esses registros serviram de base para a montagem das imagens panorâmicas e de desenhos em meio digital, utilizando o software AutoCAD versão educacional (**Figuras 35, 37, 38, 39, 40 e 41**).

Em relação à **Figura 35**, o Conjunto Residencial A apresenta o tipo edifício tradicional de porta e janela (REIS FILHO, 1978), sendo a volumetria composta de duas maneiras: coberturas com telhados de duas águas e “cachorro sentado” (ver **Figura 36**). Essa denominação, “cachorro sentado”, é uma solução construtiva frequentemente encontrada na fronteira sul do Rio Grande do Sul, apontada por Corona (1942) ao se referir às “casas do povo da fronteira”, e consiste em uma edificação que apresenta a fachada principal mais alta e caimento da água do telhado em direção aos fundos do terreno (OLIVEIRA e SEIBT, 2005).

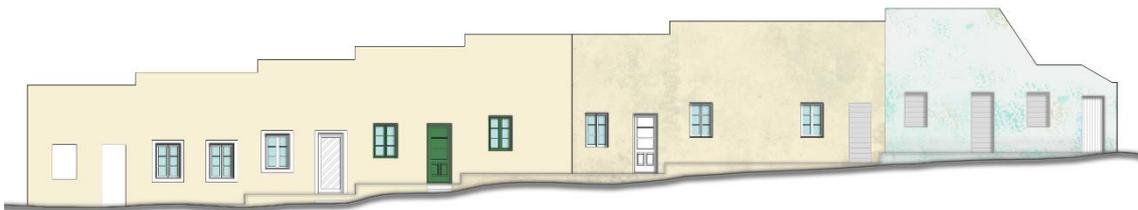


Figura 35: Conjunto Residencial A – Santa Thereza.
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.



Figura 36: Conjunto Residencial A – Santa Thereza.
Fonte: Acervo da autora, 2019.

Apesar de apresentar uma certa unidade em relação ao gabarito e volumetria, o conjunto apresentava muitas perdas e descaracterizações na

época do levantamento, em 2019. Além da situação de arruinamento em algumas unidades, outras passaram por processos de agrupamento, o que desencadeou uma série de alterações tipológicas, de ordem e fenestração das esquadrias.

O conjunto apresenta um gabarito horizontal de apenas um pavimento, porém percebe-se uma diferença de altura das casas em função da adequação à topografia do terreno. Em relação à materiais e cores, estes se apresentam de forma quase unânime. As paredes são de alvenaria de tijolos, revestidos com reboco liso e possuem uma coloração amarelo claro; as esquadrias são de madeira e os telhados são feitos na maioria dos casos em telhas de fibrocimento ou telhas de cerâmicas.

Em relação à organização espacial em planta, esta não pôde ser verificada em todos os conjuntos existentes, porém, através de levantamento métrico-arquitetônico²⁸, foi possível a identificação da situação da planta em uma das unidades habitacionais (**Figura 37**). Foi realizado o levantamento e documentação deste exemplar em situação de abandono e arruinamento.

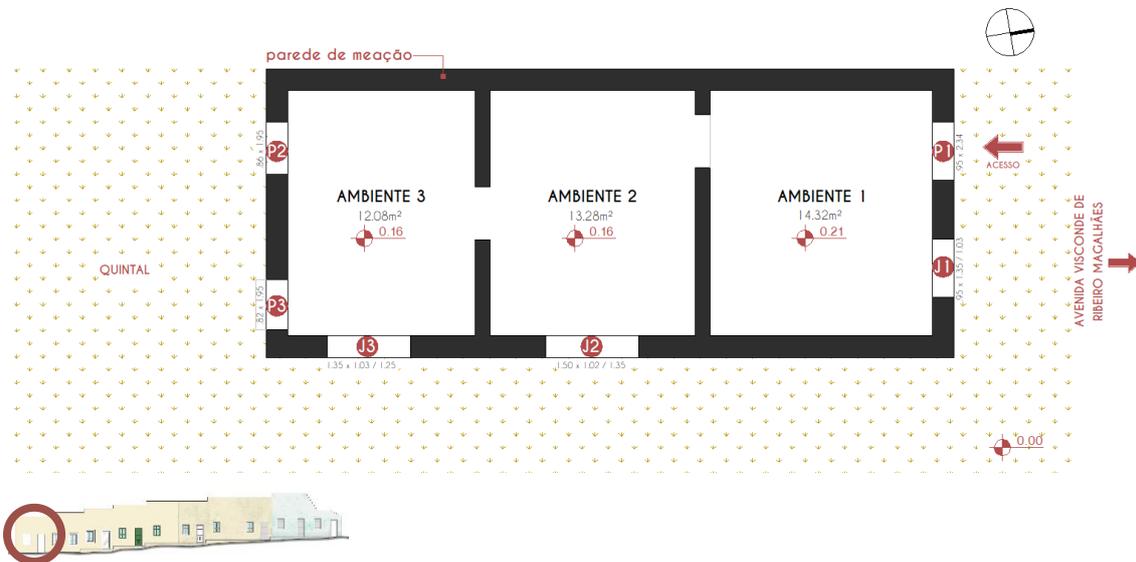


Figura 37: Planta Baixa de unidade do Conjunto Residencial A.
Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

²⁸ O levantamento métrico-arquitetônico registrou uma parte expressiva da edificação, que permitia a sua leitura. A existência de duas portas de acesso ao quintal (aos fundos do terreno) pode ser o indício da existência de um compartimento de apoio, que não pode ser verificado em razão da presença de vegetação no local

Os conjuntos residenciais B e C estão localizados à frente das instalações da antiga charqueada e são compostos por dois conjuntos de edificações em fita (**Figuras 38 e 39**). São encontrados os tipos edilícios de porta e janela, corredor lateral e corredor central. Embora as unidades tenham passado por modificações, a volumetria original identificada é composta pelo telhado de duas águas. Os conjuntos, em sua totalidade, apresentam um gabarito horizontal de apenas um pavimento.

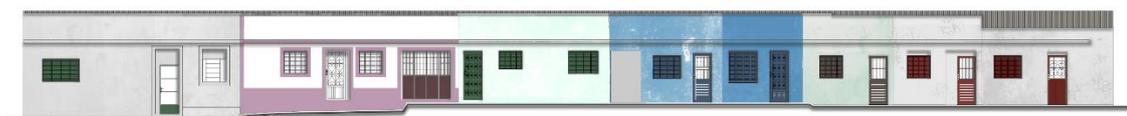


Figura 38: Conjunto Residencial B – Santa Thereza.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.



Figura 39: Conjunto Residencial C – Santa Thereza.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Além de algumas mudanças apresentadas anteriormente, pode-se notar também que muitas unidades presenciaram os processos de agrupamento, resultando em alterações tipológicas e de fenestração de esquadrias. Os conjuntos não apresentam oscilação de altura, possuindo apenas um pavimento. As fachadas são de reboco liso, e a coloração se apresenta de forma diversificada, marcando alguns detalhes arquitetônicos. Estes conjuntos apresentam ornamentos que remetem a uma cimalha simplificada que marca a transição do corpo para o coroamento da edificação. As esquadrias apresentam materiais diversos, como alumínio e madeira. Os telhados são compostos por telhas de fibrocimento ou cerâmica, possuindo platibanda.

Em relação à morfologia, neste núcleo os agrupamentos residenciais são marcados pelos conjuntos em fita, alinhamento predial constante e pequenos acessos para outras edificações localizadas entre os conjuntos residenciais.

Na Vila Industrial, o primeiro conjunto analisado (Conjunto Residencial D) está localizado em frente às instalações da antiga charqueada e é composto por seis unidades residenciais (**Figura 40**). Esse conjunto apresenta em sua totalidade o gabarito horizontalizado, com residências de apenas um pavimento. Com exceção da primeira unidade do conjunto (à esquerda), as edificações não apresentam recuo lateral e as casas localizam-se no alinhamento predial, sem recuo frontal.



Figura 40: Conjunto Residencial D – Industrial.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Apesar de ter sofrido algum nível de descaracterização em função da abertura de vãos, a tipologia de porta e janela pode ser identificada neste conjunto. Os cheios e vazios marcam o ritmo do conjunto, que é interrompido na quarta unidade, onde houve abertura de vão e a janela recuada. As edificações são indicadas por uma marcação vertical em relevo (pilastra) nas fachadas, delimitando as unidades habitacionais.

O conjunto não possui platibanda e pode-se identificar os telhados de duas águas feitos com telhas de fibrocimento e cumeeira paralela à rua. As esquadrias são feitas, em sua totalidade, de material metálico e as cores são variadas.

As modificações evidentes foram em relação à colocação de revestimento cerâmico aplicado na fachada de duas unidades, e as mudanças de coloração das mesmas, que originalmente possuíam a cor branca marcando a unidade do conjunto.

Outro conjunto analisado (**Figura 41**) apresenta um gabarito horizontal de apenas um pavimento, porém identifica-se uma diferença de volumetria entre as unidades. A partir do levantamento *in loco* foi possível a identificação da tipologia de porta e janela. Apesar de apresentarem ritmos diferentes, as unidades apresentam alinhamento predial sem recuo frontal, configurando casas em fita, uma forma tradicional de implantação.

As unidades apresentam o telhado de duas águas, com a cumeeira paralela à rua, com ou sem a presença de platibanda. Apesar da predominância de residências unifamiliares, o conjunto apresenta algumas unidades comerciais, como é o caso do armazém localizado na extremidade do conjunto, apresentando uma volumetria que se destaca em relação às demais, com maior altura e cumeeira perpendicular à rua.



Figura 41: Conjunto Residencial E – Industrial.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Outras modificações analisadas consistem em processos de agrupamento e abertura de vãos com o propósito de inserir portões de garagem, o que resultou em alterações de ordem e fenestração.

O registro da materialidade dos remanescentes encontrados no local sugere indícios e aponta inquietações. Espera-se que as pistas fornecidas pelas presenças encontradas no local, cotejadas com a documentação localizada até o momento, possam contribuir para a compreensão da espacialidade desses complexos fabris charqueadores, lançando um olhar sobre as ausências e invisibilidades que permeiam essas narrativas. Uma dessas inquietações diz respeito ao número de trabalhadores indicados (840) e o número de unidades remanescentes, o que aponta que, provavelmente muitas edificações desapareceram ao longo do tempo.

Sobre outros espaços de produção, alguns estabelecimentos da charqueada Santa Thereza aparecem na **Figura 42**, obtida no Museu Dom Diogo de Sousa. A Fábrica McCall, o Teatro Santo Antônio e a Capela de Santa Thereza aparecem ao fundo da imagem, que é dominado pela ferrovia e vegetação circundante. O registro em perspectiva capturado a certa distância

parece indicar o modo de olhar a imagem: um complexo edificado se formando ao longo dos caminhos de ferro.



Figura 42: Vista da fábrica de línguas McCall & Cia Ltda., s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

De acordo com Marques (1990) a língua, iguaria bastante apreciada, era conservada salgada e seca. Já nas charqueadas modernizadas, as línguas eram cozidas, temperadas e enlatadas, para então serem exportadas para a Europa.

A fábrica de línguas enlatadas de Santa Thereza pertencia à firma McCall & Co. Ltda. que, de acordo com Lloyd (1913), possuía, na época, nove fábricas espalhadas pela América do Sul, sendo quatro no Brasil. De acordo com o autor, as línguas Paysandú possuíam fama mundial e eram preparadas a partir dos saladeiros de Bagé.

O jornal **O Dever** (1911) revela que “anexa à charqueada trabalha também uma importante fábrica de línguas em conserva, que são exportadas em grande escala para o estado e norte do país”. A fábrica era, de fato, um estabelecimento importante no complexo fabril-charqueador, propiciando oportunidades de emprego para a população do núcleo e alavancando a economia local. A indústria do charque era suporte para o funcionamento da fábrica, e o declínio de tal prática acabou repercutindo na condução deste estabelecimento. Esse fato demonstra a interdependência entre as diferentes atividades econômicas de uma região e como a queda de uma pode afetar outras áreas.

Como visto anteriormente na análise do palacete, a área onde este se encontrava era descrita em diversos relatos como uma área ‘a parte’ da charqueada. A figura anterior sugere que de fato existia uma separação física espacial, que pode ser constatada pela presença das cercas (**Figura 43**) que compõem o plano de fundo da imagem.



Figura 43: Recorte da Figura 42, ênfase para o cercado do local.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

Apesar de danificada no canto inferior esquerdo, a fotografia nos revela alguns detalhes, como a presença de veículo puxado por tração animal, e a frente uma pessoa sentada vestido roupa branca e chapéu. Próximo a ela, existe uma estrutura que parece servir de apoio aos trilhos que passam sobre o Arroio Quebrachinho.

Ao ser questionada sobre a Fábrica de Línguas, C.F.S. comenta:

Eu lembro ainda do funcionamento dos enlatados, do cheiro da conserva. Eu lembro do cheiro da conserva, dos pedaços, dos retalhos das latas que eram jogados no lixo. Lembro tudo, das pessoas de branco, que vestiam os aventais.

A fala da interlocutora sobre as atividades desenvolvidas no complexo fabril-charqueador revela lembranças repletas de referências afetivas. Os cheiros, os rastros, as vestimentas. Sobre essa questão Monastirsky (2009) afirma que o reconhecimento do patrimônio cultural como referência de um grupo pode ser dado através do entendimento dos significados do bem.

É a compreensão dos simbolismos encontrados em determinado patrimônio que irá desvendar o seu sentido histórico-social. Meneses (2009) ao questionar os significados de *valor cultural* define os *valores afetivos* como aqueles relacionados ao sentimento de pertencimento e/ou identidade.

As lembranças descritas trazem à tona aspectos do cotidiano do trabalho da fábrica que integrava o complexo fabril-charqueador e que muitas vezes não são considerados em relatos históricos. Este depoimento torna-se importante para complementar e humanizar a história da fábrica, mostrando que além de ser um estabelecimento importante para a economia local, também impactou a vida cotidiana dos trabalhadores e moradores da região.

Apesar de não obter os dados de captura desta imagem, supõe-se que o registro possa ser um dos primeiros onde pode ser avistada a Fábrica de Línguas McCall. Isto se deve ao fato de que em outros registros a edificação apresenta outra linguagem arquitetônica, feita de alvenaria de tijolos e não em madeira, como é o caso desta fotografia.

Essa mudança pode ser vista na **Figura 44**, retratada em ângulo similar à imagem anterior e mais próxima da edificação. Desta vez, a fábrica aparece centralizada na imagem. O plano de fundo é composto, novamente, pela vegetação circundante e os trilhos do trem, porém, pode-se perceber a existência de novas construções à direita da fotografia. Pela posição da fábrica na imagem, nota-se a intenção de registrar o local.



Figura 44: Vista da fábrica de línguas McCall & Cia Ltda., s. d.
Fonte: Museu Dom Diogo de Souza.

A fotografia ilustra a mudança ocorrida na edificação ao longo do tempo. Essas transformações podem ser essenciais para a compreensão da história da região, já que a fábrica de línguas era um importante estabelecimento inserido no complexo fabril-charqueador. O registro fotográfico tornou-se uma fonte de informação valiosa para o estudo do complexo arquitetônico do local.

O plano de detalhes é composto pelas construções próximas à fábrica, que podem ser também edificações de produção. A linha do trem à frente da fábrica “atravessa” o registro de um canto ao outro, dando uma ideia de continuidade e reforçando a relação entre o espaço de produção e o seu transporte através da ferrovia.



OUTROS ESPAÇOS
E REFLEXÕES SOB
A ÓPTICA DA (IN)
VISIBILIDADE

4 OUTROS ESPAÇOS E REFLEXÕES SOB A ÓPTICA DA (IN) VISIBILIDADE

Neste capítulo, as análises de fotografias continuam, abordando outras ambiências do complexo fabril registradas em imagens. No item 4.1 *Espaços de lazer e institucionais* as ambiências foram analisadas em quatro fotografias, sendo três de Santa Thereza e uma da Industrial.

Com base nas reflexões desenvolvidas no capítulo anterior, o item 4.2 *A (in) visibilidade: desigualdades nas representações*, busca, através das análises realizadas a partir das imagens, notícias de jornais e relatos, compreender como a historiografia tradicional, ao privilegiar a elite, muitas vezes negligenciou a visibilidade de outros grupos, como os operários das charqueadas, contribuindo assim, para uma narrativa histórica muitas vezes desigual e incompleta (parcial).

No subcapítulo *Ascensão e declínio: do charque aos frigoríficos*, serão discutidas as consequências do surgimento da refrigeração na produção do charque e como essas mudanças afetaram a configuração espacial das Vilas Industrial e Santa Thereza.

4.1 Espaços de lazer e institucionais

À frente da fábrica, da igreja e do teatro, localizava-se um coreto (**Figura 45**). De acordo com Fagundes (2012), o coreto era circundado por um lago artificial e, no local, ocorriam apresentações musicais.

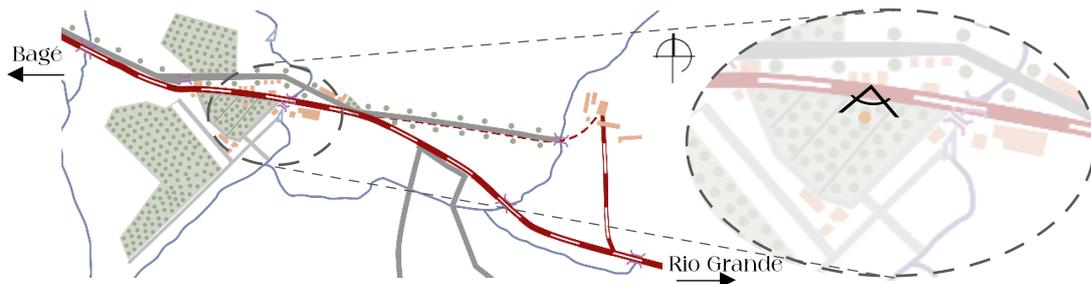


Figura 45: Coreto da Vila Santa Thereza, s. d.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

O jornal **O Dever** de 1922, descreve:

Grande jardim ao centro do qual duas belíssimas ilhas circundadas por um lago artificial e ornamentadas com plantas trepadeiras exóticas há uma estufa com plantas e flores raras, escolhidas, plantadas e cuidadas pela Sra. Viscondessa de Magalhães.

Mais uma vez, este exemplar arquitetônico parece valorizar a beleza e a exuberância do espaço, destacando a presença de plantas exóticas e a preocupação com a manutenção do local. As particularidades descritas podem indicar o cuidado com o *status* e ostentação, uma vez que inclusive as plantas exóticas simbolizavam poder e riqueza na época.

Na imagem, o coreto aparece de forma centralizada na fotografia, onde ficam evidentes alguns de seus detalhes arquitetônicos. A estrutura, com planta em formato octogonal é feita, aparentemente, de concreto, possuindo uma escada no seu interior que leva ao nível superior do coreto. Os ornamentos são feitos em ferro, assim como os guarda-corpos existentes no nível inferior e superior.

A estrutura é coberta, aparentemente, com palha e destaca-se a presença de um moinho no topo do coreto. Analisando o porte da vegetação circundante, pode-se considerar que é uma das fotografias mais antigas do local.

No plano de detalhes, é possível visualizar pessoas dentro do coreto, tanto na parte inferior quanto superior. O plano de fundo é delimitado por uma extensa porção de céu, assim como pela vegetação e rochas que compunham o lago artificial adjacente ao coreto. A fotografia aparenta ter sido capturada em frente à Igreja Santa Thereza e ao Teatro Santo Antônio.

Em relação à **Figura 46**, esta parece retratar o coreto em um período posterior.

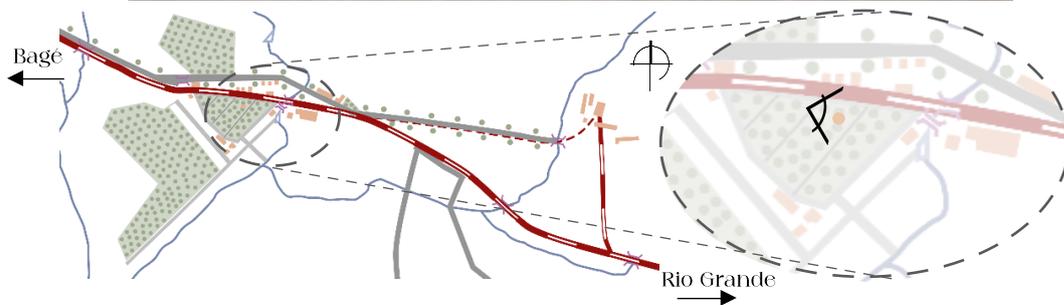


Figura 46: Coreto da Vila Santa Thereza, s. d.
Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

Na fotografia, estão presentes jovens mulheres, que parecem estar vestidas com o propósito de serem fotografadas. Na parte inferior, duas moças aparecem com as mãos apoiadas sobre o guarda-corpo, enquanto uma delas olha na direção do registro. Na parte superior, quatro jovens olham para o fotógrafo, vestindo roupas que sugerem a possibilidade de a imagem ter sido capturada em uma ocasião especial, talvez em um sábado, domingo ou feriado. Os detalhes das vestimentas das jovens levantam questionamentos sobre a natureza da ocasião, indicando que escolheram suas melhores roupas para a fotografia. A hipótese de estarem vestidas para a missa ou para uma atividade no teatro ganha força, considerando o cuidado na escolha do traje.

O plano de detalhes da imagem é constituído pelo lago localizado à frente do coreto e a vegetação circundante. O plano de fundo revela uma captura de imagem com o propósito de enquadrar o coreto, o lago artificial e as espécies vegetais na imagem.

I.B. foi morar em Santa Thereza quando tinha 10 anos, quando o pai começou a trabalhar com o Visconde. Sobre o coreto, ela lembra que “na ilha ali, aquilo tinha um caracol, subiam para ali para cima, para tirar fotografia, tudo de tarde”.

Embora pareça um simples relato de memória, a fala de I.B. traz alguns elementos importantes que podem ser analisados. O coreto era um lugar onde as pessoas podiam se reunir e se divertir, e a prática de tirar fotografias ali demonstra a importância da imagem e da aparência pública. A questão que paira no ar é: será que todas os moradores e trabalhadores tinham acesso a este equipamento?

De acordo com Mauad (2005), ao analisar as representações sociais da burguesia no início do século XX, o espaço feminino era incluído neste cenário de maneira que reforçava uma visão dicotômica da sociedade, reafirmando os papéis socialmente impostos. De acordo com a autora, as mulheres das classes populares eram geralmente fotografadas realizando trabalhos manuais, como lavar roupas, cozinhar e cuidar de crianças, como pode ser visto na **Figura 47**.



Figura 47: Pessoas sobre a ponte do coreto, s. d.

Fonte: Acervo de Eliane Simões Pires.

Essa imagem retrata duas mulheres e cinco crianças. Alguns elementos retratados na fotografia revelam uma série de particularidades que refletem as dinâmicas sociais e raciais da época em que a foto foi capturada, possivelmente nas primeiras décadas do século XX.

As mulheres parecem cuidar das crianças, sendo possivelmente babás, o que aponta para uma posição de serviço em relação às famílias de poder econômico mais elevado, provavelmente do Visconde. Uma delas segura um bebê no colo, podendo representar o papel de ama de leite, uma prática histórica em que mulheres escravizadas amamentavam e cuidavam dos filhos das famílias da elite.

Ao comparar essa imagem à analisada anteriormente, percebe-se que o lugar ocupado pelas mulheres de classes populares é considerado periférico, não recebendo a mesma valorização que é dada às mulheres da classe dominante, que sempre aparecem nas imagens com uma aparência impecável (MAUAD, 2005).

Dois meninos aparecem na imagem com vestimentas como chapéu, lenço, camisa e gravata. Esse fato sugere uma representação de poder e privilégio, imitando as vestimentas e os símbolos de *status* do mundo adulto

(MAUAD, 2005). Isso pode refletir uma construção social que permite às crianças assumirem papéis de poder e autoridade desde cedo, enquanto crianças descendentes de escravizados são relegadas a posições de submissão e trabalho.

A ornamentação do guarda-corpo da ponte sugere a presença de alguns elementos decorativos encontrados também no coreto. O coreto, como uma estrutura destinada ao lazer e à recreação, pode ter sido um privilégio disponível apenas para os familiares do visconde e visitantes e trabalhadores que possuíam uma posição social mais elevada. Isso pode ter contribuído para a perpetuação de um ambiente de trabalho desigual e desmotivador.

A **Figura 48** retrata a Capela Cristo Redentor, localizada na Vila Industrial. A data de inauguração da Capela, em 1962, foi informada por A.B.N durante a sua entrevista.

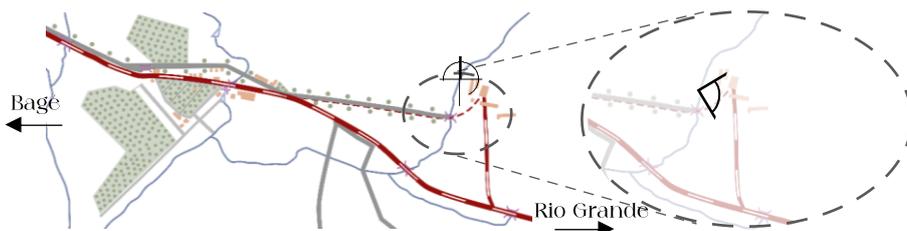
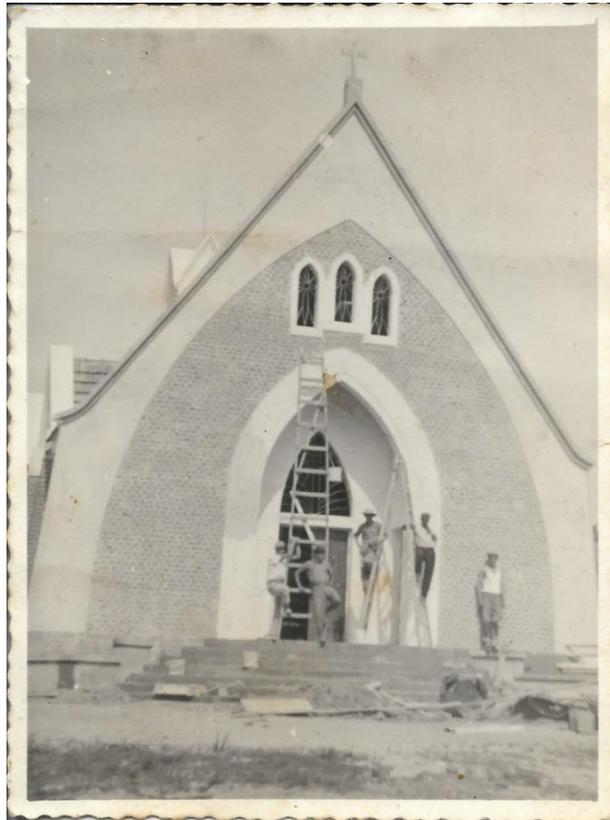


Figura 48: Capela Cristo Redentor, s.d.

Fonte: Acervo da autora.

Ao analisar a imagem, percebe-se que estava em processo de construção, quase finalizada. A presença de entulhos à frente da escadaria indica que a obra estava com os trabalhos de construção em fase de conclusão. O principal foco da fotografia é a capela, posicionada de forma centralizada na imagem, evidenciando sua imponência.

No primeiro plano da imagem pode-se observar a presença de cinco figuras masculinas, que provavelmente eram trabalhadores envolvidos na construção da capela. Quatro deles aparecem escorados em escadas, sugerindo que realizavam atividades relacionadas ao trabalho de finalização da obra. Todos olham em direção à câmera, o que cria uma sensação de conexão com a tomada da fotografia.

Na fachada podem ser vistos alguns elementos que configuram a linguagem neogótica. É o caso do arco na entrada, e as três janelas com vitrais em formato ogival. No plano de fundo podem ser vistas outras estruturas da capela, como uma torre e o telhado composto por telha de barro (**Figura 49**).



Figura 49: Recorte da Figura 46, s.d.
Fonte: Acervo da autora.

A partir das análises e leituras realizadas neste capítulo, foi possível a elaboração de um mapa temático (**Figura 50**) apresentando a suposta organização do complexo fabril-charqueador formado pelas Vilas Industrial e Santa Thereza.

As avenidas e ruas que foram abordadas em relatos e jornais foram demarcadas, fornecendo uma visão da organização urbana e da conectividade entre os diferentes locais de interesse. As vias são os caminhos que conectavam uma charqueada à outra, e os espaços de trabalho às áreas de lazer e áreas verdes.

Sobre a vegetação, como foi visto, desempenhava um papel importante tanto para a estética urbana do local quanto para a qualidade de vida da população, sabendo que muitos destes espaços eram destinados à plantações.

O mapa elaborado representa uma tentativa para visualizar e compreender a dinâmica do espaço fabril-charqueador da região. Nele, são destacados os espaços residenciais, de lazer e trabalho que compõem as Vilas Industrial e Santa Thereza.

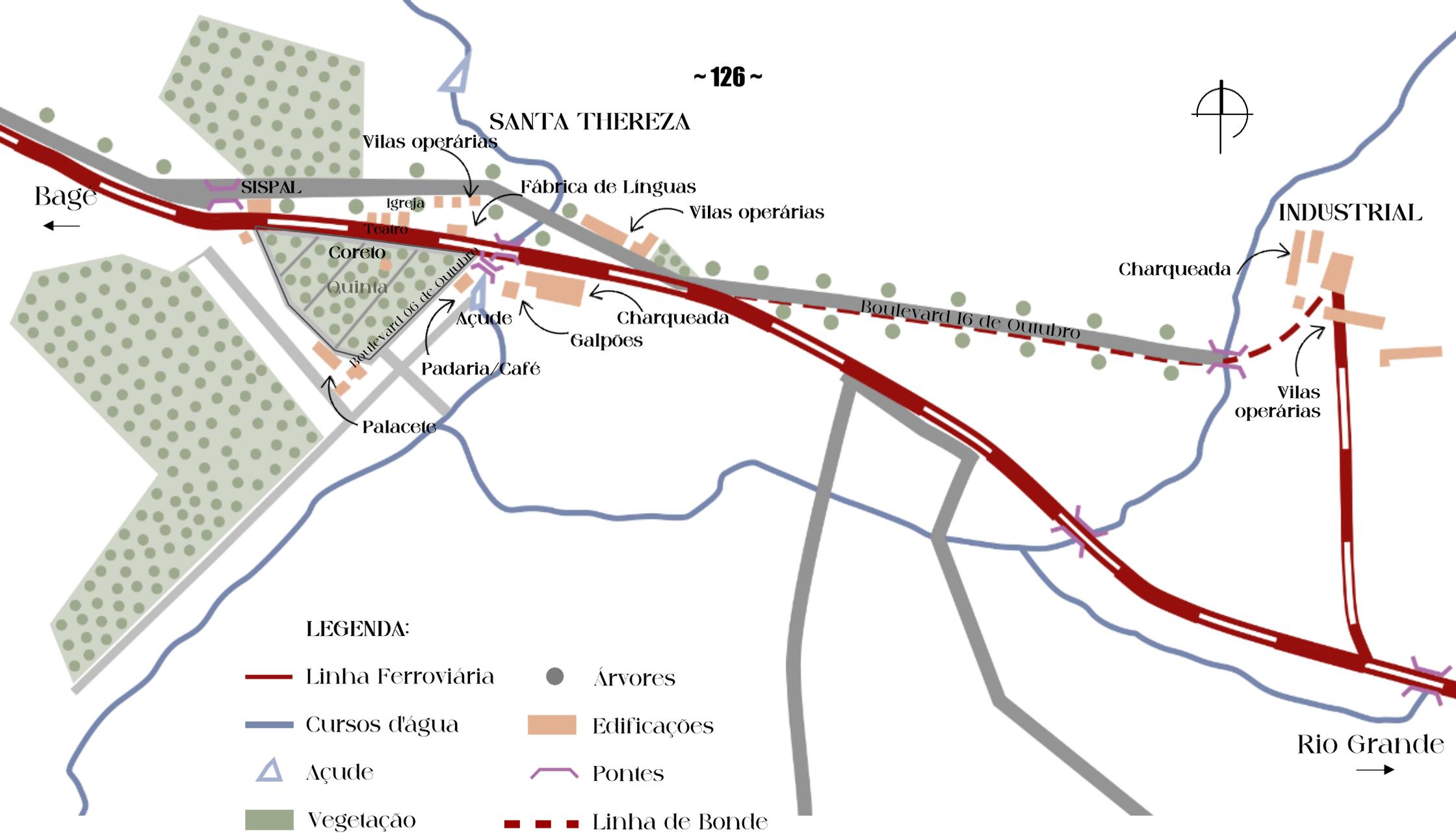


Figura 50: Mapa temático com suposta organização do complexo
 Fonte: Elaborado pela autora, 2023

4.2 A (in) visibilidade: desigualdades nas representações

A conformação de um determinado espaço físico está relacionada à ação de diversos elementos que estão em constante transformação, acompanhando as particularidades sociais, econômicas e culturais da sociedade. Somado a estes aspectos, as ações e vivências de indivíduos e pequenos grupos imprimem no espaço físico suas formas de conceber a cidade.

Os processos de modernização e globalização reverberam nos modos de pensar e fazer os espaços. A arquitetura pertencente à população trabalhadora das charqueadas, tema deste trabalho, foi impactada por estas mudanças e, muitas vezes, acaba sofrendo um apagamento na história, o que leva à falta de políticas públicas de preservação.

Estas políticas, podem ser materializadas através dos inventários, registros e tombamentos (presentes na Constituição Federal de 1988), e são alguns dos diversos instrumentos de preservação que visam proteger e guiar ações em obras de valor cultural. Esta definição, entretanto, tem se transformado com o decorrer do tempo, adequando-se e modificando-se conforme os pensamentos de cada época:

o patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (Artigo 216, Constituição Federal do Brasil, 1988).

No âmbito dessas mudanças, entende-se que a preservação de diferentes tipos de patrimônio tem um significativo valor cultural para a sociedade e, principalmente, para os sujeitos formadores desta expressão de diversidade cultural.

Principalmente ao analisar locais afastados de centros urbanos, como é o caso das Vilas Industrial e Santa Thereza, pode-se afirmar que as zonas rurais apresentam maiores obstáculos que impactam as questões de salvaguarda.

Neste aspecto, a arquitetura vernácula traduz-se como um atributo de grande relevância para a preservação da arquitetura, pois carrega consigo valores que vão além da relevância estética, como cultural, social e histórico. Para Pérez Gil (2018), através do vernáculo é possível entender as diversas escalas do patrimônio terrestre e, principalmente, onde as arquiteturas monumentais são insuficientes. Isso porque o vernáculo representa aspectos necessários para o reconhecimento cultural de um determinado local.

No contexto do Rio Grande do Sul, as características distintas como solo e relevo, vegetação e formação étnica influenciam os aspectos formadores de uma identidade local. De acordo com Rhoden (2005), as regiões de fronteira do Rio Grande do Sul devem ser compreendidas e analisadas para além do espaço fronteiriço platino e, como uma extensa região, com a mistura de histórias de economias e culturas onde a luta pela hegemonia se faz presente dentro da esfera de construção dos Estados nacionais modernos.

Apesar da vida rural ser um aspecto fortemente ligado aos processos econômicos desenvolvidos no Rio Grande do Sul, percebe-se o descaso com relação à importância destas localidades. Como expõe Oliver (2006) as áreas rurais passam, atualmente, por processos de desocupação em prol dos incentivos e oportunidades oferecidos nos grandes centros metropolitanos.

Ao examinar os registros que subsidiaram essa pesquisa, torna-se evidente a ênfase dada à elite proprietária das charqueadas. Os jornais da época, como **O Dever**, reforçaram de maneira romantizada a visibilidade concedida à elite, perpetuando a imagem de riqueza, poder e prestígio associada ao proprietário da charqueada.

A arquitetura excepcional das charqueadas foi retratada com protagonismo e centralidade nas imagens analisadas. O palacete, símbolo do poder do dono da charqueada, ocupou um lugar de destaque e recebeu atenção detalhada. A forma como foi centralizado na imagem enfatizou sua grandiosidade e importância na paisagem. No entanto, as vilas operárias, residências dos trabalhadores, onde a maioria da mão-de-obra trabalhava e vivia, receberam pouca atenção e foram relegadas a um papel secundário ou quase inexistente.

Poucos relatos e imagens são encontrados que abordam essas moradias, muitas vezes limitados a um vislumbre no canto de uma fotografia. Esse

apagamento dos operários e de suas moradias reflete uma lacuna significativa na historiografia, perpetuando a invisibilidade desses sujeitos e suas contribuições para o funcionamento das charqueadas. Isso ocorreu provavelmente com as edificações vernaculares mais simples, presentes no relato de M.M.O. que não existem mais no local.

A divisão entre o visível e o invisível nas representações das charqueadas reflete as desigualdades sociais e espaciais presentes na sociedade da época. Essa divisão foi reforçada pelo próprio ambiente construído, com a presença de muros delimitando espaços públicos e privados, como os que separam a chácara do proprietário do restante do complexo, simbolizando não apenas uma divisão física, mas também uma divisão social e simbólica. Essa separação reforçava as hierarquias sociais, destacando a exclusão dos operários e a marginalização de suas vivências e histórias.

A análise das representações das charqueadas levou ao questionamento sobre a historiografia que coloca a elite como protagonista e invisibiliza os operários. Nesse contexto, é importante reconhecer estudos que oferecem uma significativa perspectiva centrada nos trabalhadores das charqueadas sul-brasileiras. É o caso dos trabalhos desenvolvidos por Ester J. B. Gutierrez (**Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888); Negros, Charqueadas & Olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense, 2001**), e Jonas Moreira Vargas (**De charque, couros e escravos: a concentração de riqueza, terras e mão-de-obra em Pelotas (1850-1890)**, 2012). Destaca-se também o capítulo **Trabalhadores da Charqueada Industrial nos dados da Delegacia Regional do Trabalho do Rio Grande do Sul** de Aristeu Elisandro Lopes, presente no livro **História de Bagé: novos olhares** (2021).

É necessário repensar e ampliar a narrativa histórica, buscando proporcionar espaço para trabalhadores, suas lutas e contribuições para o desenvolvimento das charqueadas. A partir de abordagens mais inclusivas e sensíveis, é possível compreender uma história mais abrangente à realidade social desses complexos charqueadores.

4.3 Ascensão e declínio: do charque aos frigoríficos

Os avanços tecnológicos, econômicos e culturais da sociedade impactam de maneira significativa os complexos industriais. Este cenário de mudanças faz com que certas atividades da indústria acabem se transformando ou sendo extintas. Assim como muitas outras atividades, a indústria do charque no Rio Grande do Sul teve um tempo útil de vida. O enfraquecimento dessa prática se deu por inúmeros motivos, os quais serão elencados nesse subcapítulo.

Segundo Marques (1990), com as mudanças nos processos de produção, a indústria charqueadora foi lentamente sendo substituída pelas indústrias frigoríficas. Segundo ele, os primeiros indícios foram logo no começo do século XX, com o surgimento de fábricas de conservas enlatadas como as de extrato de carne, línguas e rabadas. Essa situação pode ser vista em Santa Thereza com a criação, em 1903, da fábrica de línguas em conserva Paysandú de McCall & Co. Ltd. (BOUCINHA, 2008).

Em 1931, Fernandez (1939) revelava também uma intensa crise no setor saladeiril. Segundo ele, os charqueadores vinham passando por prejuízos constantes, sem perspectivas de melhoras para o futuro. As indústrias de derivados, a invenção das máquinas frigoríficas e até mesmo o modal de transporte utilizado foram os precursores da queda da economia do charque. Este fato contribuiu para significativas mudanças que afetaram as ambiências saladeiris. Como veremos a seguir, os impactos se manifestaram nas edificações de produção, nas residenciais e também naquelas voltadas ao lazer da população que vivia nestes locais.

A indústria saladeiril não estava conectada ao setor de ponta da economia do Brasil, o que, conforme Pesavento, dificultava a inserção do capital estrangeiro no setor:

Em 1912 realizou-se uma breve associação do proprietário da charqueada Santa Thereza, de Bagé - Visconde de Ribeiro Magalhães - com uma companhia inglesa, da qual resultou a Anglo Brazilian Meat Company, para a montagem de um frigorífico. O deflagrar da guerra e o retraimento dos capitais estrangeiros determinaram o fracasso deste projeto (PESAVENTO, 1985, p. 64).

Outro fator que pode ter contribuído para a decadência do período do charque foi a dependência da ferrovia como sistema de transporte. Nessa

perspectiva, observa-se as informações do Visconde de Ribeiro Magalhães narradas em correspondência ao Governador Borges de Medeiros, que revelam o descontentamento dos proprietários desses empreendimentos na década de 1920 (NEUTZLING, 2009).

De acordo com os relatos, no ano de 1919, o Visconde apontava para um possível “complô” entre a empresa de viação férrea e os proprietários dos frigoríficos, visto que havia solicitado trens para o transporte de gado e em resposta a viação afirmou que a finalidade dos vagões seria apenas para o transporte de mercadorias. Assim, o Visconde afirmava que o estoque das charqueadas não seria enviado, dificultando o funcionamento desses estabelecimentos do interior do Estado.

O transporte ferroviário, de fato, passou a ser insuficiente para atender às necessidades do escoamento da produção do estado do Rio Grande do Sul. Isso se dava em decorrência de uma falta de gerenciamento. Faltavam vagões, existiam atrasos e também a falta de condições necessárias que assegurassem um transporte seguro de produtos (PESAVENTO, 1985).

De acordo com Pesavento (1985), embora as charqueadas fossem a empresa manufatureira mais típica da região de pecuária tradicional, elas se tornaram um setor econômico em declínio no final do século XIX. É importante notar que as charqueadas não conseguiram se atualizar tecnologicamente para se tornarem uma empresa de processamento de carne mais avançada, como um frigorífico. Essa falta de modernização contribuiu para a crise econômica enfrentada por esses estabelecimentos na época.

Sugere-se que a falta de modernização tecnológica e a dependência de sistemas de transporte ultrapassados foram alguns dos fatores determinantes para o declínio da produção do charque, afetando a economia local.

De certa forma, é de significativa importância a modernização das indústrias charqueadoras assim como dos meios de transporte para a sustentabilidade financeira e social de uma região, especialmente em um contexto de mudanças no mercado e na demanda por produtos.

Assim, os núcleos e edificações fabris acabavam passando por um processo de obsolescência, que culminou na substituição ou desaparecimento total destes bens. Além da ação do tempo e das práticas humanas (ou a falta

delas), as mudanças de função e de usos das edificações acabavam por conferir às obras um estado obsoleto, como afirma Maia:

(...) a mudança dos tempos, que acaba por desencadear esta destruição, começando pela destruição das funções. A obsolescência funcional é um dos maiores motivos para a existência deste problema, a mudança dos valores, da sociedade e dos seus modos de vida, faz com que seja forçosa a mudança no tipo de espaços, no tipo de edifícios (MAIA, 2019, p.2).

Com as transformações econômicas e industriais, os núcleos e edificações fabris acabavam passando por um processo de obsolescência, que culminou na substituição ou desaparecimento total destes bens. Essa é uma realidade que ocorreu no âmbito da indústria charqueadora, ao ser substituída gradualmente pelos frigoríficos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o período do charque do final do século XIX as charqueadas Industrial e Santa Thereza foram responsáveis por significativos avanços econômicos para a região sul do Rio Grande do Sul, em especial à cidade de Bagé, onde foram implantadas.

A prática de produção saladeiril, realizada nas charqueadas, se tornou uma importante fonte de subsistência para muitas pessoas da região. Com a crescente demanda pelo produto, houve uma necessidade de modernização nas técnicas de produção, o que trouxe avanços significativos para a indústria e para a economia local.

Ao longo deste trabalho, a bibliografia consultada e as análises realizadas demonstraram a relação da produção saladeiril com o crescimento econômico do município de Bagé. A complexidade dos estabelecimentos saladeiris, em especial as charqueadas Industrial e Santa Thereza, revelaram a relação que se estabeleceu entre os espaços de produção do charque e a consolidação da área urbana. Essas relações auxiliaram a compreender a importância da produção saladeiril na região, e instigaram a inquietações sobre novas reflexões, que puderam ampliar esse entendimento no decorrer da dissertação.

O primeiro capítulo analisou o contexto de inserção das charqueadas no Rio Grande do Sul a partir de uma ótica sobre os meios de transporte. Os cursos d'água e ferrovias desempenharam um papel fundamental no surgimento e manutenção das charqueadas no Rio Grande do Sul durante os séculos XVIII e XIX.

As ferrovias facilitaram o transporte de carnes salgadas e secas produzidas nas charqueadas, permitindo a expansão dos estabelecimentos em direção ao interior do estado e portos de exportação. Já os cursos d'água, como o Rio Camaquã, Jacuí, Jaguarão e canal São Gonçalo, permitiram o transporte fluvial de produtos e insumos, além de serem importantes fontes de água para a produção do charque.

Foi a partir da criação das charqueadas, em Bagé, no fim do século XIX, que se estabeleceram grandes mudanças econômicas, culturais e sociais para o desenvolvimento da cidade. A vida cotidiana dos moradores da cidade, bem

como daqueles que moravam no entorno dos estabelecimentos saladeiris, foi significativamente impactada com a ascensão da economia do charque.

As áreas de apoio à indústria charqueadora, como a ferrovia, os caminhos fluviais, campos de criação e matadouro público e tablada foram analisados no segundo capítulo. A criação de gado para a produção do charque dependia da disponibilidade de grandes áreas de pastagens e dos transportes de animais para os matadouros, que muitas vezes estavam localizados em regiões afastadas dos centros urbanos.

A situação das charqueadas Industrial e Santa Thereza foi diferente. A proximidade dos campos de criação, principalmente os de propriedade do visconde, podem ter facilitado o abastecimento de gado para as charqueadas, encurtando distâncias e reduzindo os custos de transporte.

Sem as áreas de apoio, a indústria charqueadora não seria capaz de atender à demanda do mercado e manter sua posição como uma das principais atividades econômicas em muitas regiões do Brasil.

Diante do interesse em aprofundar os estudos sobre o complexo, o terceiro e quarto capítulos deste trabalho apresentaram algumas características e percepções observadas através da visualidade presente nas fotografias do complexo fabril-charqueador da Charqueada Santa Thereza e Charqueada Industrial. É fundamental compreender o contexto histórico e social em que as imagens foram produzidas e a partir disso, refletir sobre as desigualdades e hierarquias de poder que ainda marcam a sociedade brasileira.

A produção da cultura material permitiu a compreensão sobre algumas particularidades do funcionamento e espacialidade do estabelecimento saladeril. Através das narrativas dos jornais, relatos de moradores e ex-moradores do local, e das imagens fotográficas, buscou-se elaborar entendimentos sobre como os espaços eram vividos. Entre a representação da arquitetura residencial e dos espaços de trabalho e lazer, as vestimentas, os veículos de transporte e posicionamento das pessoas presentes nas imagens revelaram características fundamentais para a compreensão social.

Em relação a arquitetura, foram analisadas as edificações e espaços abertos que compreendem o núcleo da charqueada, incluindo as vilas residenciais de operários.

O palacete, símbolo da riqueza e poder dos donos das charqueadas, foi representado de forma imponente, com sua grandiosidade e ornamentos, enquanto as vilas residenciais dos operários receberam pouca atenção e foram relegadas a um papel secundário. Essa diferença de tratamento nas representações das edificações pode ser interpretada como um reflexo da desigualdade social que permeava a sociedade.

Ao final, os avanços tecnológicos, econômicos e culturais impactaram de maneira significativa os complexos industriais, levando à transformação ou extinção de diversas atividades. O surgimento das indústrias frigoríficas e o declínio da atividade charqueadora afetou a configuração espacial de Industrial e Santa Thereza.

Em suma, a análise realizada ao longo deste trabalho permitiu investigar algumas convicções existentes sobre as charqueadas em Bagé. A partir da análise, foi relevante destacar a importância da reflexão crítica perante as desigualdades sociais existentes e que eram, muitas vezes romantizadas e idealizadas e nas produções feitas na época.

A realização de estudos e pesquisas acerca do tema proposto buscou contribuir para fomentar discussões sobre a preservação destes espaços fabris. Buscou, ainda, apresentar a importância do reconhecimento e da salvaguarda dos exemplares da arquitetura industrial, em consonância com as reflexões contemporâneas do campo disciplinar, que ressalta a ampliação tipológica dos bens passíveis de patrimonialização.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Júlia Lopes. **Jornadas no meu país**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1920.

ALVES, Isadora Baptista. **Entre Charqueadas**: Um caminho de memórias. Diretrizes de Preservação para as Vilas Santa Thereza e Industrial – Bagé/RS. 2019. Trabalho Final de Graduação (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ARÍS, Carlos Martí Arís. **Las Formas de la Residencia en la Ciudad Moderna**: Vivienda y Ciudad en la Europa de Entreguerras. Barcelona: Universidad Politécnica de Cataluña, 1991.

BARDA, Marisa. **A importância da arquitetura vernacular e dos traçados históricos para a cidade contemporânea**. 2007. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAUUSP), São Paulo, 2007.

BENEVOLO, Leonardo. **As Origens da Urbanística Moderna**. Lisboa: Presença, 1994.

BICA, A. Uma miragem sobre o processo de formação do município de Bagé no contexto rio-grandense e fronteiriço. In: **Estudios Históricos**. Uruguay: dezembro de 2017.

BOLZAN, Greyci Backes; *at al.* O Relógio Urbano: a vida regrada pelo tempo da fábrica. In: Seminário de História das Artes, 2017, Pelotas. **Revista Seminário História das Artes**. Pelotas: Ed. UFPel, 2017. v. 6. p. 1. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11568>> Acesso em: 20 set. 2021.

BOUCINHA, Claudio Antunes. **A História das Charqueadas de Bagé (1891 – 1940) na Literatura**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 1993.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Presidência da República, (2023). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em 06 nov. 2023.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

- CANABARRO, Ivo dos Santos. Fotografia e História: questões teóricas e metodológicas. **Visualidades**, v. 13, n. 1 p. 98-125. 2015.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contextos, 2011.
- CORONA, Fernando. Formas arquitetônicas no Rio Grande do Sul – influência do espírito do colonizador na planta horizontal da casa de morada. In: SILVA, Morency do Couto (org). **Rio Grande do Sul imagem da terra gaúcha – a obra documentária do estado sulino, fronteira extrema do Brasil**. Porto Alegre: Ed. Cosmos, 1942, p.174-180.
- CORSETTI, Berenice. **Estudo da charqueada escravista gaúcha no século XIX**. 1983. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, 1983.
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo - Utopias e Realidades**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- CHOAY, Françoise. **Patrimônio em Questão: Antologia para um Combate**. Belo Horizonte: Editora Fino Traço, 2011.
- DOMECQ, Ramon Monte. **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Thomas, 1916.
- FAGUNDES, Elisabeth Macedo de. **Inventário Cultural de Bagé**. Um passeio pela história. 2 ed., Porto Alegre: Praça da matriz/Evangraf, 2012.
- FERREIRA, Adriana. Gonçalves. **A preservação da memória da Vila Santa Thereza em Bagé RS/Brasil, a partir do audiovisual e das ações da sociedade civil**. 2020. Dissertação (Mestrado Profissional em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Santa Maria, 2020.
- FERNANDEZ, Cassiano Alberto Lorenzo. **Nova era para a indústria do charque**. Rio de Janeiro: Tipografia Esperantista, 1939.
- FREUND, Alexander. História oral como processo gerador de dados. **Tempos Históricos**, Marechal Cândido Rondon, v. 17, n. 2, p. 28-62, 2013.
- GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense**. Pelotas: Ed. Universitária/UFPel, 2001.
- _____. **Barro e sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária UFPel, 2004. 549p.
- _____; NEUTZLING, Simone. O patrimônio urbano da rainha da fronteira. Bagé. RS. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 3, n. 5, p. 71 – 86, abr./jul. 2011. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/15>. Acesso em 22 de mar. de 2023
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

IPHAE (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado). **Patrimônio Ferroviário no Rio Grande do Sul: Inventário das Estações 1874-1959**. Porto Alegre: Pallotti, 2002.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. 4°. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. **Bagé: Relatos de sua História**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.

LUCCAS, Luís Henrique. Estância e fazendas do Rio Grande do Sul: arquitetura tradicional da pecuária. **2º Seminário de Patrimônio Agroindustrial, Lugares de memória**. São Carlos: EESC/USP, 2010.

LLOYD, Reginald. **Impressões do Brasil no Século Vinte: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos**. Lloyd's Greater Britain Publishing Company, Ltd., Inglaterra, 1913.

MARQUES, Alvarino da Fontoura. **Evolução das charqueadas rio-grandenses**. Martins Livreiro – Editor. Porto Alegre, 1990.

MAUAD, Ana Maria. **Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação Social da Classe Dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do Século XX**. Tese de Doutorado. Niterói, ICHF, Universidade Federal Fluminense, 1990.

_____. Através da imagem: Fotografia e História interfaces. In: **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98.

_____. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, v. 13, n. 1, p. 133-174, 2005.

_____. **Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografias**. Niterói: Editora da UFF, 2008.

_____; LOPES, Marcos Felipe de Brum. "História e Fotografia." In: CARDOSO, Ciro.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

_____. Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas. **Revista Maracanan**, v. 12, p. 25-32, 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/20858/15284>>. Acesso em: 21 de dezembro de 2022.

MEIHY, José Carlos. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MONASTIRSKY, Leonel Brizolla. Espaço Urbano: memória social e patrimônio cultural. **Revista Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 323-334, jul./dez. 2009.

MONTE DOMECCO & CIA. **O Estado do Rio Grande do Sul**. Barcelona: Thomas, 1916, 584p.

NEUTZLING, Simone Rassmussen (coord.). **Inventário para dossiê de tombamento do centro histórico de Bagé**. 2009. (Relatório Técnico). Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura.

OLIVER, Paul. **Build to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture**. Amsterdam, Boston, London: Architectural Press, 2006.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de; SEIBT, Maurício. **Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2005.

PÉREZ, Gustavo; TEJADA, Guillermo. **Análise da Cooperativa Industrial Regional de Carnes e Derivados**. Trabalho submetido para obtenção de grau de pós-graduação em Agroindústrias. Porto Alegre, fevereiro de 1979

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República Velha Gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1980.

_____. **História da indústria sul-rio-grandense**. Guaíba: RIOCELL, 1985.

_____. **Pecuária e Indústria: formas de realização do capitalismo na sociedade gaúcha do século XIX**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1986.

PIMENTEL, Fortunato. **Aspectos Gerais de Bagé**. Porto Alegre: Tipographia Gundlach, 1940.

REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé**. Bagé: Typ. Do Jornal do Povo, 1911.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1978.

RIET, Delfino. **Estância Moderna**. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1926.

RHODEN, Luiz Fernando. **A fronteira sulina do Brasil na primeira metade do Século XIX: traçados urbanos e arquitetura**. 2005. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2005.

RUFINONI, Manoela Rossinetti. Do edifício ao território: o patrimônio urbano industrial na trajetória do CONDEPHAAT (1968-2018). **Arq.urb: Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo**, (26), 44-60, 2019.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 27, p. 1-18, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.22456/1983-201X.102266>>. Acesso em 07 de fev. de 2023.

SCHMITZ, Maira Eveline. Ferrovia na Província de São Pedro: o caso da estrada de ferro Rio Grande – Bagé. In: ANDRADE, Gustavo; PADOIN, Maria Medianeira; ISMÉRIO, Clarisse (orgs.). **História de Bagé: novos olhares** (livro eletrônico). Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2021

SOARES, Fernanda Codevilla. **Santa Thereza: Um Estudo sobre as Charqueadas da Fronteira Brasil-Uruguaí**. Dissertação (Mestrado em Integração Latino Americana) - Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, 2006.

CUNHA, Guilherme Flores da. Impressões sobre Bagé. In: TABORDA, Tarcísio. **A Cidade Sonho**. Antologia e Impressões de Bagé. Bagé: Tipografia Cetuba, 1958.

DOCUMENTÁRIO

DOCUMENTÁRIO VILA DE SANTA THEREZA. Roteiro e direção: Adriana Gonçalves Ferreira. Produção e realização: Ponto de Cultura Pampa Sem Fronteiras. Projeto Inventar com a Diferença. Associação Pró Santa Thereza. Montagem: Marizele Garcia. Ponto de Cultura Pampa sem Fronteiras, 2020. 1 vídeo (65 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4z8lQrwtaU&t=116s&ab_channel=PontodeCulturaPampaSemFronterias>. Acesso em: 14 fev. 2023.

ACERVOS CONSULTADOS

1. Arquivo Público Municipal Tarcísio Taborda

Mapas e Plantas

Luis D. Silveira. Planta dos campos que constituem a Xarqueada Santa Thereza, 1924.

2. Museu Dom Diogo de Souza

Livros

GUIA ILUSTRADO COMERCIAL, INDUSTRIAL E PROFISSIONAL DE BAGÉ. Editora **Guias Ilustrados Municipais**, 1937. Museu Dom Diogo de Souza.

Mapas

Mapa do Município de Bagé com divisões distritais, 1894.

Mapa do Município de Bagé, 1943.

Mapa do Município de Bagé, 1945.

Jornais

Andradina de Oliveira. **Uma visita à Vila de Santa Teresa**, 1915.

VISCONDE DE MAGALHÃES. **Correio da Europa**, Lisboa, 13 de setembro de 1913. Edição brasileira e ultramarina, nº 30, s. p.

AS NOSSAS GRAVURAS: Os estabelecimentos Santa Thereza e Industrial. **O Dever**, Bagé 05 de outubro de 1911.

ARBORIZAÇÃO DE UMA AVENIDA. **O Dever**, Bagé, 26 de setembro de 1915.

UM HOMEM NA COMPLETA ACCEPÇÃO DO TERMO E SUA OBRAS. **O Dever**, Bagé, 12 de outubro de 1922.

TYPOS E FIGURAS: Visconde Ribeiro de Magalhães. **O Independente**, Porto Alegre, 19 de janeiro de.

VISCONDE DE RIBEIRO MAGALHÃES. **O Commercio**, Bagé, 05 de outubro de 1906, nº 3.242, s. p.

ANEXO A – ROTEIRO BÁSICO DE ENTREVISTA

FICHA TÉCNICA

01. Nome
02. Idade
03. Profissão
04. Estado Civil
05. Escolaridade
06. Tem filhos? Qual a profissão deles?
07. Local em que mora. Sempre morou neste lugar?
08. Nomes dos pais e profissão deles

TRABALHO

09. Alguns dos seus familiares trabalharam nas charqueadas? Que atividades realizavam?
10. Como eram as relações de trabalho dos seus familiares neste local?
11. Quem eram os colegas de profissão? Também moravam no local?

ENSINO

12. Onde estudou durante a infância?
13. Seus colegas também eram moradores da Vila?
14. E os professores?
15. Existiam outras escolas no local?

SAÚDE/COMÉRCIO

16. Como era o comércio local? Se encontrava tudo que era necessário?
17. Em quais casos era necessário ir ao centro da cidade?

LAZER

18. O que lhe contaram sobre a vida nesse local?
19. Sobre as atividades de lazer. Como você vivenciam neste local e como os familiares vivenciaram antigamente?

TRANSFORMAÇÕES/PRESERVAÇÃO

20. Quais foram as transformações mais significativas que viu acontecer neste local?
21. Quais os aspectos positivos dessas transformações?
22. Quais os aspectos negativos dessas transformações?
23. Ainda existem lugares ou edificações que remetem às histórias dos teus antepassados? Que lugares são esses?
24. Você considera importante a preservação desses lugares? Porque?
25. Se você fosse o responsável a cuidar deste lugar, o que você faria?
Para os moradores de hoje e gerações futuras.
26. Quais são as principais características e diferenças sobre morar em um local onde são realizadas atividades vinculadas à pecuária?
27. Quais são as mudanças consideráveis que ocorreram na comunidade ao longo do tempo?
28. Eram frequentes as missas realizadas na Igreja Santa Thereza/Cristo Redentor?
29. O que você sabe sobre o Visconde de Ribeiro Magalhães?

APÊNDICE A – SINOPSE DOS ENTREVISTADOS

Interlocutora M.L.C.P.

Nasceu e vive até hoje em Santa Thereza. Filha de trabalhadores da charqueada, relata suas memórias sobre a época em que sua mãe trabalhava na fábrica de línguas enlatadas McCall & Cia Ltda. e seu pai na charqueada Santa Thereza. Atualmente tem 86 anos, é professora aposentada e lecionava na Escola Anna Moglia, em Santa Thereza. Ela menciona o período das safras, as trocas de alimentos por carne e a convivência com os vizinhos nas vilas residenciais concedidas pela fábrica. Entrevista realizada em 27/10/2022 na casa da interlocutora, em Santa Thereza.

Interlocutora M.M.O.

Nasceu e vive até hoje em Santa Thereza. Ela relembra suas memórias de infância e experiências de morar perto da charqueada. Menciona o rancho de torrão em que cresceu, as condições de trabalho na época da charqueada e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo no local. Atualmente com 88 anos, ela fala com muito carinho sobre a comunidade local, incluindo a sua participação em bailes e procissões religiosas. Entrevista realizada em 27/10/2022 na casa da interlocutora, em Santa Thereza.

Interlocutora C.F.S.

Cresceu com sua família em Santa Thereza. Tinha uma ligação com o matadouro SISPAL²⁹, onde seu pai trabalhava como mecânico. Ela compartilha suas lembranças da época, incluindo detalhes sobre as casas dos funcionários, o fechamento da SISPAL e a vida na comunidade, que incluía atividades de lazer como apresentações teatrais e bailes. Entrevista realizada em 26/12/2022 via Google Meet.

²⁹ Sociedade Industrial de Subprodutos Animais Ltda., foi o primeiro frigorífico a ser instalado em Bagé, em 1939 (BOUCINHA, 2010). Localiza-se próximo à Capela Santa Thereza e Teatro Santo Antônio.

Interlocutor A.B.N.

Tem 82 anos e uma significativa história relacionada à Charqueada Industrial. Ele descreve sua experiência trabalhando na charqueada, assim como a vida familiar e social na época. Compartilha detalhes sobre o trabalho de seu pai como chefe do abate, as questões raciais existentes na empresa, os salários e as condições de trabalho naquele período. Entrevista realizada em 26/10/2022 na casa do interlocutor.